



PROFHISTÓRIA

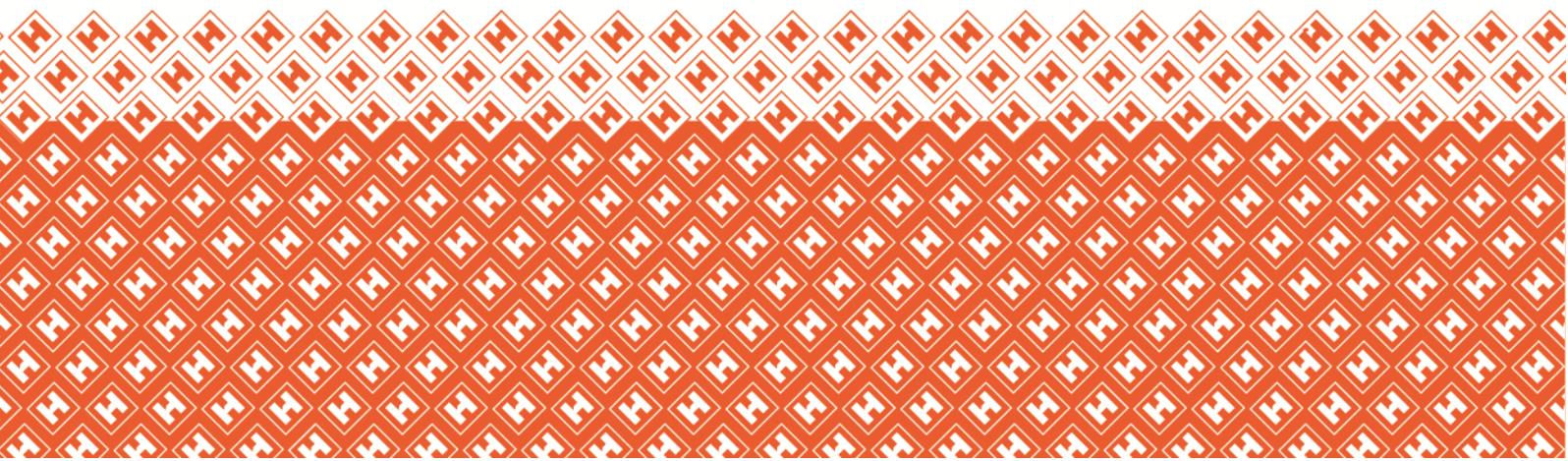
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

FLÁVIA PIRES DE ALMEIDA

**ENIGMAS E EXPECTATIVAS:
escavando o passado e os registros
fósseis de Cruzeiro do Oeste com os
estudantes de sexto ano do Colégio
Cívico-Militar de Cruzeiro do Oeste –
Paraná**

Universidade Estadual do Paraná – Unespar

Fevereiro / 2024



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
NÍVEL DE MESTRADO PROFISSIONAL – PROFHISTÓRIA**

FLÁVIA PIRES DE ALMEIDA

**ENIGMAS E EXPECTATIVAS: escavando o passado e os registros fósseis
de Cruzeiro do Oeste com os estudantes de sexto ano do
Colégio Cívico-Militar de Cruzeiro do Oeste – Paraná**

**CAMPO MOURÃO – PR
2024**

FLÁVIA PIRES DE ALMEIDA

**ENIGMAS E EXPECTATIVAS: escavando o passado e os registros fósseis
de Cruzeiro do Oeste com os estudantes de sexto ano do
Colégio Cívico-Militar de Cruzeiro do Oeste – Paraná**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Ensino de História

Linha de Pesquisa: Saberes históricos nos espaços escolares

Orientador: Dr. Michel Kobelinski

**CAMPO MOURÃO – PR
2024**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Pires de Almeida, Flávia

Enigmas e Expectativas: escavando o passado e os registros fósseis de Cruzeiro do Oeste com os estudantes de sexto ano do Colégio Cívico Militar de Cruzeiro do Oeste Paraná / Flávia Pires de Almeida. -- Campo Mourão-PR, 2024.

159 f.: il.

Orientador: Michel Kobelinski.

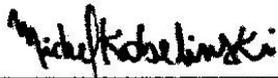
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História) -- Universidade Estadual do Paraná, 2024.

1. Ensino de História. 2. História Local. 3. História Oral. 4. Protagonismo juvenil. 5. Pedagogia Histórica Contextualizada. I - Kobelinski, Michel (orient). II - Título.

FLAVIA PIRES DE ALMEIDA

**ENIGMAS E EXPECTATIVAS: ESCAVANDO O PASSADO E OS REGISTROS
FÓSSEIS DE CRUZEIRO DO OESTE COM OS ESTUDANTES DE SEXTO ANO DO
COLÉGIO MILITAR DE CRUZEIRO DO OESTE – PARANÁ**

BANCA EXAMINADORA



Dr. Michel Kobelinski (orientador) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória/Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dr. Jorge Pagliarini Junior – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória/Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dr. Lucas César Frediani Sant'ana – Instituto Federal do Paraná – IFPR

Data de Aprovação

19/02/2024

Campo Mourão – PR

**Este trabalho é dedicado aos amores da
minha vida, meu esposo Marcos Aurélio
Assolini, minha filha Eduarda Pires Assolini
e minha mãe Laudete Maria de Almeida,
por todo apoio, compreensão e incentivo. Ao
meu pai, (in memoriam), Aristides
Aparecido Pires de Almeida.**

AGRADECIMENTO

Foram dois anos intensos de muita dedicação, abdições, angústias e pequenas vitórias diárias para chegar até aqui. Chegar ao fim do mestrado é um misto de emoções, é orgulhar-se de si mesmo e agradecer as pessoas que contribuíram para que a missão fosse cumprida. Sim! Ao olhar para trás hoje, o sentimento de gratidão é imediato.

Ao longo da minha jornada, enquanto mestranda em Ensino de História, o auxílio de pessoas queridas, me fez superar o desafio de enfrentar semanalmente quarenta horas/aulas em sala de aula como professora e ao mesmo tempo continuar com meus compromissos de mãe, esposa, filha, de encarar madrugadas de estudos e pesquisas para poder dar conta desta empreitada e de ser surpreendida no meio do caminho com a aprovação do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE – ofertado pela Rede Estadual de Ensino do Paraná.

É realmente não foi fácil! Enfrentar toda essa carga e pressão, só foi possível, pela Graça de Deus e à Virgem Maria, que me deram força e sabedoria para lidar com tantas coisas ao mesmo.

O carinho, as palavras, as orações e os pequenos atos de amor dentro de casa, como o de fazer um lanchinho e levá-lo até o quarto de estudos, o de levar uma água fresquinha, de preparar o almoço, o jantar, as orações para me fortalecer; fizeram-me motivada a seguir. Meu esposo, minha filha e minha mãe, sem dúvida foram os que estiveram mais próximos de mim nesse processo, muitas vezes abrindo mão de minha presença e atenção e aguentando o meu estresse, insegurança e nervosismo. A eles, o meu agradecimento especial e pedido de desculpas, por nem sempre estar presente nesse período, como eu gostaria e deveria.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Michel Kobelinski, pela sua competência e profissionalismo, que me inspirou com todo o seu dinamismo de pesquisador. Por sua dedicação, por vezes deixar de lado seus momentos de descanso para me ajudar e me orientar. Agradecer a relação de parceria e amparo da conduta deste trabalho, na partilha do saber, o que contribuiu para o meu crescimento como pesquisadora. Por ter acreditado e depositado sua confiança ao longo desses dois anos em mim e me mostrado que é possível.

Agradecer a banca examinadora desta pesquisa, o Prof. Dr. Jorge Pagliarini Júnior, pelas importantes considerações que guiaram a confecção final deste trabalho e também, ao Prof. Dr. Lucas Cesar Frediani, cujas observações foram igualmente imprescindíveis.

O meu respeito, aos professores do Mestrado, todos aqueles os quais tive a honra de poder compartilhar de seus conhecimentos, seja durante as disciplinares cursadas, ou mesmo,

nas conversas pelos corredores da universidade. Tais agradecimentos são destinados ao Prof. Dr. Bruno Flávio Lontra Fagundes, Prof.^a Dra. Cyntia Simioni França, Prof.^a Dra. Eulália Maria Aparecida de Moraes, Prof. Dr. Federico José Alvez Cavanna, Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello, Prof. Dr. Ricardo Tadeu Caires Silva e, mais uma vez, para o Prof. Dr. Jorge Pagliarini Júnior.

Aos meus colegas de curso, que no convívio em sala de aula, nos grupos de estudos, viagem de congresso, em conversas e trocas durante nossos almoços e cafés da manhã: Adriana Remor, André Felipe Svolinski, Ellen Karen Velasco Silva, Fábio Augusto Bertuol, Francisco Lopes da Silva, Gelssi Marli Müller Ferreira, Ilda Aparecida de Souza, Mariele de Fátima Cunico e Tiago Galinski da Silva, obrigadas meus colegas de caminhada.

Por fim, quero agradecer aos meus queridos estudantes do Colégio Estadual Cívico Militar de Cruzeiro do Oeste, os quais foram fundamentais para a realização e sucesso deste trabalho, assim, como de maneira especial, ao senhor Antônio Gustavo Dobruski e equipe do Museu de Paleontologia de Cruzeiro do Oeste, representada pela pesquisadora Neurídes Martins e pela diretora Prof.^a Vanda Aparecida Bueno Santana, que se dispuseram em doar parte do seu tempo para ampliação do conhecimento de meus estudantes.

RESUMO

ALMEIDA, Flávia Pires de. **Enigmas e expectativas:** escavando o passado e os registros fósseis de Cruzeiro do Oeste com os estudantes de sexto ano do Colégio Estadual Cívico Militar Cruzeiro do Oeste – Paraná. 157f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Mestrado Profissional. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2024.

A presente pesquisa, vinculada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), dentro da linha de pesquisa “Saberes Históricos nos Espaços Escolares”, visa aproximar os conteúdos da disciplina de História dos alunos de sexto ano do Colégio Cívico Militar, localizado em Cruzeiro do Oeste, Paraná. A pesquisa e as atividades desenvolvidas para e com o alunado e públicos procuram valorizar suas vivências, expectativas e protagonismo em torno da aprendizagem, do estudo e da intervenção escolar e pública relacionada a uma temática não convencional em História: a paleontologia. Desde as descobertas de fósseis de pterossauros e dinossauros na cidade, a criação do Museu Paleontológico, bem como a sua divulgação científica (nacional e internacional) e o incentivo ao turismo, o fenômeno “dinomania” da Cultura Pop da década de 1990 foi reavivada nesse município. A convivência da comunidade com informações, exposições e réplicas de animais extintos espalhadas por praças, parques e museus despertou o interesse da comunidade. Igualmente, a curiosidade e o encantamento das crianças com essa temática nos permitiram levantar alguns questionamentos: como trabalhar os conteúdos de paleontologia nas aulas de História? De que forma a História Oral e a História Pública podem contribuir para a formação intelectual e identitária desses alunos? E, afinal, os instrumentos de ensino e de pesquisa em História podem contribuir para o engajamento e o protagonismo dos alunos nos espaços públicos, sobretudo em museus? Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizamos uma metodologia que entrelaça a História Local, a História Oral e a História Pública a fim de analisar a relação entre os documentos e as experiências ligadas a memórias individuais e coletivas voltadas para a formação identitária. Dessa forma, apresentamos uma *Pedagogia Histórica Contextualizada*, fundamentada na interdisciplinaridade e no protagonismo dos estudantes e comunidade.

Palavras-chave: Ensino de História, História Local, História Oral, Protagonismo juvenil, *Pedagogia Histórica Contextualizada*.

ABSTRACT

ALMEIDA, Flávia Pires de. **Riddles and expectations:** excavating the past and the fossil records of Cruzeiro do Oeste with the sixth-year students of Colégio Estadual Cívico Militar Cruzeiro do Oeste – Paraná. 157f. Dissertation. Professional Master's Degree in History Teaching. State University of Paraná, Campo Mourão Campus. Campo Mourão, 2024.

This research, linked to the Stricto Sensu Graduate Program Professional Master's Degree in History Teaching (ProfHistória), within the research line "Historical Knowledge in School Spaces", aims to approximate the contents of the history discipline of the sixth-year students of the Colégio Cívico Militar, located in Cruzeiro do Oeste, Paraná. The research and activities developed for and with the students seek to value their experiences, expectations and protagonism around learning, study and school and public intervention related to an unconventional theme in history: paleontology. From the discoveries of pterosaur and dinosaur fossils, the creation of the Paleontological Museum, scientific dissemination (national and international) and the encouragement of tourism, the "dinomania" phenomenon of Pop Culture of the 1990s was revived in this municipality. The community's coexistence with information, exhibitions and replicas of extinct animals scattered throughout squares, parks and museums aroused the community's interest. Likewise, the curiosity and enchantment of children with this theme allowed us to raise some questions: How to work the contents of paleontology in history classes? How can Oral History and Public History contribute to the intellectual and identity formation of these students? And, after all, can the instruments of teaching and research in history contribute to the engagement and protagonism of students in public spaces, especially in museums? For the development of this research, a methodology that intertwines Local History, Oral History and Public History was used to analyze the relationship between documents and their experiences related to individual and collective memories focused on identity formation, resulting in a Contextualized Historical Pedagogy, based on interdisciplinarity and the protagonism of students.

Keywords: History teaching, Local History, Oral history, Youth protagonism, Contextualized Historical Pedagogy.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	– Imagem da garra de um fóssil do <i>Verspersaurus paranaense</i>	19
FIGURA 2	– Localização geográfica de Cruzeiro do Oeste.....	21
FIGURA 3	– Vista aérea de Cruzeiro do Oeste.....	24
FIGURA 4	– Colégio Estadual Cívico Militar Cruzeiro do Oeste.....	25
FIGURA 5	– Oleiro e vaso de barro.....	29
FIGURA 6	– Associação do trabalho do historiador com o trabalho do detetive.....	32
FIGURA 7	– Referência de histórias em quadrinhos.....	33
FIGURA 8	– Quadro <i>Girafa em Chamas</i>	36
FIGURA 9	– Pinturas rupestres de araucárias, inéditas.....	50
FIGURA 10	– Alexandre Gustavo Dobruski retirando blocos de rocha contendo fósseis.....	51
FIGURA 11	– Panorama paranaense de sítios arqueológicos.....	53
FIGURA 12	– Ilustração de fóssil de uma preguiça-gigante.....	55
FIGURA 13	– Elementos identitários da “Dinocultura”.....	56
FIGURA 14	– Sala de aula do início do século XX.....	58
FIGURA 15	– Sugestões de definições para espaço formal e não-formal de educação.....	64
FIGURA 16	– Visita ao Museu de Paleontologia de Cruzeiro do Oeste.....	67
FIGURA 17	– Desenhos dos estudantes.....	68
FIGURA 18	– Coletividade e mão na massa.....	71
FIGURA 19	– Exposição realizada pelos estudantes na escola.....	72
FIGURA 20	– Exposição recebe a visita da prefeita municipal e da equipe do Museu de Paleontologia de Cruzeiro do Oeste.....	73
FIGURA 21	– O mais completo e bem preservado dinossauro do país, pertencente à família dos terópodes.....	74
FIGURA 22	– Espaço externo do Museu de Paleontologia de Cruzeiro do Oeste.....	74
FIGURA 23	– Fachada do Museu de Paleontologia de Cruzeiro do Oeste.....	75
FIGURA 24	– Instalação de origamis na sala de recepção do museu.....	78

FIGURA 25	–	Produção de origamis de pterossauros.....	78
FIGURA 26	–	Visitação dos pais e/ou responsáveis e de estudantes da região.....	79
FIGURA 27	–	Organização da entrevista.....	81
FIGURA 28	–	Entrevista com a pesquisadora Neurides Martins.....	82
FIGURA 29	–	Relato da estudante Emilly Veiga.....	84
FIGURA 30	–	Organização da entrevista com o senhor Dobruski.....	85
FIGURA 31	–	Entrevista na Praça com o senhor Dobruski.....	86
FIGURA 32	–	Relato do estudante Davi Tomaz sobre a experiência com o senhor Dobruski.....	87
FIGURA 33	–	Trabalho de muitas mãos.....	90
FIGURA 34	–	Desenho como meio de comunicação.....	95
FIGURA 35	–	Organização e recepção – Semana Nacional dos Museus.....	96
FIGURA 36	–	Produto desenvolvido pelos estudantes para outros estudantes.....	97
FIGURA 37	–	Exposição: Um monte de ossos? Inspiração e protagonismo.....	98
FIGURA 38	–	Instrumentos e reagentes utilizados pela paleontologia – curiosidade e conhecimento.....	99
FIGURA 39	–	Equipe de paleontólogos fazendo as primeiras observações no local onde foram encontrados os primeiros fósseis.....	102
FIGURA 40	–	Livro <i>Museus & Fósseis da Região Sul do Brasil</i> e o 12º capítulo – “Um pterossauro na gaveta”.....	103
FIGURA 41	–	Relato da estudante Ana Casemiro	105
FIGURA 42	–	Opinião pública sobre a importância da pesquisa	107
FIGURA 43	–	Relato da estudante Ana Nakagawa	109
FIGURA 44	–	Lançamento do Projeto Geoparque Caiuá em agosto de 2023.....	113

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1: INTERDISCIPLINARIDADE E ENSINO DE HISTÓRIA	29
1.1 O ensino de História e as fontes históricas	30
1.2 Interdisciplinaridade como perspectiva histórica	36
1.3 Interdisciplinaridade: interfaces com a educação	41
1.4 Arqueologia, Paleontologia e Públicos: o papel educativo nas escolas	46
CAPÍTULO 2: CAMINHOS PARA UMA PEDAGOGIA HISTÓRICA CONTEXTUALIZADA	58
2.1 Aprendizagem baseada em projetos como prática educativa	59
2.1.1 <i>Conhecendo a superfície</i>	62
2.2 O museu paleontológico como espaço não formal de educação	63
2.2.1 <i>Reconhecendo o terreno</i>	65
2.2.2 <i>Reproduzir o que os olhos viram e os ouvidos escutaram</i>	67
2.2.3 <i>Com a mão na massa</i>	70
2.2.4 <i>O museu vai à escola</i>	71
2.2.5 <i>Sentir e pertencer</i>	76
2.3 Entrecruzamento da História Local e a História Oral para a construção de uma História Pública	79
2.3.1 <i>Entrevista pública</i>	80
2.3.2 <i>Escavando o passado</i>	85
2.3.3 <i>Produção de fonte escrita</i>	89
CAPÍTULO 3: ALÉM DAS PAREDES DA SALA DE AULA	90
3.1 Escavando profundamente as práticas educacionais para a construção de uma Pedagogia Histórica Contextualizada	91
3.2 Lançando as sementes da Pedagogia Histórica Contextualizada	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116

REFERÊNCIAS	119
APÊNDICE A: Roteiro de entrevista. Entrevistado: João Augusto Dobruski	128
APÊNDICE B: Roteiro de entrevista. Entrevistada: Neurides de Oliveira Martins	130
APÊNDICE C: Projeto Ônibus-Museu: História e Paleontologia em movimento ...	132
ANEXO A: Parecer consubstanciado do CEP	141
ANEXO B: Carta de intenção do Projeto Geoparque Caiuá	142
ANEXO C: Competências específicas de História para o Ensino Fundamental	145
ANEXO D: Professora cria projeto de incentivo à pesquisa paleontológica	146
ANEXO E: Reportagem: Um Monte de Ossos?	150
ANEXO F: XX Semana Nacional de Museus (SNM): O Poder dos Museus	152
ANEXO G: Exposição Virtual: História, Públicos & Performances	153
ANEXO H: Reportagem publicada pela Prefeitura de Cruzeiro do Oeste	154

INTRODUÇÃO

Meu interesse pela História começou ainda na infância, por volta dos sete anos de idade, quando meu pai costumava comprar livros sobre curiosidades históricas de diversos países ao redor do mundo. Lembro-me de que, à noite, enquanto meus pais assistiam televisão, eu me deitava no tapete da sala de casa e ficava folheando os livros, encantada com tantas informações e imagens fascinantes. Em seguida, eu fazia questão de compartilhar o que havia descoberto. Aqueles livros me motivaram a descobrir, a pensar, a sonhar!

Mais tarde, por volta dos treze anos, apaixonei-me definitivamente pelo estudo de História graças às aulas do professor Aron Danguí, na cidade de Janiópolis, Paraná. Aron era um professor de História encantador, que ia além dos conteúdos presentes no livro didático. Sempre utilizava exemplos práticos relacionados à nossa vivência, envolvendo seus alunos de forma cativante. Em uma época em que o professor era visto como o detentor absoluto do conhecimento, Aron fazia questão de mostrar que o conhecimento é construído dia a dia, por meio de trocas, e dizia que ele próprio também aprendia com a turma ao incentivar nossas ideias e ouvir o que pensávamos de determinados acontecimentos. Naquela pequena sala de aula, era possível conversarmos sobre política, assuntos do cotidiano, fatos históricos e diversos outros temas.

A paixão pelas aulas do professor levou-me a cursar História na Universidade Paranaense (Unipar), em Umuarama, no ano 2000. Eu trabalhava durante o dia e, à noite, frequentava a universidade, mesmo assim, apesar da rotina exaustiva, era um prazer estar naquele ambiente rodeada de pessoas que enxergavam, na História, a oportunidade de tornarem-se cidadãos participativos em suas comunidades.

Em 2005, obtive sucesso no meu primeiro concurso para professora de História no Quadro Próprio do Magistério do estado do Paraná. Esse marco representou não apenas um passo significativo em minha carreira, mas também uma oportunidade de contribuir para a formação de futuros profissionais. Em 2011, fui aprovada em um segundo concurso, o que me permitiu ocupar uma posição de professora na Rede Estadual do Paraná com carga horária de quarenta horas/aula.

Mesmo após todos esses anos lecionando e vários outros fatores, como casamento, nascimento de minha filha e trabalho, eu mantinha vivo o sonho de cursar um mestrado. No final de 2021, finalmente esse sonho tornou-se realidade com a minha aprovação no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), da Universidade Estadual do

Paraná (Unespar), campus de Campo Mourão. Por se tratar de um programa voltado para professores que atuam na área de História, era possível trabalhar e desfrutar da experiência de estar em um ambiente acadêmico vivo e dinâmico, aprendendo, pesquisando, produzindo, trocando experiências e aprimorando as práticas em sala de aula e além dela.

Nesse programa de mestrado, pude me sentir como professora e pesquisadora, bem como experimentar uma mistura de sentimentos, carregados de expectativas e inseguranças, mas com um imenso desejo de aprimorar meus conhecimentos e ajudar os meus alunos ao mesmo tempo. Logo nas primeiras aulas, fui instigada a refletir sobre o fortalecimento da cultura local e o protagonismo da comunidade, assim como a aproveitar as experiências das pessoas para despertar o sentimento de pertencimento na comunidade escolar e mobilizá-la a pensar sobre isso.

Fiquei maravilhada com a quantidade de possibilidades que se abriram em minha mente e como as leituras sobre como o ensino de História podem contribuir para que os alunos se tornem agentes críticos de suas próprias realidades. Isso me deixava entusiasmada e certa de que esse seria o caminho a seguir. Compreendi ali, de forma mais profunda, que o papel social de um historiador ultrapassa os muros da academia e da escola, sobretudo quando ele consegue alinhar seu trabalho com sua comunidade.

Ao refletir sobre o trabalho do professor em sala de aula, muitas pessoas ainda mantêm uma visão romantizada sobre a nossa profissão, com a imagem clássica da professora dentro da sala de aula, sentada à mesa e diante de crianças prontas para ouvi-la. Apenas sua voz é percebida e nada, absolutamente nada, a impede de transmitir seus conhecimentos, mesmo porque, em épocas remotas, os alunos não tinham liberdade de expressar seus saberes e o professor era tido como o centro, isto é, como o detentor do conhecimento. No entanto, diante das transformações e mudanças de postura e comportamento ocorridas no mundo e, conseqüentemente, no ambiente escolar, tal imagem ficou no passado.

O trabalho docente de hoje requer outras habilidades, dinâmicas e concepções, principalmente com crianças e adolescentes, sendo necessário muito mais do que ser a professora caprichosa, dedicada e de voz suave. Atualmente, para estar à frente de uma sala de aula, precisamos nos perceber como protagonistas de nossa própria prática, favorecendo, também, o protagonismo dos nossos estudantes. Logo, é importante que nos percebamos enquanto profissionais em constante transformação, isto é, aqueles que buscam, estudam e são mediadores dentro e fora do espaço escolar, para que a aprendizagem seja significativa e real.

Mas, afinal, o que se entende por protagonismo? Como se tornar protagonista de algo? O estudante que participa das aulas, fazendo as atividades solicitadas, como ler e

realizar avaliações, pode ser considerado um protagonista? E os professores, também são protagonistas dentro do processo ensino-aprendizagem de seus estudantes?

Para entendermos um pouco mais sobre protagonismo, busquei suporte nas ideias defendidas por Costa e Vieira (2000). Como os próprios autores nos sugerem, a palavra protagonismo vem do grego “protos”, que significa principal, e “agonistes”, que denota lutador ou competidor. Assim, protagonista pode ser entendido como aquele que ocupa o lugar principal, e, se estamos nos referindo a estudantes, podemos concluir que são eles os principais e os primeiros responsáveis pelo seu próprio processo de ensino-aprendizagem.

Compreendendo que os alunos são dotados de conhecimentos e vontade, se forem respeitados e ouvidos dentro do ambiente escolar por seus professores, diretores e pedagogos, eles começam ali a se afirmarem como sujeitos históricos, seres ativos e participativos do meio do qual fazem parte. Portanto, um estudante protagonista é aquele capaz de pensar, agir, resolver problemas, tomar decisões e fazer escolhas dentro e fora do ambiente escolar. É um cidadão democrático e, como afirma Silva (2009), esse aluno está em constante desenvolvimento para poder exercer um papel de autonomia na sociedade.

Apesar da aversão que muitos educadores do estado do Paraná têm em relação ao uso desse termo, por conta do modismo provocado pelo ex-secretário da educação, Renato Feder, que o utilizava repetidas vezes de forma equivocada em seus discursos, é importante salientar que o uso do termo é algo realmente necessário. Não se trata apenas de uma simples palavra para engajar discursos, mas de uma expressão para a prática pedagógica no espaço escolar.

Para que nossos estudantes se tornem protagonistas da sua própria aprendizagem, é necessário bem mais do que discursos políticos, plataformas de ensino ou mesmo participação dos estudantes em sala de aula. Precisamos unir os esforços da escola aos da família e da própria sociedade, uma vez que o protagonismo depende de incentivos, práticas e ações concretas, em que o estudante possa ser o ator principal no palco da vida por meio da pesquisa, do diálogo, da análise e da resolução de problemas. Há de se pensar que, mesmo com esse esforço, nem sempre o protagonismo alcançará todos os estudantes, ou seja, infelizmente alguns alunos não irão conseguir desenvolver as habilidades para deixar de ser coadjuvantes dentro do processo de ensino-aprendizagem, ainda que participem das aulas.

Demo (1998, p. 30) nos inspira quando se refere aos estudantes como “aluno-sujeito”, ou seja, aquele que, junto com o seu professor, busca o conhecimento, desempenhando um papel dentro do processo ensino-aprendizagem, como “aquele que trabalha com o professor, contribuindo para reconstruir conhecimento”. O autor ainda nos lembra de que a escola e o

professor são peças-chaves para o processo de protagonismo dos estudantes, de modo que não adianta falar nisso, se os próprios professores não são protagonistas também.

Professores protagonistas são críticos, questionadores e se posicionam, muitas vezes, em oposição, frente a fatos e exigências do próprio sistema educacional, o que reflete na postura crítica de seus estudantes. Esses professores não se preocupam apenas em repassar informações e conteúdos, mas sim em contribuir para a formação de estudantes cidadãos, críticos e pensantes.

Mas como se tornar um professor protagonista se o próprio sistema educacional do estado do Paraná tem feito de seus docentes meros reprodutores de conteúdos, professores, cumpridores de metas, que utilizam aulas já prontas e definidas em plataformas (planejamento do RCO+, Plataforma Quizizz, Prova Paraná)¹? Como encontrar brechas para que esse protagonismo aconteça? Como podemos, nós professores, ser autores e produtores de conhecimento junto de nossos estudantes, mesmo com uma educação engessada, que nos diz o que devemos fazer a cada dia?

O ensino de História também se apropria do termo protagonismo para pensar a relação do sujeito com o seu espaço social e, portanto, questiona igualmente: De que maneira podemos tornar o alunado protagonista de seu tempo e ações? Quais ferramentas podem auxiliar os professores de História a diminuir a quantidade de alunos coadjuvantes dentro do processo de ensino-aprendizagem?

Há uma urgente necessidade de nós, professores de História do Ensino Básico, trazermos, para nossas salas de aula, experiências enriquecedoras para o processo de ensino-aprendizagem, em outras palavras, caminhos alternativos para que a aprendizagem histórica se torne algo real e concreto para a vida de nossas crianças e adolescentes.

Meu engajamento político-educativo luta contra um sistema educacional que induz o apagamento do professor como profissional produtor de conhecimento, construtor do pensamento crítico e agente de formação da cidadania. Esse engajamento, como nos sugere Benjamin (1985), pode acontecer entre as brechas do próprio sistema a contrapelo, e assim tenho feito na minha prática pedagógica. Visando romper com as estruturas cristalizadas da educação pública e encontrar brechas para a promoção do protagonismo dos estudantes, foi

¹RCO+: módulo de planejamento de Registro de Classe Online, contendo planos de aulas estabelecidos pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná e direcionados para cada disciplina e série. Plataforma Quizizz: software utilizado pela rede estadual de educação do Paraná, atrelado às aulas pré-estabelecidas e utilizado como ferramenta de tarefas de casa. Prova Paraná: avaliação diagnóstica que ocorre no final de cada trimestre letivo para avaliar o desempenho dos estudantes e os conteúdos contemplados nas três edições da prova referentes às aulas do RCO+.

necessária certa dose de ousadia desta professora. Assim, para desenvolver esta pesquisa, mergulhei fundo na temática proposta pelos estudantes e, por meio de diversas práticas pedagógicas dentro e fora do ambiente escolar, as quais serão apresentadas ao longo deste trabalho, procurei valorizar o trabalho coletivo, a responsabilidade, a autonomia e o entusiasmo dos estudantes.

Da mesma forma que o educador e filósofo Paulo Freire (1993) afirma, acredito que a ação docente é a base de uma boa formação escolar e que ela contribui para a construção de uma sociedade pensante. Partindo desse pensamento, quando o professor percebe que, ao ensinar, também aprende, ele está construindo uma educação mais democrática e afetiva, contribuindo para a formação de uma “escola cidadã”. E ao promover um ambiente de diálogo e de trocas, onde todos podem expressar suas ideias e expectativas, há motivação por parte dos alunos, que é a mola propulsora para que a aprendizagem ocorra.

Considerando mais uma vez a definição de protagonismo feita por Costa e Vieira (2000), entendemos que o protagonismo dos estudantes tem por base a capacidade de eles participarem e/ou influenciarem acontecimentos e decisões, o que irá torná-los aptos a transformar a sua vida social. Assim, o protagonismo juvenil pode ser descrito como a participação consciente dos alunos em atividades de caráter público, seja nos espaços escolares ou nas comunidades, permitindo-os desenvolver condutas solidárias e compreender a realidade que os cercam. Importante destacar também que, muitas vezes, apesar dos esforços, alguns estudantes se apresentam como antagonistas do processo de seu próprio ensino-aprendizagem, opondo-se a participar de ações propostas pelo professor, seja por falta de interesse, constrangimento ou mesmo por limitações de uma defasagem que vem ocorrendo nos últimos anos – especialmente por conta da pandemia da Covid-19.

Podemos utilizar, para esses propósitos, a observação do lugar onde vivemos, bem como o espaço urbano do qual fazemos parte e vivenciamos experiências diariamente, ou seja, onde as coisas fazem sentido para a maioria dos nossos estudantes. Por isso, conhecer a História de nossa cidade é um excelente início! Pensar a sua História, sem dúvida, envolve não só espaços como praças, parques, estátuas, museus, igrejas, mas também lugares de experiências e de trocas. No texto *História e Memória* (2003), Le Goff afirma que a construção da memória pode ser interpretada como uma discussão sobre os “lugares de disputa”, tanto em termos de espaço físico quanto emocional, isto é, ela depende de como a história é contada, lembrada e reinterpretada.

Em muitas ocasiões, na correria do dia a dia e na ânsia de cumprir prazos, currículos, conteúdos, não damos aos estudantes a oportunidade de produzirem conhecimentos a partir de

seu cotidiano e de suas vivências. Essa seria a educação artesanal, como nos esclarece Bondia (2002), a qual não anula, por sua vez, o conhecimento histórico, e sim propõe pensar a educação a partir da experiência.

Após anos trabalhando com estudantes da rede estadual de ensino, percebo que eles, em meio a tantos conteúdos sobre a História nacional e mundial, demonstram grande interesse pela História Local. No entanto, ainda observo dificuldades em propor assuntos relacionados à vivência dos alunos, principalmente em relação aos conteúdos previamente selecionados pela rede de educação pública do estado do Paraná – mesmo com os avanços do ensino de História a partir das Diretrizes Curriculares Estaduais (DCEs), que buscam valorizar a História e a cultura local.

Pensando na História Local do município de Cruzeiro do Oeste-PR, percebo que ela vai muito além dos conteúdos “clássicos”, como aqueles que valorizam e engrandecem o pioneirismo da cidade. Sim, por aqui, ainda vejo e escuto professores de História e o próprio museu histórico municipal preocupados em exaltar as famílias pioneiras do município na audaciosa colonização que deu origem à cidade, por exemplo: ressaltam o quanto ela já foi muito próspera, chegando a ser o quinto município em importância do estado, graças aos imensos cafezais e a sua brava gente que aqui chegou.

Embora sejam assuntos importantes e dignos de serem lembrados, a História desse município é muito mais que isso! Recentemente, foram descobertos milhares de fósseis de animais que viveram por aqui no período cretáceo, ou seja, achados paleontológicos que ganharam importância no cenário nacional e internacional em relação à ciência (Figura 1).

Figura 1 – Imagem da garra de um fóssil do *Verspersaurus paranaenses*



Fonte: Langer *et al.* (2019)

A temática em questão vem fascinando estudantes do município e de toda a região. É notável o interesse das crianças e dos jovens que visitam o Museu de Paleontologia da cidade quando entram em contato com os fósseis e as narrativas sobre suas descobertas. No entanto, a falta de materiais e informações adequadas sobre o assunto nos deixam impotentes enquanto professores do Ensino Básico, levando-nos até a atuar como professores antagonistas do processo de ensino-aprendizagem de nossos estudantes, pois não conseguimos responder satisfatoriamente às questões trazidas pelos estudantes acerca dessa temática.

Essa é uma realidade que me incomoda e me faz questionar: o que eu, como professora que está todos os dias em sala de aula e que vê essa mesma inquietude nos alunos todos os anos, estou fazendo para fornecer uma resposta adequada? Não posso me contentar em ser uma professora antagonista e aceitar um sistema que impõe, o tempo todo, o que devo e como devo ensinar, pois é isso que acontece quando o professor é excluído do processo de estabelecimento das bases de educação.

E veja como essa questão é ambígua: temos a tendência de vermos o opressor como um inimigo a ser combatido, no entanto, quando desaprovamos o próprio sistema educacional no qual estamos inseridos e marginalizados, travamos uma disputa por esse poder, recaindo no mesmo problema ideológico. De posse dessa consciência, propus desenvolver uma pesquisa local que me ajudasse com as minhas necessidades como professora, com as dos meus alunos e, também, com as de colegas professores de História do município.

Assim se encaminha o presente trabalho realizado no programa ProfHistória da Unespar, campus de Campo Mourão, Paraná, e que segue a linha de pesquisa “Saberes Históricos nos Espaços Escolares”. O objetivo foi instigar os alunos à reflexão sobre o espaço geográfico do qual fazem parte, a fim de promover o protagonismo deles, que julgo relevante para a formação histórica e para o reconhecimento de seu lugar social.

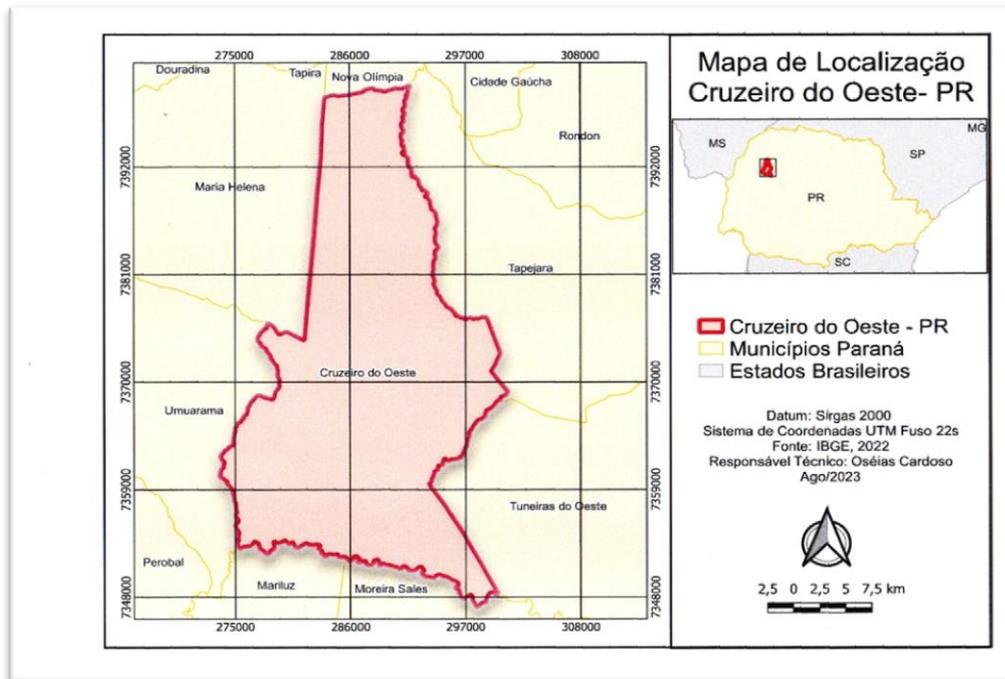
Para isso, busquei construir com e para os alunos de sexto ano do Colégio Estadual Cívico Militar de Cruzeiro do Oeste um conhecimento científico, tendo como ferramenta norteadora a História Local, que foi entrelaçada com a História Oral e a História Pública. Foram desenvolvidas atividades de investigação e de produção de narrativas por meio de histórias e outras ações realizadas dentro e fora do espaço escolar.

Privilegiar a vivência local e o diálogo entre o conhecimento escolar e a sociedade é uma prática que confere significado ao processo histórico, uma vez que proporciona aos alunos uma percepção contextualizada e crítica do mundo. Isso contribui para a edificação das identidades locais e para a valorização de seus espaços, favorecendo o protagonismo do alunado. É pertinente informar que tal pesquisa passou pelo Comitê de Ética e que todos os direitos dos indivíduos envolvidos neste trabalho foram respeitados e assegurados (Anexo A).

Conhecendo os lugares da pesquisa

O município de Cruzeiro do Oeste se situa na Região Geográfica de Umuarama (Figura 2), Noroeste do estado do Paraná e, atualmente, sua população é estimada em 23.831 mil habitantes (IBGE, 2022).

Figura 2 – Localização geográfica de Cruzeiro do Oeste



Fonte: IBGE (2022).

Desde os anos de 2011, a cidade de Cruzeiro do Oeste vem passando por uma nova fase em sua História devido aos achados paleontológicos, o que, aliás, nos possibilita pensar também em uma nova maneira de trabalhar a História do município.

Mas essa história dos achados tem início no ano de 1971, quando dois produtores rurais, Alexandre Gustavo Dobruski e seu filho João Gustavo Dobruski depararam-se com um enigma. No caminho para a lida com o campo, onde passavam diariamente por uma estrada vicinal que dava acesso a sua propriedade. Era uma estrada muito úmida devido às chuvas e que, de tempos em tempos, necessitava de intervenções para que as águas acumuladas pudessem ser escoadas e os agricultores passassem com suas carroças. À medida que se abriam valas no solo, os agricultores observaram diferentes fragmentos esbranquiçados pela estrada e, com o passar dos tempos, esses fragmentos afloravam cada vez mais.

Embora fossem pessoas simples e sem conhecimentos científicos, imaginaram que tais “ossos” não poderiam ser de um animal qualquer e chegaram a desconfiar que eram fósseis. A notícia correu a cidade, mas o assunto foi tratado com desdém, tornando-se até piada entre muitos moradores, que diziam ser “ossos de galinha” ou de “vaca velha”. Abaixo podemos observar a letra de uma música² da época ironizando o assunto. Composta pelo policial

² Uma moda de viola intimista, cantada entre amigos e familiares.

aposentado Cláudio Gomes em 1975, a letra mostra a interação da comunidade em relação aos “boatos” sobre o fato.

Este fato aconteceu, aqui em nossa cidade
 Alguns achavam que é mentira, outros acham que é verdade
 Eu mesmo não acredito, falo com sinceridade
 E tem gente que conteste
 Aqui em Cruzeiro do Oeste, os comentários invadem

Uma simples propriedade, vizinha do senhor Mauro
 O fato foi confirmado, também pelo senhor Lauro
 Que ali mataram animais com carabina da Taurus
 Os ossos que ali encontraram
 A notícia espalharam que era de dinossauro

Formaram uma comissão, que encheram a platéia
 O povo ficou agitado, como abelha na colméia
 Levaram para análise, dividiram as idéias
 Na hora do resultado, que os ossos que ali encontraram
 Seria de vaca velha.
 (Gomes, 1975, informação verbal).

Alguns anos passaram-se e, em 1976, intrigado com os fragmentos ainda encontrados pela estrada, o senhor Alexandre insistia em sua hipótese, então, escavou a terra e coletou dois blocos com os tais “ossos”. Como ele tinha sobrinhos estudantes na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), imaginou que os blocos coletados poderiam ser levados até lá para possíveis estudos. Assim foi feito, porém, o Setor de Geociências da universidade não julgou o achado relevante e, durante 36 anos, a peça ficou guardada em uma gaveta.

Em 2011, Paulo César Manzig, geólogo da Universidade do Contestado, da Cidade de Mafra, Santa Catarina, procurando materiais fotográficos sobre invertebrados devonianos no Paraná para o seu livro, foi até o Departamento de Geociências da UEPG e, entre uma gaveta e outra, deparou-se com os antigos blocos de arenito de Cruzeiro do Oeste, esquecidos ali por décadas. Ao olhar a peça, não teve dúvida de que estava diante de uma grande descoberta para a paleontologia e para a História da cidade de Cruzeiro do Oeste.

O pesquisador³, juntamente com mais dois geólogos da UEPG, os professores Antônio Liccardo e Luiz Carlos Godoy, foram para Cruzeiro do Oeste a fim de encontrar os protagonistas dessa descoberta. Infelizmente, Alexandre Augusto Dobruski já havia falecido, em 1986, ou seja, morreu sem saber o que realmente havia encontrado, mas, para a surpresa dos pesquisadores, encontraram seu filho, o senhor João Gustavo Dobruski, no alto dos seus

³As descobertas paleontológicas em Cruzeiro do Oeste provocaram um conflito entre os pesquisadores envolvidos, sobretudo quando a notícia de que os fósseis estavam em poder da UEPG há 36 anos espalhou-se com a publicação do livro *Museus & fósseis da região Sul do Brasil* (Manzig; Weinschütz, 2012).

63 anos de idade. Comovido e emocionado por receber a notícia do grande enigma do passado, vivenciado por ele e seu pai, João Gustavo relatou esse reconhecimento aos pesquisadores dizendo que era “como se lhe tirassem um espinho da garganta” (Manzig; Weinschütz, 2012, p. 228).

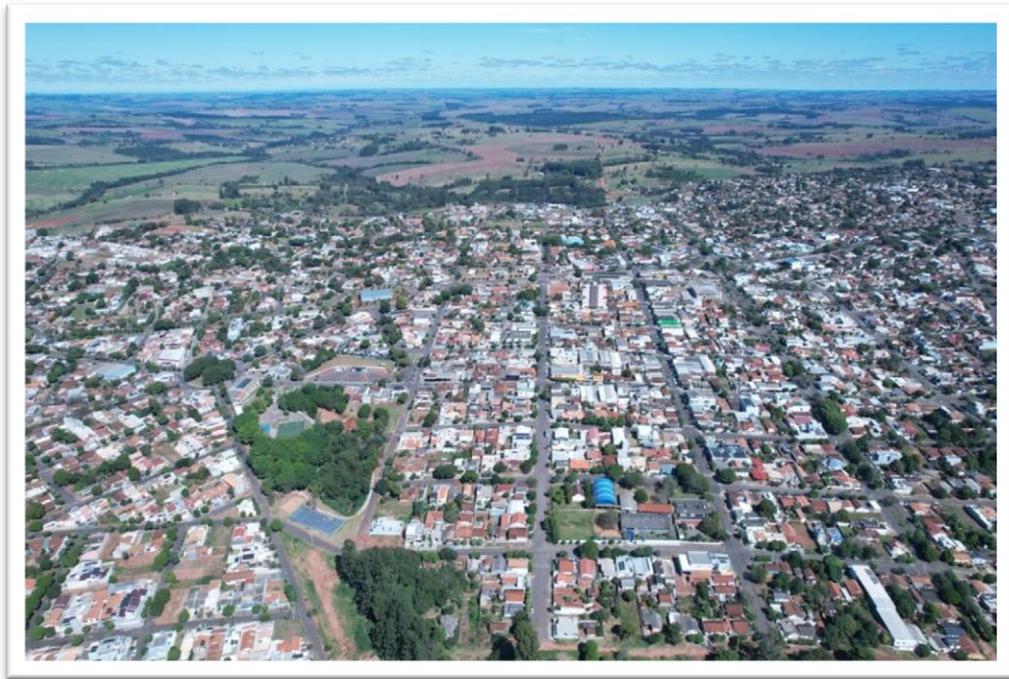
A descoberta revelou os primeiros fósseis de pterossauros paranaenses, espécie que foi batizada como Pterossauro Caiujara dobruskii. A partir daí, outros materiais foram coletados e, como a cidade de Cruzeiro do Oeste não dispunha de uma estrutura para pesquisa, foram enviados para outros dois lugares: para a UEPG, onde permanecem até hoje em seus acervos (e onde foi inaugurado o Museu de Ciências Naturais em 2022); e também para o Centro Paleontológico da Universidade do Contestado (Cenpáleo-UnC). Hoje, os fósseis dos pterossauros encontrados estão divididos em três instituições: UEPG, Cenpáleo-UnC e o próprio Museu de Paleontologia Alexandre Augusto Dobruski, de Cruzeiro do Oeste, inaugurado em 2019.

Devido a essas descobertas paleontológicas, Cruzeiro do Oeste (Figura 3) vem se destacando no cenário nacional e internacional de pesquisa científica, atraindo pesquisadores de vários lugares para desenvolver estudos ali. Recentemente, a cidade foi informada que ganhará a primeira estação de pesquisa paleontológica do país⁴, e outro projeto de lei estadual tornará o município “Vale Nacional dos Dinossauros”⁵, o que contribui para solidificar a cidade e seu entorno como centro de ensino, pesquisa e turismo, e para dinamizar a economia de toda a região.

Figura 3 – Vista aérea de Cruzeiro do Oeste

⁴Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste. **A 1ª estação de pesquisa paleontológica do país.** Facebook. 2022. Disponível em: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid02hA2NnoAMVp87qTE9oSSdPbRdPFfD5v4bRgRXdr74rz_mTX4iLRQDbJF4P1MRwzytR1&id=192362718149970&sfnsn=wiwspwa&mibextid=RUbZ1f. Acesso em: 10 jul. 2022.

⁵SOUZA, Sérgio. **Projeto de Lei.** Facebook, 2022. Disponível em: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid0jFFPAypMRQyFwaExZeYAgC3v9SXVRb8Ai1gPjaKTfZs_qRTkt5rhRQncAmm6YSEFl&id=100044603311869&sfnsn=wiwspwa&mibextid=RUbZ1f. Acesso em: 30 jun. 2022.



Fonte: Imagem cedida pela Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste (2023).

Toda essa movimentação e repercussão também são sentidas pelos alunos, que desejam saber sobre esses acontecimentos e nos interrogam em sala de aula – mesmo a disciplina de História não sendo a mais preparada para respondê-los, pois esses saberes estão mais relacionados à paleontologia. Perante tal situação, confesso que, muitas vezes, me sentia sem respostas. Assim, é urgente a necessidade de pensar ações que viabilizem uma formação adequada, para que todas essas descobertas se tornem fontes de conhecimento para professores e alunos.

Refletindo sobre essa situação, penso que tudo tem uma história, por mais longínqua que possa ser! De uma maneira ou de outra, ela faz parte do mundo que vivemos e está ali nos interrogando e nos provocando, ora como alunos, ora como professores. Essa questão é abordada pelo historiador Langer (2016, p. 6), que afirma: “a imaginação e suas manifestações também são produtos e agentes da história, criando valores sociais e culturais”.

Entre os muitos mistérios que a humanidade busca desvendar, está a questão dos seres que viveram no planeta Terra há milhões de anos e, de fato, o mundo dos dinossauros fascina públicos de diferentes idades, especialmente crianças. Em virtude desse fascínio, grandes produções cinematográficas, como *Jurassic World* e *Jurassic Park*, do cineasta Steven Spielberg, e *Indiana Jones*, de George Lucas, apostaram nessa temática para encantar audiências, quebrando recordes de bilheteria e lançando os mais variados produtos: camisetas, cadernos e bonecos. Outros exemplos de produções que mexeram com o imaginário do

público são a série norte-americana *Família Dinossauros*, conhecida no Brasil durante a década de 1990, e o filme *O Bom Dinossauro*, de 2016.

Agora, imagine viver em um local onde essa História é tão presente a ponto de o município ser conhecido como “A Cidade do Primeiro Dinossauro do estado do Paraná”, e que é notícia nos mais variados meios de comunicação do Brasil e do mundo devido às diversas descobertas feitas na área da paleontologia. Sem dúvida, isso seria, no mínimo, um lugar instigante para a imaginação de qualquer criança.

Assim é a vida de centenas de alunos dessa cidade, em especial dos estudantes de sexto ano do Colégio Cívico Militar de Cruzeiro do Oeste (Figura 4), que foram os agentes diretos desta pesquisa. São crianças que convivem em meio a réplicas de dinossauros e pterossauros espalhadas por praças e parques e que brincam por terras que abrigam um sítio paleontológico, um museu de paleontologia e um laboratório de pesquisa paleontológica.

Figura 4 – Colégio Estadual Cívico Militar Cruzeiro do Oeste



Fonte: Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

O Colégio Cívico Militar de Cruzeiro do Oeste, primeiro colégio estadual do município, fundado em 1957, foi um local fundamental para a realização da presente pesquisa. A aplicação do projeto ocorreu nas turmas de sexto ano A, B e C, durante os anos letivos de 2022 e 2023, contando com a participação de 95 estudantes.

Os porquês da pesquisa

Como não nos comover com uma comunidade como esta? E como incentivar os anseios de jovens e crianças que buscam, no estudo da História, algo que os identifique como agentes e protagonistas de uma História amada por milhões de pessoas no mundo todo? Imaginem, também, estar em sala de aula como professora de História e não aproveitar essa paixão!

Como professora que trabalha por uma educação significativa, busco respostas para as necessidades dos meus alunos. Percebo a necessidade de pensar alternativas educacionais que promovam uma maior aproximação da disciplina com o cotidiano dos estudantes, para que o conteúdo faça sentido em suas vidas. Tais alternativas devem partir do próprio professor, em ações como: disponibilizar-se para conversar, rever suas atitudes, saber escutar, incentivar a interação dos estudantes e proporcionar momentos em que tanto professor como alunos saiam de suas zonas de conforto.

Além disso, valorizar os interesses e as vivências dos alunos, relacionando-os aos conteúdos propostos em sala de aula, confere um verdadeiro significado à prática cidadã e à construção da identidade de sujeitos críticos, isto é, conscientes de seus lugares na sociedade e das possibilidades de transformação social. Isso tudo promoverá caminhos para o desenvolvimento de novas posturas frente ao processo de ensino-aprendizagem.

O conhecimento não pode ficar limitado à sala de aula, à figura do professor, ao livro didático, à lousa e às plataformas educacionais ofertadas pelo estado, embora isso tudo continue fazendo parte do universo escolar. É possível agregar outros elementos, meios e espaços, como museus, praças, manifestações artísticas e memórias, ou seja, um verdadeiro arsenal para analisar, compreender e integrar a História.

Nesse sentido, parto da premissa de Paulo Freire (2002) que estabelece como caminho para a promoção do exercício da cidadania uma maneira diferente de “ensinar e aprender História” a saber: é preciso mostrar outras perspectivas e superar a ideia de uma educação bancária, na qual os alunos só recebem informações e pouco participam ativamente do processo de ensino-aprendizagem. A valorização dos anseios dos nossos estudantes é uma forma de ajudá-los a se tornarem agentes ativos da História e protagonistas do seu próprio processo de ensino-aprendizagem.

Tendo em vista isso, analisamos como nossos alunos percebem essa temática da paleontologia em seu dia a dia e o que pensam em relação ao futuro, inclusive se eles se sentem ou não parte desse entusiasmo que a cidade vem vivendo. A escolha da história dos achados paleontológicos do município não serve apenas como pano de fundo para o principal

objetivo desta pesquisa desenvolvida junto ao ProfHistória. Por meio de ações interdisciplinares dentro e fora da sala de aula, buscamos sobretudo promover o protagonismo dos estudantes de sexto ano durante todo o processo de ensino-aprendizagem, mas também preencher as lacunas no Ensino Fundamental do município frente a essa importante temática.

Mas como trabalhar os conteúdos de paleontologia nas aulas de História? Como essa temática tão diferente pode ser instrumento de transformação para os alunos? Como a História Local e a História Oral podem contribuir para a formação intelectual e identitária desses alunos? Afinal, os instrumentos de ensino e de pesquisa em História podem contribuir para o engajamento e o protagonismo dos alunos nos espaços públicos, sobretudo em museus? Como provocar e despertar nos estudantes a ideia de que a História pode ser utilizada como importante instrumento questionador da cidadania e ponto de valorização de seus anseios? E de que forma os espaços públicos da cidade podem ser aproveitados pela comunidade, em especial a escola, como local de construção de memória histórica e de aprendizagem sobre os usos do passado e do próprio presente?

Para responder tais questionamentos, apresentarei, ao longo da dissertação, os principais conceitos, algumas propostas metodológicas, as ações desenvolvidas para e com os estudantes e os resultados alcançados.

No primeiro capítulo, partimos da discussão sobre a importância e necessidade das fontes históricas para o processo de aprendizagem no ensino de História, fazendo análises, considerações e relações com o livro didático adotado pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná, principal fonte de pesquisa dos estudantes da rede estadual de educação. Ainda nesse capítulo, abordamos como a interdisciplinaridade pode tanto favorecer a formação de cidadãos críticos e conscientes de seus lugares na sociedade, quanto contribuir para o processo de ensino-aprendizagem na educação, sobretudo para o ensino de História, levando em consideração as questões de preservação e conservação do patrimônio público pela arqueologia e paleontologia.

No segundo capítulo, propomos uma *Pedagogia Histórica Contextualizada* como forma de dinamizar o ensino de história por meio de práticas educacionais, tanto dentro dos espaços escolares como também em espaços públicos, onde será possível o envolvimento de diferentes áreas do conhecimento – história, arqueologia e paleontologia – e de diferentes sujeitos – alunos, professores, pesquisadores e membros da comunidade. Tendo como inspiração a pedagogia libertadora e democrática de Paulo Freire, voltada à realidade e vivência dos estudantes, em busca do protagonismo dos mesmos, por meio da mediação, de trocas e do conhecimento científico, instigando os alunos a pensar, planejar e atuar na

resolução de problemas. Estabelecendo diálogos entre a academia, os professores da Educação Básica e a comunidade local, onde destacamos a metodologia interdisciplinar sobre a Aprendizagem Baseada em Projetos como prática educativa e realizamos um entrecruzamento entre a História Oral, a História Local e a História Pública com vistas ao protagonismo dos estudantes – uma das principais características dessa proposta.

No terceiro capítulo, analisamos as contribuições da *Pedagogia Histórica Contextualizada* para o enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem não só dos estudantes, como também da própria pesquisadora e da comunidade em geral. Além disso, propomos um futuro projeto integrador, a fim de valorizar e preservar a riqueza cultural e natural da região do município de Cruzeiro do Oeste.

Com base nos estudos das historiadoras Santos e França (2022), também acredito em uma relação horizontal, na qual alunos e professores, por meio de trocas de experiências e saberes, constroem uma educação colaborativa. Assim, o aluno se torna protagonista do processo de ensino-aprendizagem e agente da História, ou seja, por meio da via da “autoridade compartilhada”, a construção do conhecimento histórico é realizada de maneira dialógica, interativa e colaborativa entre os diferentes saberes (Frisch, 2016).

Nessa perspectiva, me aproprio do termo “autoridade compartilhada” da História Pública para utilizá-la no ensino de História, uma vez que o termo parte da ideia de que a História pode ser produzida pelo e para o grande público (Santhiago, 2011), ou seja, como professora pesquisadora, posso produzir conhecimento para e com o meu público. Na autoridade compartilhada, vejo um caminho interessante para o processo de ensino-aprendizagem de meus alunos, uma vez que, como professora condutora, posso contribuir para a socialização dos estudantes dentro de sala de aula, para a autonomia em suas decisões e ações e para o aprendizado e desenvolvimento de conhecimentos.

Importante também mencionar que não podemos desprezar os métodos acadêmicos, pelo contrário, não se produz História de qualquer maneira ou no popular “achismo”. É de suma importância que, nesse processo, o estudo e as leituras acadêmicas também aconteçam, pois eles são a base para a formação do aluno pensante. Trata-se de uma via de mão dupla entre professores e estudantes, o que potencializa resultados estimulantes à aprendizagem do ensino de História.

CAPÍTULO 1

INTERDISCIPLINARIDADE E ENSINO DE HISTÓRIA

Com esse trabalho, aprendi muitas coisas, não só sobre história, mas também, geografia, ciências, preservação da natureza, valorização dos mais velhos. Eu amei! (Júlia Aguiar, aluna do 6º ano A, 2022).

Figura 5 – Oleiro e vaso de barro



Fonte: Zadeh (2023).

A imagem do barro sendo moldado entre os dedos do oleiro é uma representação daquilo que ele pensa e idealiza. A partir do barro cuidadosamente selecionado, o artesão modela sua obra com paciência e habilidade, conferindo-lhe forma e significado. Analogamente, o ensino de História pode ser compreendido como um ofício de modelar o passado, pois também precisamos selecionar cuidadosamente as fontes históricas e desenvolver habilidades para permitir, pacientemente, que uma narrativa sobre o passado seja construída para, com e pelos alunos.

Neste capítulo, discutimos o processo de seleção das fontes históricas como um passo fundamental para o trabalho do professor-pesquisador. Assim como o oleiro escolhe o barro com as melhores propriedades para moldar sua arte, o professor também busca fontes relevantes que permitam a construção de um conhecimento histórico sólido e coerente. Neste

trabalho, serão abordadas questões como tipologias e uso de fontes, análise crítica, contextualização e interdisciplinaridade a partir da ideia que denominamos *Pedagogia Histórica Contextualizada*.

1.1 O ensino de História e as fontes históricas

Nas primeiras décadas do século passado, a Escola dos Annales rompeu com as abordagens tradicionais da história política para se ocupar com a história social, econômica e cultural, principalmente Block e Febvre, integrantes da primeira geração dos Annales, que estudaram profundamente a interdisciplinaridade. Na obra *Combates pela História* (1989), Febvre traz a contribuição de diversas áreas para a História, como a Linguística, a Filosofia e a História Econômica. Esta última é um exemplo clássico dessa interdisciplinaridade, que se materializou em conceitos-chaves da História, ou seja, a História incorporou-se à economia – principalmente para explicar a Crise de 1929 – e, dessa forma, conseguiu caracterizar conceitos fundamentais, tais como acontecimentos, conjunturas e estruturas.

Esses termos só foram possíveis a partir do contato da História com a economia, que permitiu uma confluência de métodos e de relações dos historiadores com as outras ciências sociais. Desse modo, o historiador passou a adotar uma postura crítica em relação às fontes históricas, reconhecendo que elas são construções socioculturais que podem refletir interesses de determinados grupos. A adoção dessa postura crítica permite ao historiador produzir uma história plural e crítica, contribuindo para uma compreensão mais profunda do passado.

Na obra *Arqueologia do Saber* (1995), Foucault argumenta que é necessário investigar as condições de produção do conhecimento e as regras que envolvem sua circulação. Essa abordagem no ensino de História ajuda a compreender que ela não é um relato neutro e objetivo do passado, mas uma interpretação seletiva, isto é, construída a partir de fatos escolhidos e do ponto de vista sociocultural de quem fala. Diante disso, o pesquisador pode ser visto como um arqueólogo do saber e o ensino de História como um saber crítico e reflexivo, que incentiva os alunos a questionar as narrativas oficiais e a investigar as condições socioculturais que influenciaram sua produção, formação e discurso.

É aqui que se encaixa o conceito de *Pedagogia Histórica Contextualizada*, cujo enfoque na interdisciplinaridade e na relação entre o mundo natural e a história humana visa ampliar o ensino de História. Por mundo natural, entendemos a geodiversidade, isto é, a “variedade de elementos do meio abiótico na natureza”, ou seja, a “parte do ambiente que não é viva”, como as formações rochosas, os fósseis, os minerais, o solo. São elementos que a

Unesco, desde 1972, propõe conservar e proteger como Patrimônios Mundial Cultural e Natural, dada sua relação indissociável com o homem (Liccardo, 2020, p. 35).

A *Pedagogia Histórica Contextualizada* atua dessa forma, privilegiando não só o uso de documentos históricos, mas o de fontes de natureza arqueológico-paleontológica, pois procura integrar conhecimentos de diversas áreas a partir da *Aprendizagem Baseada em Projetos*. Essa abordagem aprofunda a compreensão das experiências dos alunos em diferentes contextos, explorando a complexidade das experiências humanas e a interação entre seres humanos e a história natural.

Entretanto, no contexto educacional, alunos do Ensino Fundamental II, de modo geral, enfrentam dificuldades para compreender os processos históricos complexos, uma vez que, nessa fase de aprendizagem, a capacidade cognitiva para estabelecer relações e comparações ainda está em formação. Para ajudá-los nessa fase, é possível estimular a imaginação dos alunos com o auxílio de fontes históricas diversificadas, pois isso contribui para a compreensão de significados específicos na representação e construção da narrativa histórica.

Aliás, dentro da *Pedagogia Histórica Contextualizada*, essa diversidade é esperada, pois o conceito de *patrimônio material/imaterial*, segundo o IPHAN, também considera diversas fontes históricas e culturais brasileiras, por exemplo: cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos, coleções arqueológicas e acervos museológicos, documentais, bibliográficos e arquivísticos⁶. Dessa forma, as fontes históricas têm um importante papel no ensino de História e, quando mediadas pelo professor, transformam-se em ferramentas pedagógicas potentes no processo de ensino-aprendizagem. É importante salientar que os professores da Educação Fundamental não têm a intenção de fazer uso das fontes históricas da mesma maneira que os “historiadores na academia, mas com o objetivo de levar o aluno a perceber como se constitui a história, como os conteúdos históricos se contextualizam com essa fonte” (Xavier, 2007, p. 641).

Mas quais as principais dificuldades em trabalhar com fontes históricas em sala de aula, em especial com as fontes orais? Como lidar com elas dentro das regulamentações do Comitê de Ética e com crianças e pré-adolescentes de sexto ano? De que maneira posso trabalhar as transcrições de entrevistas sem fadigar os estudantes? Existe uma forma para não transferir a eles essa dificuldade? Como utilizar as fontes históricas e patrimoniais (bens culturais) de forma pedagógica? De que modo é possível estabelecer conexões entre

⁶Ver IPHAN. **Patrimônio Material**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>. Acesso em: 5 fev. 2022. Apesar de esta definição não trazer o termo paleontológico, publicações do IPHAN o trazem associado à Arqueologia. Para mais, vide *Patrimônio arqueológico e paleontológico de Alagoas* (2012), de Teixeira, Pozzi, Silva, publicado por IPHAN.

conhecimentos, transformando-os em recursos didáticos relevantes, que facilitem a experiências dos alunos em diferentes contextos de aprendizagem e sobre temas não usuais, como a paleontologia?

Uma resposta possível a esses questionamentos, que traduzem também um pouco das minhas próprias dificuldades como professora, é criar abordagens pedagógicas mediadoras que permitam aos estudantes conectar-se com o passado, compreender a complexidade das experiências humanas associadas à história natural e, ao mesmo tempo, desenvolver habilidades analíticas e críticas. Para isso, o educador deve atentar-se às fontes selecionadas para utilizar com os discentes, logo, deve considerar aspectos como realidade, faixa etária e grau de escolaridade (Bittencourt, 2011).

Ao analisarmos o livro didático do sexto ano adotado pelo estado do Paraná (Boulos, 2018), constatamos que a atividade do historiador se assemelha a de um detetive, o qual reúne informações e segue pistas para desvendar enigmas do passado (Figura 6). As fontes são variadas, desde documentos oficiais até os denominados patrimônios imateriais, e os fósseis estão entre as fontes que chamam a atenção dos estudantes.

Figura 6 – Associação do trabalho do historiador com o trabalho do detetive

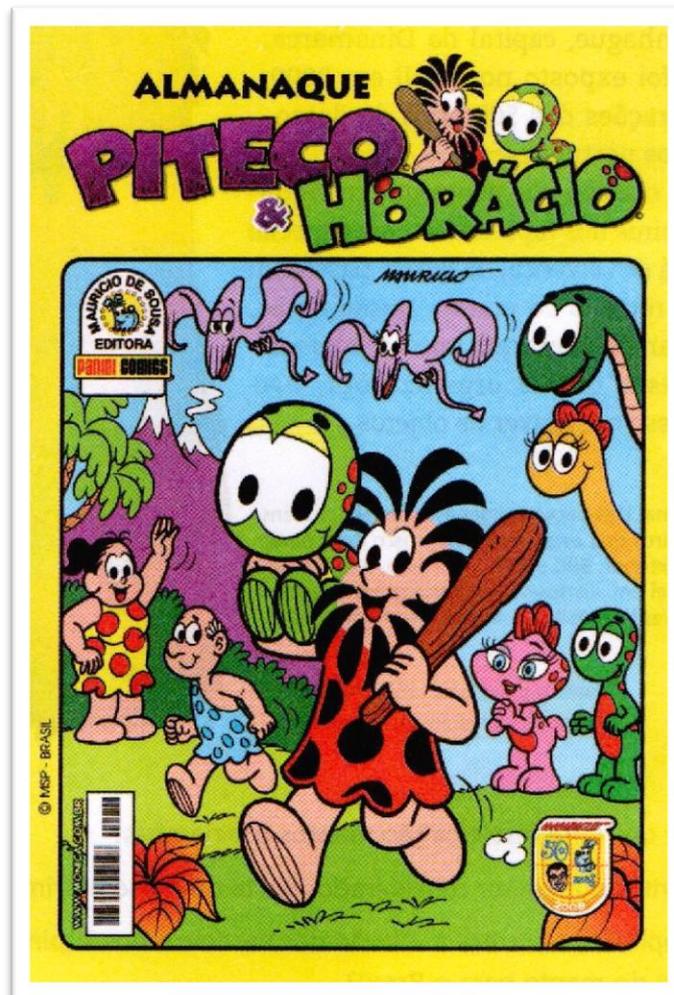


Fonte: Boulos (2018).

Depois das leituras dos capítulos dois e três do livro didático, “Fontes e Conhecimento em História” e “Os Primeiros Povoadores da Terra” respectivamente, seguidas de diálogos e análises de imagens, como a capa das histórias em quadrinhos *Almanaque Piteco e Horácio*

(Figura 7), de Maurício de Souza, os estudantes inevitavelmente questionaram: “E os fósseis de dinossauros de Cruzeiro do Oeste também são fontes?”, “Nossa cidade apareceu no jornal porque ela está tão importante?”, “Por que estamos recebendo tantas visitas de pesquisadores?” e “O que esses fósseis trazem de bom para nós?”

Figura 7 – Referência de histórias em quadrinhos



Fonte: Boulos (2018).

Embora Boulos⁷ (2018) se refira a fósseis humanos, a comparação com os fósseis animais é imediata, uma vez que as referências visuais trazem personagens humanos convivendo com dinossauros. Aqui podemos discutir com os alunos a diferenciação de espaço e tempo, pois as pessoas e esses grandes répteis não viveram juntos; e também podemos mostrar as diferenças dos tipos de fósseis, que nem sempre são de dinossauros. Essa foi uma

⁷Alfredo Boulos Júnior, mestre em História Social pela USP e doutor em Educação pela PUC-SP, é autor de livros didáticos e paradidáticos.

excelente oportunidade para validar a pesquisa aqui desenvolvida e a sua relevância tanto para a prática docente, quanto para o conhecimento dos alunos.

Como professora, que diariamente está em contato direto com os estudantes, penso que o êxito do ensino e da aprendizagem de História dentro da sala de aula acontece quando entendemos que os estudantes possuem ideias e experiências prévias, as quais devem ser respeitadas e consideradas. Os estudantes não são simples folhas em branco na qual podemos escrever o que bem quisermos e da maneira que desejarmos. Como afirma Demo (1998), o estudante não pode ser um “aluno-objeto”, uma vez que são cidadãos dotados de capacidades e que podem e devem atuar no processo de sua própria formação.

Confesso que, diante das indagações de meus alunos, como as que foram mencionadas, muitas vezes me faltam respostas. Minhas aulas reproduziam um silêncio que permeia a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o novo Ensino Médio. E ao conversar com professores da Rede Municipal de Educação, também constatei as mesmas dificuldades: vários colegas de profissão afirmaram não possuir conhecimentos necessários para abordar a História Local associada à paleontologia, sugerindo que esta deveria ser tratada por profissionais de outras áreas, e não por nós, professores de História. Essa atitude faz os professores agirem como antagonistas do ensino, pois eles se posicionam contra a situação, eximem-se do desafio e deixam os estudantes sem respostas.

Diante disso, surgiu a necessidade de desenvolver estratégias que permitissem uma formação adequada dos alunos. Isso significa possibilitar a transformação das descobertas paleontológicas do município de Cruzeiro do Oeste em fontes de conhecimento para professores e alunos, e utilizar a *Pedagogia Histórica Contextualizada* como base para o processo de ensino-aprendizagem e de sua difusão social na comunidade.

Na historiografia contemporânea, observamos um crescente diálogo com outras áreas do conhecimento, incorporando termos, definições e práticas de diferentes ciências. E no ensino de História, a ideia de interdisciplinaridade proporciona aos estudantes uma interpretação mais aprofundada das ações humanas ao longo do tempo e espaço, destacando a relevância dessas ações na vida cotidiana.

Os argumentos sobre a interdisciplinaridade apresentados por Boulos (2018) no livro didático para professor são observados no capítulo três. Para o autor, é preciso atender à habilidade EF06HI03 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a saber: “identificar as hipóteses científicas sobre o surgimento da espécie humana e sua historicidade e analisar os significados dos mitos de fundação” (Brasil, 2018, p. 421).

Outro aspecto importante apresentado por Boulos faz referência a vários tipos de fontes históricas que podem ser utilizadas em sala de aula pelo professor como fonte de conhecimento, porém, isso acontece de forma restrita, por exemplo: ao mencionar a História Oral, o autor enfatiza a importância do uso de entrevistas realizadas pelos próprios estudantes, mas ele não menciona questões sobre os processos éticos normativos, que são fundamentais para que o professor possa publicar essa experiência.

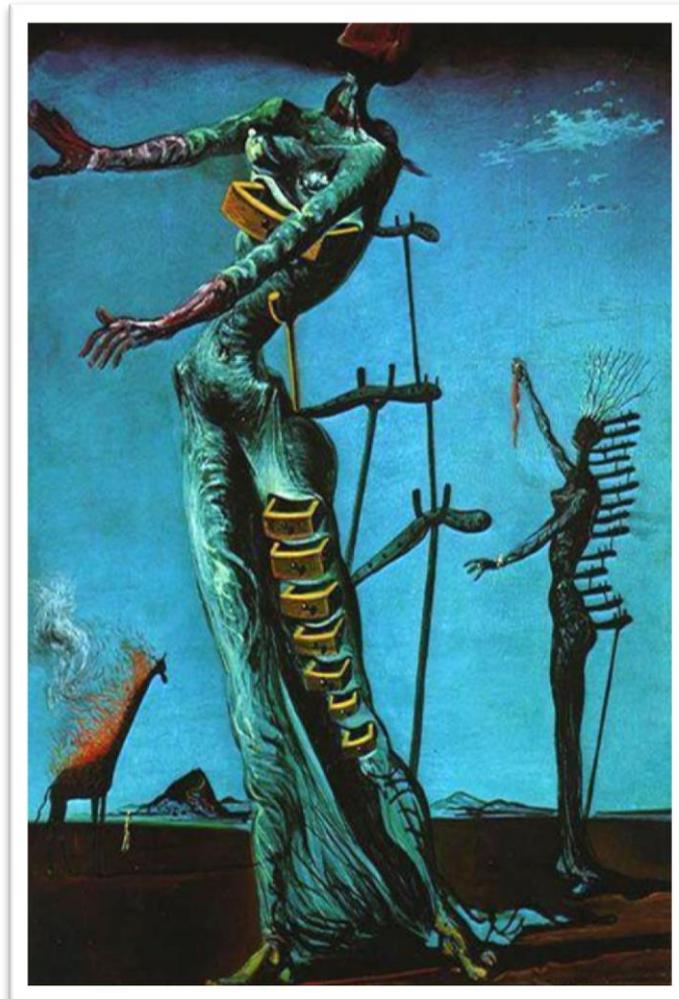
É interessante considerar que embora haja incentivo para que os docentes da educação fundamental utilizem práticas educacionais diferenciadas, que promovam o dinamismo do processo de ensino-aprendizagem em suas salas de aula, não há uma preocupação com a qualificação desses profissionais para serem gestores de seus projetos e conseguirem submetê-los à Plataforma Brasil⁸ e aos Comitês de Ética para publicação. Embora seja um grande desafio trabalhar com diferentes fontes históricas em sala de aula, por conta da sua complexidade, como o processo de transcrição de entrevistas, esse desafio pode ser visto como uma rica oportunidade para o processo de aprendizagem dos estudantes. Isso porque eles podem desenvolver suas potencialidades por meio de pesquisa e investigação e da motivação que isso suscita entre os alunos, contribuindo, assim, para uma educação histórica mais rica, crítica e engajada.

Por tudo isso, é imprescindível que entre em cena a *Pedagogia Histórica Contextualizada*, para ampliar as possibilidades de desenvolvimento, enriquecimento e dinamismo do ensino de História dentro e fora da sala de aula. Não podemos, como professores, “tapar o sol com a peneira”. Os interesses de nossos alunos devem ser valorizados e, em sala de aula, somos nós que precisamos oferecer suporte para os anseios de nossos estudantes não serem ignorados, ainda mais porque, frequentemente, a escola é a única fonte de conhecimento disponível para alguns educandos. Portanto, não podemos nos esquivar dessa responsabilidade.

⁸Plataforma Brasil. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/submeter-na-plataforma-brasil-de-projetos-de-pesquisa-envolvendo-seres-humanos-para-avaliacao-etica>. Acesso em: 12 jan. 2023.

1.2 Interdisciplinaridade como perspectiva histórica

Figura 8 – Quadro *Girafa em Chamas*⁹



Fonte: Dalí (2007).

A pintura surrealista *Girafa em Chamas* (1937), de Salvador Dalí, do acervo do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, retrata o horror vivenciado durante a Guerra Civil espanhola (1936-1939). São imagens impactantes e perturbadoras: ao fundo, observamos uma girafa incendiada, simbolizando a premonição de desastres, caos e angústias; e em primeiro e segundo plano, as mulheres com várias gavetas abertas em seus corpos desarticulados, simbolizando o desespero.

Girafa em Chamas mexe com a nossa imaginação e pode envolver muitos significados, conforme afirmam Gomes e Aguiar (2020), em seus estudos sobre a psicanálise, que entendem a criação artística como uma produção do inconsciente e, portanto, aberta a

⁹A reprodução desta imagem em baixa resolução não viola os direitos autorais.

muitos sentidos. Essa imagem nos convida a pensar em outros significados, que são relevantes para os dias atuais, envolvendo temas complexos que geram tensões dentro da educação: a) Girafa em chamas: predição apocalíptica devido ao clima político envolvendo a guerra civil espanhola e, neste trabalho, relaciono a girafa ao clima político que se instaura na educação, em especial, no ensino de História, e ao engessamento de conteúdos por plataformas obrigatórias, perseguindo e punindo professores; b) Figuras humanas: mutilação, sofrimento, angústia, desumanização, perda de identidade em tempos de beligerância e, neste trabalho, as figuras também podem simbolizar a perda da identidade do profissional de educação, sua liberdade de cátedra e questões relacionadas à necessidade de preservar o patrimônio público; c) Deserto e relógio: desolação e desespero como metáfora para a ruína emocional e moral do mundo em guerra, distorção temporal e efemeridade da existência humana e, neste trabalho, o deserto e o relógio podem fazer referência à instabilidade política, à modernização contemporânea, trazendo o problema da falta de perspectiva de nossos estudantes, da valorização do imediatismo e da inércia frente aos desafios futuros; d) Figura feminina: alusão à sexualidade e ao desejo; f) Biomorfismo: fusão entre elementos orgânicos e mecânicos enquanto crítica à ciência, perda da humanidade e mecanização da sociedade.

Mas, ao observar essa obra e relacioná-la ao espaço escolar, faço a seguinte leitura: relaciono as figuras femininas aos alunos e ao processo de ensino-aprendizagem, que, em alguns casos, são alicerçados na ideia de fragmentação e na fantasmagoria positivista ainda hoje presente. Vejo as gavetas como símbolos das aulas e disciplinas que são estudadas diariamente, cada uma isolada com seu conteúdo específico. A girafa em chamas, por sua vez, associa à falta de perspectiva de muitos estudantes frente ao futuro ou presentismo.

Com as novas exigências impostas pela sociedade capitalista – o consumismo, a publicidade, o progresso tecnológico, a revolução da informação com a internet e as redes sociais –, houve uma nova ordem do tempo¹⁰: o presente passa a ser o ponto de maior atenção, o futuro se torna ameaçador e o passado algo a ser arquivado. Passamos de um tempo em que o futuro era o horizonte, e aqui acreditávamos que a humanidade avançaria rumo ao progresso, para o tempo do presentismo, no qual há um enfraquecimento dessa ideia de progresso devido ao sentimento acentuado de incerteza do mundo, tal como o período retratado por *Girafa em Chamas*.

Além do enfraquecimento da ideia de progresso, o sentido histórico também perde o seu valor, assim como a experiência e a expectativa. Nessa nova ordem apresentada por

¹⁰Longe de apresentar considerações sobre a questão de tempo, aqui discutiremos apenas como a noção de presentismo vem afetando o ensino de História.

Hartog (2013), o presente virou um fim em si mesmo, já que é nele que há possibilidade de ação. Sendo assim, a esperança não pode mais ser depositada no futuro, pois não há expectativas frente a ele.

Os professores de História da Educação Básica são diariamente desafiados a pensar como fazer o conhecimento sobre o passado ter sentido na vida prática do aluno, em vez de isso ser visto como estudar o passado pelo passado. Como contextualizar, nos dias de hoje, uma disciplina que fala de passado, se ele, muitas vezes, já não apresenta tanto valor para a sociedade atual? Embora verificamos um grande interesse dos estudantes por uma temática sobre o passado, percebemos, também, que eles estão se distanciando de suas tradições, ou seja, notamos gradualmente uma perda do interesse pelas histórias contadas pelos mais velhos. Diante disso, indago: como abordar questões referente ao ensino de História, em especial sobre reconhecimento, pertencimento e valorização da cultura, com jovens que estão cada vez mais inseridos no mundo tecnológico, imediatista e distante das tradições? Afinal, é possível falar e fazer história em uma sociedade presentista?

A “tirania do imediato” que os tempos contemporâneos vêm vivenciando, fruto, em boa parte, das tecnologias presentes nas relações humanas, tem preocupado a didática do ensino de História nas escolas. O presentismo, ideia originalmente de Hartog (2013), vem mudando a forma como as pessoas enfrentam e entendem os processos históricos, assim como a produção de conhecimento, pois o presente se sobressai, silenciando, muitas vezes, o passado e o futuro. O resultado disso é uma crise do aprendizado historicamente construído, pois o entendimento superficial das relações entre os tempos leva os estudantes a apresentarem dificuldades em relacionar os períodos históricos com os temas presentes apresentados em sala de aula.

Assim, um dos grandes desafios entre os professores de História do Ensino Fundamental em sala de aula é mostrar aos estudantes como pensar historicamente numa época em que o presentismo triunfa em nossa sociedade. É necessário um equilíbrio entre essas temporalidades, para que temas como o desta pesquisa possam tanto se conectar aos desafios do presente e das perspectivas de futuro diante da história recente da cidade, quanto conduzir os estudantes a vivenciar e valorizar as tradições e se engajarem de forma ativa na preservação e conservação de um patrimônio tão rico quanto o de Cruzeiro do Oeste.

Outra característica desse tempo é o excesso de tecnologias a que estão expostos os nossos estudantes. Embora isso torne acessível muitas informações, elas pouco têm sido processadas, dificultando, assim, a aprendizagem e a assimilação de conteúdos. Portanto, mais que investir em plataformas de ensino dentro das escolas e torná-las obrigatórias em salas de

aula, é fundamental que o Estado crie mecanismos que favoreça a liberdade e a autonomia, para que professores possam repensar suas práticas pedagógicas, visando ao incentivo de habilidades cognitivas dos alunos, como associação, interpretação, formulação de hipóteses e resolução de problemas. Quando pudermos unir tais habilidades às tecnologias, então, será possível uma aprendizagem mais significativa, inclusiva e que respeite o raciocínio e sua aplicabilidade para a vida real.

Tomando como referência a minha experiência de dezoito anos em sala de aula, posso perceber, nitidamente, que a forma como nossos estudantes aprendem é influenciada por esse novo contexto de mídias e tecnologias, já que não atraímos mais o nosso público com leituras em livros didáticos e explicações orais e no quadro. É por isso que defendo a ideia de uma *Pedagogia Histórica Contextualizada*, proposta aqui nesta pesquisa, pois ela visa uma aprendizagem significativa, unindo a agilidade do tempo de hoje, por meio de uma linguagem visual, com alguns aspectos da tradicional educação, como a escuta e a experiência. É essencial que a experiência individual seja mais valorizada em relação à coletiva, para que favoreça um diálogo entre novidade e tradição, aliando os saberes entre diferentes gerações e propiciando novas descobertas, visões e aprendizagens.

Diante do exposto, percebi uma forma de trabalhar em sala de aula o pensamento histórico a partir de experiências coletivas suscitadas pelos próprios estudantes, como será apresentada nesta pesquisa,. Por meio de pesquisas, encontros, conversas, entrevistas e exposições temáticas, é possível ajudá-los na construção de uma nova possibilidade de aprendizagem, em que o passado/experiência seja valorizado/entendido e o futuro/expectativa seja visto como possibilidade de progresso da sociedade da qual fazem parte.

Como na imagem de Salvador Dalí, os estudantes, na rotina escolar diária, abrem e fecham gavetas o tempo todo, movimento que se repete todos os dias, semanas, meses e anos. Assim, interrogo-me: De que maneira o conhecimento chega aos alunos? Como a mente dos estudantes recebem as informações quando ocorre a disciplinaridade dentro do processo de aprendizagem? Qual seria o resultado do processo de ensino-aprendizagem se as disciplinas não estivessem separadas sistematicamente? E o que aconteceria se os professores passassem a misturar alguns conteúdos, colocando-os nas mesmas gavetas? Qual a característica de um trabalho interdisciplinar? Uma disciplina poderia complementar outra e assim fazer, verdadeiramente, sentido para as vidas de nossos alunos? Ou será que, ao misturá-las, correremos o risco de uma anular a outra? Mas, afinal, o que é interdisciplinaridade? Como ela ocorre e quais são suas nuances dentro da disciplina de História?

Pensando nesses questionamentos, podemos chegar a dois essenciais: de que forma outras disciplinas podem se aproximar da História no sentido de ajudarem a pensar novas respostas para problemas mais complexos? E quais são as ciências que podem dialogar com a minha prática pedagógica e responder às angústias de meus estudantes?

Como ponto de partida para pensar essas indagações e para tratar a interdisciplinaridade¹¹, recorri ao historiador Lepetit (2011, p. 42), que define esse conceito como “processo controlado de empréstimos recíprocos, entre as diferentes ciências do homem, de conceitos, problemáticas e métodos para leituras renovadas da realidade social”. Dessa forma, Lepetit nos convida, por meio da interdisciplinaridade, a romper as barreiras entre as disciplinas, mas, ao mesmo tempo, manter as características de cada uma delas, isto é, respeitar seus limites e permitir novos saberes, o que levará a História a não ser vista como uma ciência de verdades absolutas e incontestáveis. Assim, acredito que, para promover a prática interdisciplinar em sala de aula e em espaços museais, é necessário reconhecer que as disciplinas não se opõem, não perdem suas especificidades e muito menos se diluem umas nas outras, mas sim se complementam em termos conceituais e metodológicos¹².

Ao refletir sobre as “posturas controladas” propostas por Lepetit (2011), questiono se é possível identificar o que, de fato, é importante tomar emprestado de outras ciências para poder complementar o que a História (sozinha) não pode explicar, e quais os usos e empréstimos que posso fazer de outros campos para ampliar o conhecimento dos estudantes, como transferência de conceitos, problemas e métodos. Tais empréstimos podem ser efetuados a partir do diálogo entre a história, a educação, a arqueologia e a paleontologia, aproveitando o que cada uma dessas áreas pode oferecer para um melhor questionamento e entendimento da temática levantada por meus alunos.

Entendo o quão difícil é trabalhar a interdisciplinaridade, como escreveu Lepetit (2011), os novos saberes não são fáceis, pois, dentro da interdisciplinaridade, um campo não pode se sobrepor ao outro. Por exemplo, a História não pode anular a Paleontologia e o inverso também não pode ocorrer. Por isso, dentro de uma abordagem interdisciplinar, ao

¹¹São vários os autores que discutem a questão da interdisciplinaridade com a história: a) Fernand Braudel: abordagem interdisciplinar – história, geografia, economia e sociologia (*O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II*, 1949 etc.); b) Marc Bloch: interdisciplinaridade entre história, antropologia e sociologia (*Sociedade Feudal*, 1939 e 1940 etc.); c) E. Thompson: abordagens interdisciplinares – história, literatura e antropologia (*The Making of the English Working Class*, 1963 etc.); d) Natalie Davis: combinação de história, antropologia, folclore e estudos de gênero (*O retorno de Martin Guerre*, 1982); e) Carlo Ginzburg (*Método indiciário – história, antropologia, psicologia*, 2016 etc.). Mas, devido ao objeto da pesquisa, escolhi Bernard de Lepetit (*Por uma História Urbana*, 2011).

¹²É importante mencionar que cada campo define, à sua maneira, os conceitos; já em relação aos métodos, eles podem ter aproximações.

utilizar conceitos e métodos de outras disciplinas, é preciso fazê-lo de forma limitada, por meio de “posturas controladas”.

Assim, entendo que, para haver a interdisciplinaridade, é necessário diálogo, troca de experiências, além de muita pesquisa e comprometimento dos professores e dos alunos. E se a interdisciplinaridade é vista como uma tarefa complexa, certamente ela não dispensa abordagem epistêmica, que sustenta uma educação de qualidade, inclusiva e integradora.

1.3 Interdisciplinaridade: interfaces com a educação

Pensando que vivemos em um mundo globalizado, onde estamos o tempo todo conectados à internet, expostos a diversas ideias, à mercê de tantas informações – nem sempre adequadas e verdadeiras – o pensamento disciplinar não consegue mais responder às demandas da atual sociedade. É preciso pensar de forma mais ampla diante da atual realidade, pois o mundo está cada vez mais interdisciplinar e complexo, o que torna mais urgente a necessidade de transformação na educação.

A partir do conceito de interdisciplinaridade¹³ na área da educação e das premissas teóricas trazidas pela educadora Luck (2001), apresento, por meio da *Pedagogia Histórica Contextualizada*¹⁴, reflexões que possam contribuir não somente para o desenvolvimento escolar dos estudantes, mas para sua prática cidadã. De acordo com Luck:

Interdisciplinaridade é o processo que envolve a integração e o engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global de mundo, e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual (Luck, 2001, p. 47).

A definição de Luck pressupõe a compreensão de problemas complexos por meio do diálogo, da cooperação e da troca entre as disciplinas. Ela também abarca o desenvolvimento

¹³A interdisciplinaridade na área da Educação tem início na França, em 1960, no período pós-guerra, quando os movimentos estudantis universitários lutavam por um ensino que estivesse ligado com a realidade vivida por eles, ou seja, que fosse condizente com a realidade da época, enfatizando a política, a economia e a cultura – já que tais problemáticas não podem ser esclarecidas por uma única disciplina. Nessa época, a sociedade era caracterizada pela divisão do trabalho, pelo avanço tecnológico e por acesso a vários tipos de informações. Essa realidade se refletia também na educação, época marcada pela valorização da disciplinaridade, em que cada área de conhecimento atuava sem se relacionar com outras, formando sujeitos com potencialidades limitadas, tanto intelectuais, como físicas e psicossociais (Fazenda, 2012).

¹⁴Entendemos que a *Pedagogia Histórica Contextualizada* se difere de outras pedagogias acadêmicas justamente por atuar em espaços fora da sala de aula, ou seja, ela se faz com a colaboração de outros para além do espaço escolar. Trata-se não só de uma metodologia, mas também de uma abordagem multifacetada por abordar assuntos relacionados à interdisciplinaridade.

de habilidades e competências do alunado, tal como as ideias dos historiadores, Lepetit e Hartog, já referenciados neste trabalho. E essa conceituação também considera a proposta da *Pedagogia Histórica Contextualizada*, que está diretamente relacionada com as concepções ligadas à interdisciplinaridade, de Luck (2001), em sua obra *Pedagogia Interdisciplinar: Fundamentos Teóricos-Metodológicos*.

Um dos aspectos dessa relação entre a *Pedagogia Histórica Contextualizada* e as ideias de Luck diz respeito à fragmentação do conhecimento. A autora argumenta que essa fragmentação acontece tanto por inadequação em lidar com a complexidade dos saberes, como pela interconexão dos problemas e desafios enfrentados na atualidade.

A autora também faz referência à postura do educador em seu trabalho interdisciplinar, sendo essa uma das premissas mais importantes defendidas pela *Pedagogia Histórica Contextualizada*. A postura envolve a mediação do professor na resolução de problemas levantados pelos alunos de maneira que contribua para o seu ensino-aprendizagem e permita a eles assumirem o papel de sujeitos ativos, dotados de autonomia e reflexão crítica.

Isso tudo sinaliza que a prática interdisciplinar deve rever as questões teórico-metodológicas. Diante das novas exigências da sociedade, tanto professores como Estado necessitam de atitudes para o desenvolvimento de uma educação mais humanizada, que realmente faça sentido aos estudantes. Envolver projetos, estudos de casos, exposições, visitas, entrevistas, aprendizagem baseada em problemas e interações com a comunidade – discussões essas que serão abordadas no próximo capítulo desta pesquisa – são exemplos de como realizar isso.

Diante do que foi abordado, percebo o quão difícil é a missão de trabalhar a interdisciplinaridade com estudantes de sexto ano do Ensino Fundamental II, embora isso seja necessário. É fundamental salientar que, apesar de garantida pelas disposições legais da educação brasileira, a interdisciplinaridade permanece como um desafio a ser integrado nas práticas escolares: seja porque esbarra na resistência de alguns professores em aceitar mudanças e desafios que os tirem da sua zona de conforto (professores antagonistas); seja porque é difícil incorporar novos conceitos, informações e agentes colaborativos às suas respectivas disciplinas.

Da mesma forma, os estudantes também não se sentem encorajados a participar de tal desafio, já que isso exige uma mudança de postura frente aos estudos, como curiosidade, questionamento, pesquisa, trabalho coletivo, diálogo com a comunidade e dedicação. Há também outras questões a serem consideradas, como a inflexibilidade do currículo, tanto nos conteúdos a serem estudados quanto nas atividades propostas, e a falta de competências

desenvolvidas. Isso torna necessária a criação de políticas públicas que favoreçam a interdisciplinaridade nas escolas e a revisão dos currículos, para que haja a inserção de projetos pedagógicos que estimulem a prática interdisciplinar.

Entre as décadas de 1970 e 1990, houve muitos estudos acerca da interdisciplinaridade na educação e, apesar das inúmeras discussões relacionadas ao conceito do termo, não existe um consenso sobre ele e seu uso, que, em geral, é indiscriminado. A palavra é polissêmica, inclusive existem diferentes variações terminológicas, com as especificidades de cada campo do conhecimento. O pesquisador Michaud, por exemplo, propôs uma diferenciação em cinco níveis: transdisciplinaridade, pluridisciplinaridade, multidisciplinaridade, disciplinaridade e interdisciplinaridade (Fazenda, 2012). Segundo Ferreira e Sonaglio (2013), na multidisciplinaridade, existe uma temática em comum entre as disciplinas, mas elas não dialogam entre si, isto é, não existe uma relação forte nem uma cooperação mútua entre elas. Na pluridisciplinaridade, por sua vez, há uma temática em comum entre várias disciplinas, pois existe diálogo e cooperação entre elas, porém, de forma não organizada. Já a transdisciplinaridade é a cooperação entre as disciplinas: elas estão tão integradas umas às outras que é muito difícil perceber as especificidades de cada uma delas, ou seja, é difícil perceber onde começa e termina cada disciplina – esse seria o processo avançado da interdisciplinaridade. Neste trabalho, não discutimos os conceitos de multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade, limitamo-nos à interdisciplinaridade devido ao recorte de objeto da pesquisa.

No Brasil, a interdisciplinaridade aparece com força em 1996, com a promulgação da LDB nº. 9.394/96, que estabelece o seguinte em seu artigo primeiro: “processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (Brasil, 1996).

Essa discussão se intensifica em 1997, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Apesar de não utilizarem essa conceitualização, o documento menciona “Temas Transversais”, que, na prática, têm as mesmas características: a apropriação de conteúdos/conceitos de outras áreas de conhecimento para proporcionar uma aprendizagem mais completa sobre determinado assunto, sugerindo um trabalho de diálogo entre disciplinas e defendendo o uso de diferentes fontes históricas e conhecimentos.

A organização dos conteúdos para o ensino de História se apresenta por meio de eixos temáticos nos quais a interdisciplinaridade está presente: “a partir de problemáticas amplas, optou-se por organizar os conteúdos em eixos temáticos e desdobrá-los em subtemas,

orientando estudos interdisciplinares e a construção de relações entre acontecimentos e contextos históricos no tempo” (Brasil, 1997, p. 46).

Quando o processo de ensino-aprendizagem acontece sem que haja interação entre as diferentes matérias, o alunado perde a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos e descobrir novas afinidades, que podem auxiliar no seu futuro profissional. Mas, quando nos propomos a fazer um trabalho interdisciplinar, envolvendo outras áreas de saber, estimulamos a coletividade entre estudantes e profissionais para juntos chegarem a um conhecimento mais robusto, isto é, com uma visão ampla e profunda sobre determinado objeto.

Pensar a interdisciplinaridade em minha sala de aula com os estudantes de sexto ano e suas relações com a realidade que os instiga favorece a valorização e o protagonismo de seus conhecimentos. Isso democratiza o saber e ajuda a constituir cidadãos críticos, dotados de pensamentos mais complexos e multifacetados sobre um mesmo objeto de estudo. Ademais, é relevante lembrar que esse movimento de interdisciplinaridade acontece em vários contextos: social, econômico e cultura. Logo, nós enquanto escola que trabalha com seres sociais não podemos ficar de fora, a educação precisa pensar atitudes para suprir essa demanda.

Seguindo essa mesma perspectiva, de favorecimento do protagonismo do alunado, apresenta-se outro desafio: fazer o professor se identificar como um colaborador, e não dono do saber, abrindo-se a novas experiências junto aos estudantes. É como o educador Paulo Freire (1993) defende em sua nova proposta de educação denominada “educação libertadora”, inspirada na valorização do saber de todos: nela, professores e alunos, por meio do diálogo, constroem juntos o conhecimento.

O autor faz uma crítica ao sistema de educação que ele chamou de “educação bancária”, na qual há uma imposição do conhecimento do professor sobre os seus alunos, ou seja, o professor deposita o conhecimento e o aluno apenas o recebe, como uma dádiva, de maneira passiva e numa atitude opressiva. Esse sistema nega o diálogo, elemento indispensável para a edificação de uma “aprendizagem problematizadora”, que inspira o progresso, a justiça e a equidade de uma sociedade.

Acredito e trabalho por uma educação em que os alunos possam lucrar não apenas com os depósitos (bagagens socioculturais) realizados por seus professores, mas também com seus próprios depósitos e com os de sua comunidade. Assim, à medida que os alunos se envolvem ativamente no processo de ensino-aprendizagem, o saldo da conta pode multiplicar-se, deixando todos mais ricos! E é isso que objetiva a *Pedagogia Histórica Contextualizada*.

Buscando a educação como prática de liberdade e fundada no diálogo, penso que nós, enquanto professores da educação fundamental, somos agentes diretos de transformação da

realidade de nossos estudantes, assim como descreve Freire (1998, p. 93): “há uma necessidade de uma educação corajosa, que enfrentasse discussão com o homem comum, de seu direito àquela participação”. E uma prática pedagógica interdisciplinar nessa direção prepara o aluno para um pensamento crítico diante da realidade que o cerca, pois, segundo Freire (1989, p. 18), “a educação modela as almas e recria os corações, ela é a alavanca das mudanças sociais”.

Diante do exposto e da minha interpretação limitada do pensamento freireano, entendo que o ato de educar é bem mais que transmitir conteúdos e que a prática docente precisa ser repensada para ser libertadora e favorecer a curiosidade, o questionamento e o pensamento crítico de nossos estudantes. É dessa forma que busquei realizar a proposta da presente pesquisa, que incentivou o ensino por meio de um tema gerador¹⁵ diretamente ligado ao cotidiano dos estudantes e que, somado à interdisciplinaridade, favoreceu a construção de um conhecimento inovador e uma aprendizagem significativa. Isso porque a pesquisa partiu de uma contextualização, ou seja, de um assunto presente no dia a dia da comunidade na qual estão inseridos os estudantes. E nesse processo, por meio das práticas interdisciplinares desenvolvidas, pude perceber nitidamente que eles se sentiram parte integrante da História.

Nem sempre é fácil romper com a ideia de uma “educação bancária”, principalmente quando nos deparamos com turmas lotadas, muitas vezes indisciplinadas, sem interesse, que sofrem descaso familiar e não têm perspectivas de futuro! Esse é um desafio que enfrentamos diariamente e que precisa ser encarado com práticas educativas que visem ao diálogo e ao respeito entre professor e aluno.

É primordial que os alunos pensem em nossas aulas como lugar de reflexão, como espaço de questionamento de suas realidades e instrumento para promover uma mudança social, ou seja, nossa prática precisa se tornar libertadora, promovendo uma produção de conhecimento que faça sentido às suas vidas e contribua para a sua formação crítica. E a curiosidade, motor da busca do conhecimento e da reflexão, deve ser estimulada por nós professores da rede básica, pois ela é o elo do processo ensino-aprendizagem, a chave para grandes mudanças na sociedade.

Diante da conjuntura de um mundo globalizado/capitalista, da desarticulação entre escola e sociedade e de todas as reflexões aqui apresentadas, pergunto-me: que tipo de educação faz sentido para os nossos jovens estudantes hoje? A *Pedagogia Histórica*

¹⁵O tema gerador, proposto pela pedagogia freireana, é aquilo que estimula a curiosidade, provoca o debate e prioriza a problematização dos saberes, tensionando os saberes prévios dos indivíduos e o saber em processo de construção a partir de discussões em grupos.

Contextualizada pode ser uma possível resposta para essa questão no que tange à área de História? Afinal, ela fornece suporte para a construção de uma educação democrática e libertadora e, por meio de sua práxis, propicia o desenvolvimento da capacidade crítica dos estudantes. Dessa maneira, a práxis se integra à teoria, promovendo autoconfiança, criatividade e questionamento, ou seja, ajudando-os a se tornarem protagonistas no processo de ensino-aprendizagem e agentes semeadores de mudanças na comunidade.

1.4 Arqueologia, Paleontologia e Públicos: o papel educativo nas escolas.

Os conteúdos do ensino de História do currículo de sexto ano do Ensino Fundamental, embora mexam com a imaginação dos estudantes, são conteúdos complexos e abstratos, pois estão longe da temporalidade e principalmente da realidade dos nossos estudantes. Isso dificulta o processo de ensino-aprendizagem, o que torna necessário recorrer às práticas e aos métodos de outras áreas de conhecimento para que os estudantes, então, possam experimentar outras vivências que complementem as leituras dos livros didáticos e a própria argumentação do professor em sala de aula.

Diante disso, para que esta pesquisa se tornasse mais completa, propus um diálogo com a Arqueologia Pública, ciência que compreende as relações sociais e as transformações ocorridas na sociedade por meio de vestígios (Funari; Oliveira; Tamanini, 2018). A Arqueologia enquanto ciência, que se firma por meio de investigações e problemas, tem como base a cultura material, a qual é vista por historiadores e arqueólogos como algo essencial para compreender as sociedades passadas (Funari, 2010).

Talvez você possa estar se perguntando: mas qual o motivo de abordar a Arqueologia em um trabalho que busca conciliar História e Paleontologia? Qual seria a função e a relação dela para esta pesquisa? Depois de muitos debates, leituras e estudos, compreendi que, para os alunos entenderem o período paleontológico e a sua ligação com a história e o ofício do historiador, precisamos fazer uma vinculação com a ciência da Arqueologia, mostrando as diferenças e semelhanças entre elas, por exemplo: tanto arqueólogos como paleontólogos trabalham com escavações, mas com focos diferentes, um vai tratar de animais e outro de seres humanos. Para nós professores, essa diferença entre o ofício do historiador, do arqueólogo e do paleontólogo pode parecer óbvia, mas não para a maioria dos estudantes, que têm idade entre dez e onze anos. É preciso deixar bem claro para os alunos qual a função de cada um desses pesquisadores e mostrar que o trabalho de um pode interferir diretamente no do outro.

Para que esta pesquisa possa servir também como fonte de informação para outros colegas, julgamos necessário fazer uma breve contextualização da história da arqueologia brasileira a partir das descobertas feitas pelo naturalista dinamarquês Peter Lund. Movido por seus interesses científicos na área de botânica, ele se estabeleceu no Brasil, vindo a se tornar o pai da paleontologia e da arqueologia em nosso país.

Ao visitar a fazenda de seu conterrâneo Peter Claussen, em Curvelo, Minas Gerais, Lund teve os primeiros contatos com fósseis de animais pré-históricos e passou a se interessar cada vez mais pelas escavações e pelas atividades da paleontologia. Tempos depois, ele se desentendeu com Claussen, pois este começou a comercializar os fósseis. Lund, então, parte para a região de Lagoa Santa e continua explorando grutas e cavernas, onde realizou importantes descobertas de novas espécies, como a raposinha, o cachorro-do-mato-vinagre e a cuíca, além de encontrar ossos de animais pré-históricos, como os do tigre-dente-de-sabre e da preguiça-gigante.

Em 1940, em suas andanças pela região, Lund adentrou a Gruta do Sumidouro, cuja escavação só foi possível devido a uma longa estiagem. Ali encontrou algo que mudaria a sua vida e a de pesquisadores do mundo inteiro, a saber: cerca de trinta esqueletos pré-históricos que viveram na mesma época que os animais da Megafauna. Esse fato provocou discussões e divergências sobre a origem do homem americano, e que continuam até hoje, pois se acreditava que os humanos eram recentes na história do planeta e que vieram depois desses animais¹⁶. Além disso, um outro questionamento foi suscitado ao estudar a morfologia do crânio desses indivíduos: constatou-se que ela era diferente das feições dos povos mongóis, “dos quais, a princípio, acreditava-se derivar a raça americana” (Marchesotti, 2005).

Mesmo após a morte de Lund, suas descobertas continuaram inspirando outros grupos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Em 1975, em Pedro Leopoldo, Minas Gerais, uma missão franco-brasileira, liderada pela arqueóloga Annette Laming-Emperaire, descobriu o mais antigo fóssil humano já encontrado na América. Essa descoberta serviu de base para os estudos do arqueólogo brasileiro Walter Neves durante a década de 1980. Ao analisar a morfologia do crânio da Luzia (nome dado pelo pesquisador), ele concluiu que os primeiros habitantes do continente tinham características diferentes dos atuais indígenas da América e que elas se assemelhavam aos povos da Oceania.

¹⁶Peter era seguidor da teoria catastrofista de George Cuvier, ou seja, acreditava que o mundo, de tempos em tempos, passava por catástrofes que acabavam com espécies para que outras pudessem surgir.

Em resumo, a arqueologia brasileira entrou para o cenário mundial com tais descobertas, pois foi possível questionar importantes teorias, como a de Clóvis¹⁷ e, assim, abrir caminhos para novas discussões sobre a origem do homem americano. Atualmente, a arqueologia brasileira é a principal chave para a história mundial.

Infelizmente, o crânio de Luzia sofreu um terrível acidente, pois fazia parte do acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro, incendiado em setembro de 2018. Embora fragmentos do crânio tenham sido encontrados e restaurados, a sensação de desvalorização e descuido com o patrimônio em nosso país permanece. Isso abre uma nova vertente para discutirmos a Arqueologia Pública, que será abordada aqui como parte fundamental para o processo de preservação e cuidado com o patrimônio pelos estudantes.

Meu objetivo não é trabalhar com os estudantes toda a complexidade da Arqueologia, mas tão somente a contribuição da Arqueologia Pública¹⁸. Isso porque esta estabelece uma relação entre a ciência e as pessoas para além da sala de aula, no sentido de preservação de sítios arqueológicos e de envolvimento da comunidade com a valorização do trabalho arqueológico. E esse entendimento pode ser articulado com a preservação do futuro geoparque Caiuá, do qual Cruzeiro do Oeste fará parte.

Assim, a Arqueologia Pública, segundo Funari, Oliveira e Tamanini (2008), é a parte social da Arqueologia, uma vez que envolve aspectos educacionais, políticos e religiosos, bem como direitos humanos e preservação do patrimônio. Ela propõe diálogos, discussões e, principalmente, que os conhecimentos científicos não se restrinjam ao meio acadêmico, mas perpassem também o público considerado leigo, afinal, esse público faz parte de um contexto cultural e é impactado por ele. Em outra definição, Funari e Robrahn-González (2015) entendem que a Arqueologia Pública é uma ciência que busca o benefício das comunidades, ou seja, ela desenvolve uma ação voltada ao público e com o público.

¹⁷Segundo Santos (2020), a teoria “Clovis First” defende que todas as populações nativo-americanas originaram-se de uma única população ancestral proveniente da Beríngia, a partir também de uma única onda migratória.

¹⁸O termo “arqueologia pública” foi empregado pela primeira vez pelo arqueólogo Charles McGimsey III, na década de 1970, quando ele abordou as questões práticas sobre a gestão de patrimônio cultural para diferenciá-las dos estudos acadêmicos. Ali ele propôs também uma reformulação da profissão dos arqueólogos, com o objetivo de ela se aproximar mais da comunidade, para que esta pudesse compreender o papel desse trabalho. Mas foi a partir de 1980, com a criação do *World Archaeological Congress* – Congresso Mundial de Arqueologia –, que esse termo ganhou novos contornos, sendo associado a questões de respeito e valorização cultural de um patrimônio pela inclusão da sociedade. Em 1986, em uma das edições do Congresso, na cidade de Southampton, Estados Unidos, a Arqueologia Pública foi aberta ao diálogo interdisciplinar, no qual pesquisadores de várias áreas do conhecimento (historiadores, antropólogos, arqueólogos, além de comunidades indígenas) reuniram-se para discutir sobre o papel social da Arqueologia. No ano de 1999, na África do Sul, o Congresso Mundial de Arqueologia teve a participação de um arqueólogo brasileiro, Pedro Paulo Funari, e o fruto desse congresso foi a publicação do livro *Public Archaeology*, no qual Funari contribuiu com um capítulo sobre a antropologia pública no Brasil.

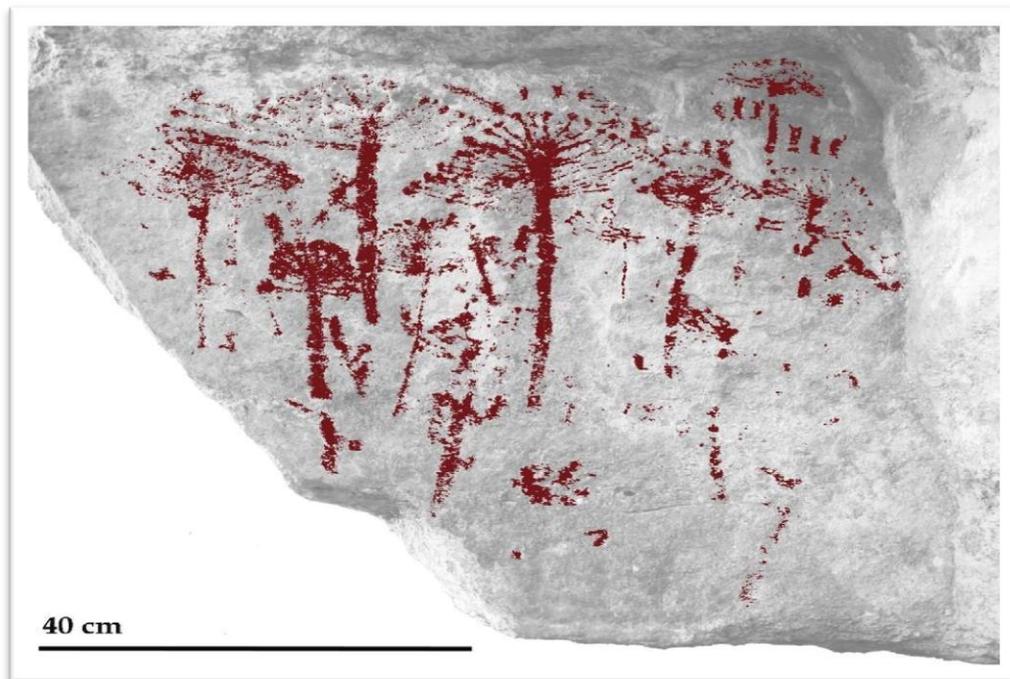
Mas como relacionar o ensino de História com a Arqueologia em sala de aula? De que maneira as práticas arqueológicas podem contribuir para concretizar assuntos tão abstratos para os estudantes de sexto ano? Um aspecto relevante que pode ajudar nesse diálogo entre História e Arqueologia é elucidar como funciona o trabalho do arqueólogo. Ao mostrar as descobertas já realizadas por essa área, podemos ajudar a História na complexa tarefa de construir e reconstruir os passos da humanidade no tempo.

Boulos (2018) apresenta um exemplo disso no livro didático para professor. No capítulo quatro, que atende à habilidade¹⁹ EF06HI04 da BNCC, a saber, “conhecer as teorias sobre a origem do homem americano”, ele menciona o ofício do arqueólogo ao abordar o reconhecido trabalho de Niède Guidon e Walter Neves, dois importantes arqueólogos envolvidos em descobertas brasileiras sobre a origem do homem no continente americano.

E assim como essas notáveis pesquisas nacionais, a arqueologia no estado do Paraná vem apresentando destaque. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (Iphan, 2023), o Paraná conta com vários sítios arqueológicos, datados entre dois a oito mil anos, entre eles: os sambaquis, espalhados por municípios do litoral paranaense; as pinturas rupestres (Figura 9), localizadas na região dos Campos Gerais e na Baía de Guaraqueçaba; e sítios históricos, como as reduções jesuíticas de Nossa Senhora de Loreto no município de Itaguajé e as cidades espanholas de Ciudad de Real del Guairá, território que atualmente pertence à cidade de Terra Roxa e Villa Rica del’ Espiritu Santo na atual cidade de Fênix.

¹⁹As habilidades e as competências da BNCC são conceitos complementares que direcionam para o mesmo objetivo: a possibilidade de garantir uma formação integral para todos os estudantes. As habilidades são os conhecimentos necessários para o pleno desenvolvimento das competências; e as competências são as mobilizações de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. Ao desenvolver uma competência, estamos mobilizando várias habilidades que, juntas, proporcionam o domínio em determinado contexto (Para saber mais sobre competências específicas de História para o Ensino Fundamental, vide Anexo C).

Figura 9 – Pinturas rupestres de araucárias, inéditas²⁰



Fonte: Grupo [...] (2023).

Liccardo e Santos (2022), por meio de ações do Museu de Ciências Naturais da Universidade de Ponta Grossa, que têm contribuído para a democratização do conhecimento científico à comunidade, mostram-nos um ousado exemplo de divulgação e conscientização de questões relacionadas ao patrimônio histórico e geocultural. Isso porque as ações dos seres humanos é parte integradora da geodiversidade do planeta e elas precisam fazer parte do processo de ensino-aprendizagem, tal como estabelece a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas²¹: a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (Brasil, 2018, p. 8).

Mesmo que ainda não constem nos currículos escolares, ações desse tipo devem ser encorajadas, discutidas e desenvolvidas dentro de sala de aula, afinal, “o ensino da Geodiversidade e de temas associados são essenciais para o entendimento da história do

²⁰Essa descoberta inédita, realizada em 2023, na área da arqueologia, pelos pesquisadores da UEPG, mostrou, por meio de representações rupestres, registros da relação dos homens (os povos originários) com a natureza (as araucárias).

²¹Segundo a Secretaria de Relações Internacionais (Serinter, 2023), a Agenda 2030 é um compromisso assumido por todos os países que compuseram a Cúpula das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável em 2015 (os 193 Estados-membros da ONU, incluindo o Brasil). Essa agenda tornou-se a principal referência na formulação e implementação de políticas públicas para governos em todo o mundo. Trata-se de um apanhado de metas, norteadores e perspectivas definidos pela ONU para atingirmos a dignidade e a qualidade de vida para todos os seres humanos do planeta, sem comprometer o meio ambiente e, conseqüentemente, as gerações futuras.

planeta, evidenciando ações mais sustentáveis preocupadas com o manejo dos recursos naturais, dos quais todas as espécies dependem” (Meira; Liccardo; Pimentel, 2023, p. 4).

Diante de tais ações e descobertas, importantes para a Arqueologia e para a História tanto no Brasil como no estado do Paraná, aproveitamos para demonstrar, neste trabalho, como essa interdisciplinaridade acontece aqui mesmo no município, trazendo a temática para próximo da realidade dos estudantes.

As pesquisadoras Martins e Pomari (2019) e também o senhor João Gustavo Dobruski, membro da comunidade de Cruzeiro do Oeste, relatam a ação de um homem simples, trabalhador rural que, ao escavar a terra, retirou o primeiro bloco de rocha contendo alguns fósseis de pterossauros e o enviou para pesquisa. O senhor Alexandre Gustavo Dobruski, pai de João, mesmo na sua simplicidade e com pouco estudo, fez-se protagonista de uma história que hoje é estudada e pesquisada por pessoas de várias partes do país e do mundo. Sem imaginar, ele estava desenvolvendo o cerne do trabalho de arqueólogos e paleontólogos: as escavações (Figura 10).

Figura 10 – Alexandre Gustavo Dobruski retirando blocos de rocha contendo fósseis²²



Fonte: Acervo pessoal de João Gustavo Dobruski (1976).

Em sala de aula, a proposta de atividade deu-se por meio de uma importante ação educativa que permitiu o contato dos alunos com o trabalho dos arqueólogos, incentivou a

²²Foto tirada por Maria Helena Dobruski, prima do senhor João Gustavo Dobruski. Quem aparece na foto escavando o solo é o pai do senhor João: Alexandre Gustavo Dobruski.

socialização do conhecimento pela via do diálogo e da interação dos envolvidos, firmou um compromisso social com a comunidade e possibilitou reflexões sobre o passado e presente. É como afirmam Funari e Robrahn-González (2015), a partir da preservação da história, a arqueologia também contribui para a construção da relação entre passado e presente.

Podemos, ainda, destacar outro benefício da interdisciplinaridade entre a Arqueologia e o ensino de História para esta pesquisa, a saber: a sensibilização de uma comunidade no que se refere à preservação do patrimônio que faz parte de seu cotidiano. Isso vai ao encontro da BNCC (Brasil, 2018, p. 401), quando ela menciona que a disciplina de História deve “considerar a experiência dos alunos e professores, tendo em vista a realidade social e o universo da comunidade escolar, bem como seus referenciais históricos, sociais e culturais”.

Conforme argumenta Oliveira (2013), os bens arqueológicos são passíveis de deteriorar-se, o que pode levar ao seu desaparecimento. Portanto, além da gestão local e dos profissionais ligados à área, é primordial que haja um engajamento de toda a sociedade para a preservação de tais bens. Por isso, Magalhães (1997, p. 39) é enfático em dizer que “a comunidade é a melhor guardiã do seu patrimônio”, logo, precisamos despertar nos estudantes o sentimento de pertencimento diante do patrimônio e o de valorização do espaço que vivem.

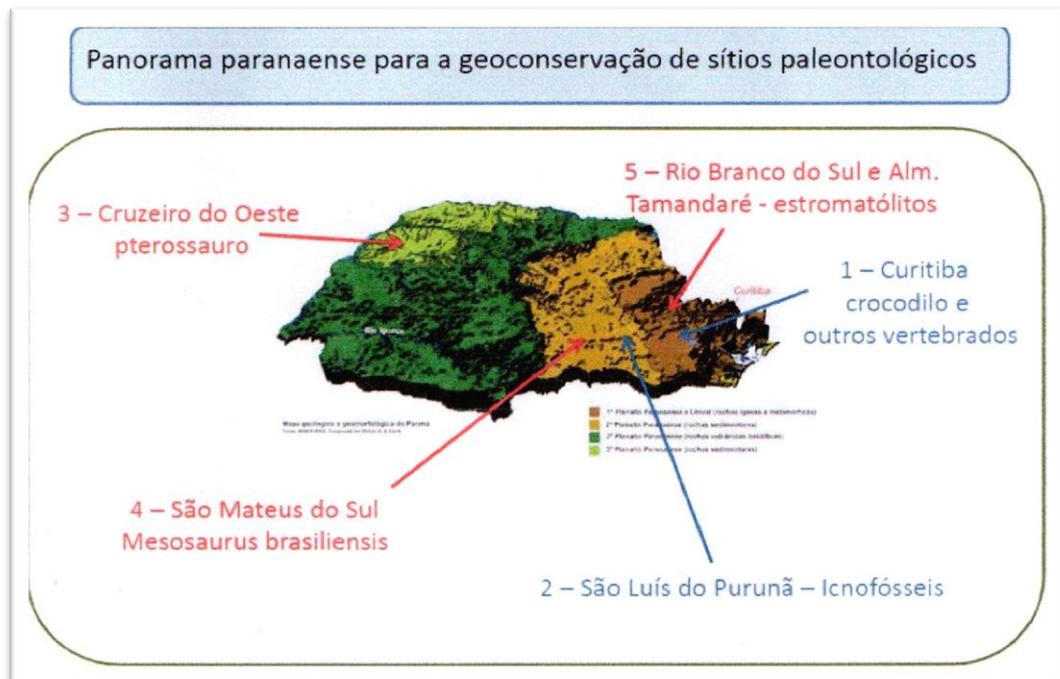
Outro aspecto importante a ser pensado, então, é a questão da preservação do patrimônio. De acordo com o IPHAN²³, hoje a paleontologia se enquadra no formato de patrimônio de bens culturais, ou seja, ela faz parte dos bens da humanidade e, portanto, suas descobertas precisam ser protegidas em museus. E justamente por estarem em museus, existe um trabalho humano importante sendo desenvolvido para garantir a preservação de tais descobertas. Isso viabiliza que outras gerações possam ter acesso a esses conhecimentos, assim como acontece no Museu de Ciências Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa e no Museu de Paleontologia de Cruzeiro do Oeste.

No estado do Paraná (Figura 11), a paleontologia se apresenta em destaque em diversas regiões: Curitiba, onde foram encontrados fósseis de vertebrados; São Luiz do Purunã, local com possíveis icnofósseis; São Mateus do Sul, onde foi localizado o réptil

²³A Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio estabelecido pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, substituindo a denominação Patrimônio Histórico e Artístico por Patrimônio Cultural Brasileiro. Essa alteração incorporou o conceito de referência cultural e a definição dos bens passíveis de reconhecimento, sobretudo os de caráter imaterial. A Constituição estabelece, ainda, a parceria entre o poder público e as comunidades para a promoção e proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro. No entanto, mantém a gestão do patrimônio e da documentação relativa aos bens sob responsabilidade da administração pública, conforme o Art. 216: “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.”

aquático *Mesosaurus brasiliensis*; Rio Branco do Sul e Almirante Tamandaré, região onde foi encontrada a forma mais antiga do planeta, estromatólitos; e Cruzeiro do Oeste, o local mais significativo dentre os achados paleontológicos.

Figura 11 – Panorama paranaense de sítios arqueológicos



Fonte: Liccardo, Guimarães e Piekarz (2014).

No município, já foram encontradas cinco espécies: os pterossauros *Caiuajara dobruskii* e *Karesdrokon vilsoni*, o lagarto *Gueragama sulamericana* e os dinossauros *Vespersauro paranaensis* e *Berthasaura leopoldinae*. E, segundo relato da pesquisadora Neurides Martins, em entrevista aos estudantes, ainda muitas surpresas vem por aí, pois a área escavada onde se encontram esses fósseis não corresponde nem a 10% da área total de pesquisa, ou seja, nas palavras da entrevistada, “tem trabalho para mais de cinquenta anos”.

Todas essas descobertas fazem parte do patrimônio cultural, portanto, um bem público, de uso comum do povo e que precisa ser preservado para que essa e outras gerações tenham acesso a toda essa riqueza. Isso aconteceu com o Parque Estadual de Vila Velha em Ponta Grossa, fundado em 1966, com a finalidade de preservação das imensas rochas esculpidas pela ação do tempo, da água e dos ventos. Antes da criação do Parque, as rochas de arenito ficavam expostas para qualquer visitante facilmente tocá-las, prática esta que, ao longo do tempo, danificaria o conjunto das curiosas rochas areníticas. Hoje os visitantes não têm acesso direto às rochas, medida que ajuda na preservação do patrimônio.

Outros exemplos de proteção e conservação no estado do Paraná são os geopatrimônios de Tibagi, de Prudentópolis e dos Campos Gerais. E essa lista tende a aumentar e se tornar mais rica com a criação do Geoparque Caiuá, uma área geográfica que possui um patrimônio geológico de relevância científica, educativa, cultural e turística e cujo município de destaque é a cidade de Cruzeiro do Oeste, na região noroeste.

Tendo em vista a importância da paleontologia, foi primordial para o desenvolvimento deste estudo a interdisciplinaridade com o campo dela, que, aliás, passou a ostentar o título de ciência entre os séculos XVII e XVIII. Trata-se de um campo de estudos das antigas formas de vida existentes na Terra, tendo os fósseis²⁴ como principal objeto de pesquisa.

Mas, caro leitor, a essa altura da referida leitura, em que já foi estabelecido um diálogo entre História e Arqueologia, você deve estar se perguntando de que maneira isso seria possível também com a Paleontologia? Pois bem, embora saibamos da dificuldade em relacioná-las, porque a Paleontologia é uma ciência que trabalha com uma cronologia mais ampla (de milhões de anos) e apresenta a história da Terra, minha prática em sala de aula junto aos estudantes do sexto ano evidencia que isso é possível.

Encontrei referências no livro didático para mostrar na aula de História, ainda que sutilmente, como a Paleontologia se faz presente. No terceiro capítulo, que visa atender à habilidade EF06HI03 da BNCC – “identificar as hipóteses científicas sobre o surgimento da espécie humana e sua historicidade e analisar os significados dos mitos de fundação” –, Boulos (2018, p. 39) apresenta a imagem do esqueleto de uma preguiça-gigante, fazendo referência ao trabalho do paleontólogo (Figura 12). Ao analisarmos e dialogarmos sobre essa imagem em sala de aula, a comparação dela com os fósseis encontrados na cidade é imediata e a curiosidade dos alunos sobre o trabalho do paleontólogo também emerge rapidamente.

²⁴De acordo com Zucon (2011, p. 8): “A palavra FÓSSIL provém de fossilis que significa extraído da terra. Desta forma, fósseis são organismos que existiram antes da época geológica atual, e que deixaram restos ou vestígios de sua presença registrados nas rochas do nosso planeta. A Paleontologia é então o estudo dos fósseis e suas aplicações. Os restos ou vestígios de organismos com mais de dez mil anos, são considerados fósseis”.

Figura 12 – Ilustração de fóssil de uma preguiça-gigante

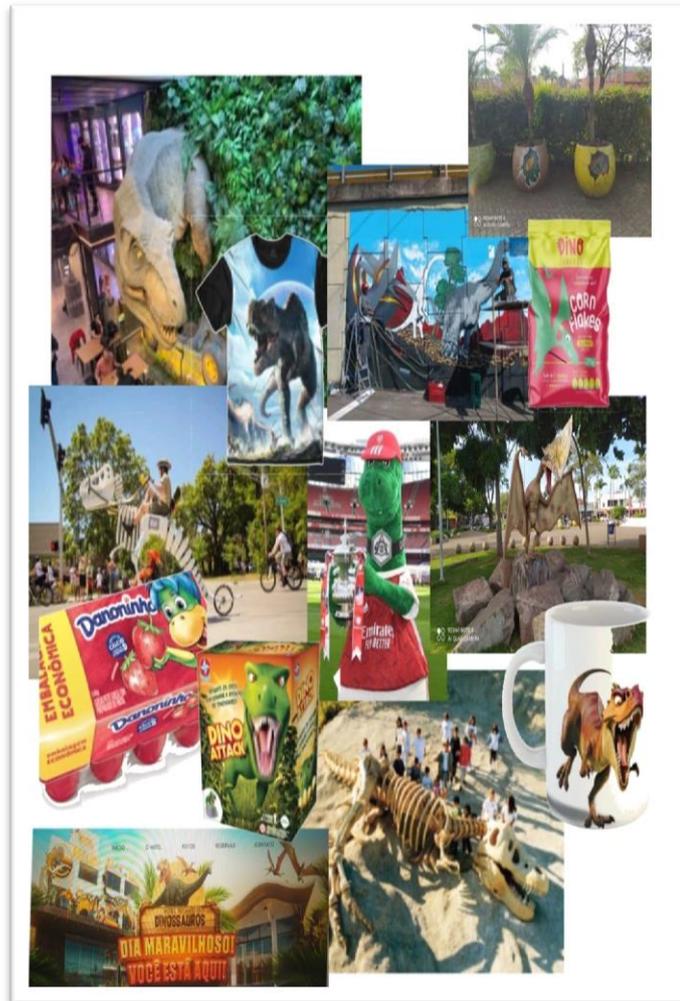


Fonte: Boulos (2018).

Sem dúvida, ao olharmos para um fóssil na natureza, seja ele de uma preguiça-gigante ou mesmo de um pterossauro e dinossauro, podemos enxergá-lo como um produto natural, sem qualquer projeção dos interesses humanos sobre ele. Mas, a partir do momento que ele é manuseado, esse mesmo fóssil passa a ter um valor socioeconômico e cultural para uma determinada sociedade. E nesse momento, “o próprio fóssil vai originar informação que altera o imaginário cultural e gera história”, ou seja, “um fóssil pode originar referências e gerar benefícios econômicos” (Mateus, 2020, p. 50). É a partir desse pensamento que busquei relacionar Paleontologia e História.

Embora as evidências científicas apontem que humanos e dinossauros não tenham vivido no mesmo tempo, a Paleontologia desperta o interesse dos seres humanos desde a Pré-História, isto é, desde essa época, os objetos fossilizados vêm mexendo com a nossa curiosidade (Faria, 2006). Muitas vezes, esses fósseis/dinossauros se tornam elementos identitários de uma comunidade, tornando-se símbolos de um determinado local e marca de produtos (Figura 13).

Figura 13 – Elementos identitários da “Dinocultura”



Fonte: Montagem realizada pela pesquisadora (2023)²⁵.

Neste estudo, entendo a interdisciplinaridade como uma complexa e necessária ferramenta educacional, que se opõe à fragmentação do conhecimento a partir da interação harmônica entre as diferentes áreas do saber. Dessa forma, ela busca o desenvolvimento intelectual e científico dos estudantes, auxiliando-os na promoção do seu protagonismo no

²⁵As imagens usadas foram coletadas nos sites: a) Hamburgueria temática em São Paulo. Disponível em: www.uol.com.br. Acesso em: 26 mar. 2023; b) Camiseta Dinossauro. Disponível em: www.lepepper.com.br. Acesso em: 26 mar. 2023; c) Mural de Robal e Leds, Projeto Elos Perdidos. Disponível em: www.marilia.sp.gov.br/portal/noticias/projetoelospdidos. Acesso em: 26 mar. 2023; d) Vasos Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste. Foto de Flávia Pires de Almeida (2023); e) Dinos Alimentos. Disponível em: www.tudosobrealimentosebebidas.com.br. Acesso em: 26 mar. 2023; f) Bicicleta Dinossauro. Disponível em: www.virgula.com.br. Acesso em: 26 mar. 2023; g) Mascote do Arsenal. Disponível em: www.uol.com.br. Acesso em 26 mar. 2023; h) Monumento Praça Municipal Cruzeiro do Oeste. Foto de Flávia Pires de Almeida (2023); i) Danoninho. Disponível em: www.danominho.com.br. Acesso em: 26 mar. 2023; j) Dino Attack da Estrela. Disponível em: www.novomundo.com.br. Acesso em: 26 mar. 2023; k) Resort Pedagógico - Sítio Carroção, S.P. Disponível em: www.gazetadopovo.com.br. Acesso em: 26 mar; 2023. l) Caneca Dinossauro Divertido - T-rex. Disponível em: www.americanas.com.br. Acesso em 26 mar. 2023; m) Hotel Recanto dos Dinossauros. Disponível em: www.hotelrecantodosdinossauros.com.br. Acesso em 26 mar. 2023.

processo de ensino-aprendizagem, bem como na reconstrução de novos saberes escolares e vivências para enfrentar um mundo em constante mudança.

Mas percebo também, como a própria interdisciplinaridade já pressupõe a ideia de coletividade, a necessidade de um esforço coletivo a partir das estruturas que compõem o ensino escolar. Isso demanda uma série de etapas: a começar pela própria formação profissional que as instituições universitárias propõem, depois passar pela organização dos currículos escolares (hoje fragmentados) e pelo projeto político pedagógico das escolas, atravessar a resistência por parte dos professores e chegar aos setores da sociedade que persistem em uma visão fragmentada do conhecimento.

A escola poderá ser um lugar de produção, reconstrução e socialização do conhecimento, um verdadeiro instrumento de acesso à cidadania, capaz de acompanhar as rápidas mudanças que a contemporaneidade vem trazendo à sociedade. A educação e a escola não podem continuar sendo as mesmas, presas a um sistema arcaico que exclui e segrega. É urgente a necessidades de pensarmos e agirmos para que a educação avance no sentido de potencializar as relações interdisciplinares, unindo conhecimentos para a construção de cidadãos mais conscientes de seus papéis na sociedade.

CAPÍTULO 2

CAMINHOS PARA UMA *PEDAGOGIA HISTÓRICA CONTEXTUALIZADA*

É tão gostoso quando a gente participa de verdade de um trabalho. Conhecer as histórias do passado de nossa cidade nos faz viajar no tempo; aqui é o nosso lugar (Henrique Balotin, aluno do 6º ano C, 2022).

Figura 14 – Sala de aula do início do século XX



Fonte: Alves *et al.* (2010).

A *Pedagogia Histórica Contextualizada* tem como propósito central fazer os estudantes assumirem um papel ativo no processo de aprendizagem, tornando-os protagonistas do seu próprio conhecimento histórico. Para isso, é essencial promover uma abordagem interdisciplinar, que transcenda as fronteiras da disciplina de História e estabeleça conexões com outras áreas do conhecimento, como a geografia, a sociologia, a literatura, a arqueologia, entre outras. Dessa forma, os estudantes são instigados a compreender os eventos históricos de forma mais ampla, relacionando-os com as questões sociais, políticas, econômicas e culturais do seu tempo.

Neste capítulo, colocamos em prática essa abordagem histórico-pedagógica, caracterizada por ações educativas realizadas no ambiente escolar, em espaços públicos e museus, todas com o objetivo de estimular a autonomia e o envolvimento dos estudantes em

processos reflexivos e criativos. Aqui também analisamos de que forma tais atividades podem contribuir para o protagonismo dos estudantes perante os saberes construídos ao longo do percurso desta pesquisa.

Portanto, prezado leitor, apresentamos produções concebidas, planejadas e realizadas por esta professora em colaboração com seus estudantes. Trata-se de um trabalho conduzido com extrema dedicação, cuidado e envolvimento, englobando pesquisa, troca de experiências e integração de diferentes conhecimentos conforme cada faixa etária. Todos esses esforços foram direcionados para promover uma aprendizagem concreta que faça sentido para aqueles que a procuram e que responda às angústias tanto dos estudantes como dos professores que vivem, estudam e trabalham em Cruzeiro do Oeste-PR.

2.1 Aprendizagem baseada em projetos como prática educativa

A imagem apresentada no início desse tópico nos leva a pensar em outros tempos, quando a relação das crianças com o universo escolar era diferente (Figura 14). Soou o sinal! Inicia-se a aula. A jovem professora sentada atrás de uma mesa faz a leitura do texto em tom baixo e não se ouve mais nada, além da meiga e doce voz daquela mulher. Essa velha e romântica imagem da professora na sala de aula com as crianças quietas, sentadas em suas carteiras enfileiradas e fixadas no chão, atentas e sedentas pelas informações repassadas com aulas expositivas, não faz parte do cenário escolar há tempos. Na contemporaneidade, tal cena é recordada apenas nas novelas ou filmes de uma época remota.

Desde então, o mundo passou por muitas transformações, os seres humanos vivenciaram inúmeras revoluções e guerras, os meios de produção foram aperfeiçoados, as indústrias passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas, o progresso a todo vapor modificou a forma de vivermos e o capitalismo passou a imperar juntamente com as tecnologias nos mais variados campos: informação, comunicação, transporte, medicina etc. O mundo transformou-se e, com ele, a escola também. Porém, a transformação nesse campo vem ocorrendo de forma lenta, pois são muitos os desafios enfrentados diariamente na busca de uma educação que promova mais inclusão e protagonismo dos estudantes no processo de aprendizagem, e que forme cidadãos críticos de sua realidade e ativos em sua sociedade.

Um dos desafios é a falta de interesse da maior parte dos estudantes e a inércia de muitos professores. Isso tudo, somado ainda à política do sistema educacional e às condições socioeconômicas da maior parte do público atendida pelas escolas, desvaloriza e desfavorece o sucesso da aprendizagem. E esse desafio se torna ainda mais difícil diante das seguintes práticas incentivadas: mascarar índices de aprovação/reprovação; cumprir a qualquer custo

índices estabelecidos sobre a porcentagem de presença dos estudantes; fazer uso de planejamentos prontos e selecionados pelo governo; aplicar avaliações externas tendo como referência tais planejamentos; adotar inúmeras plataformas de ensino sem ter acesso à rede de internet e a computadores suficientes para atender todos os estudantes; e utilizar plataformas para tarefas de casa, mesmo sabendo que muitos estudantes não possuem acesso à internet.

Diante de tais constatações, é urgente a necessidade de nós, professores, independente da disciplina que lecionamos, trazer caminhos alternativos até às nossas salas de aulas, para que a aprendizagem histórica se torne algo real e concreto na vida de nossas crianças e adolescentes. Nesse sentido, a utilização de instrumentos e metodologias de forma contextualizada, em que os alunos aprendem a partir de seus questionamentos, pesquisas e resolução de problemas, experienciado momentos fora da sala de aula, como em espaços públicos, pode ser um bom caminho para a construção do conhecimento.

É dentro dessa perspectiva que assumi o compromisso de trabalhar com meus estudantes no decorrer do ano letivo de 2022 e 2023. Pensei em uma metodologia que pudesse contribuir para os processos de ensino-aprendizagem e, embora tenha sido muito difícil propor algo que fugisse do planejamento engessado proposto pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná, consegui oferecer momentos de reflexão e de trocas de experiências, agindo nas brechas do sistema, à contrapelo, conforme nos orienta Benjamin (1985).

Inspirada por Bender (2014), enxerguei, na Aprendizagem Baseada em Projetos, uma estratégia pedagógica que possibilitaria impulsionar esse processo, pois ela parte de questões e problemas levantados pelos próprios estudantes, agindo de maneira colaborativa e participativa na busca de soluções. Trata-se de uma metodologia que vai ao encontro tanto das ideias freireanas sobre a superação da educação bancária, quanto da proposta da *Pedagogia Histórica Contextualizada*.

Na *Aprendizagem Baseada em Projetos: educação diferenciada para o século XXI*, Bender (2014) explica que essa não é uma metodologia nova. Nascida no curso de medicina da Universidade de MacMaster, por influência das ideias de John Dewey, no Canadá, em 1969, ela hoje vem sendo utilizada em diversas universidades, incluindo as brasileiras, e nos mais variados campos das ciências. Porém, no Ensino Fundamental, embora, já se ouça falar, essa metodologia ainda é pouco empregada.

Partindo da premissa de que a Aprendizagem Baseada em Projetos favorece uma educação mais democrática, percebi ali um perfeito casamento com os propósitos estabelecidos nesta pesquisa. Isso porque essa aprendizagem também se alicerça na

metodologia ativa²⁶, que visa à aquisição de conteúdos pela via da investigação realizada pelos próprios alunos, colocando-os como sujeitos ativos e coautores dos processos históricos da sociedade em que vivem, e não como meros espectadores. Ou seja, o conhecimento deixa de ser um produto transmitido pelo professor e passa a ser construído por uma ação coletiva, envolvendo o aluno com conteúdos que tenham sentido para as suas vivências e levando-o a ver o produto de seus esforços. O ponto central dessa metodologia, portanto, é priorizar a construção de conhecimento por meio do protagonismo e da participação ativa dos estudantes, orientando-os de forma desafiadora e instigadora, seja por meio da resolução de problemas ou de projetos que tenham ligação com suas vidas fora do ambiente escolar.

Outro ponto em comum da Aprendizagem Baseada em Projeto com a dinâmica deste trabalho foi a interdisciplinaridade, uma vez que sua metodologia utiliza diferentes áreas do conhecimento de forma simultânea, não sendo possível separar as atividades por disciplinas específicas. Assim, é possível que os estudantes façam uso de conteúdos de várias disciplinas para a execução de um único projeto, obtendo uma visão global, e não fragmentada sobre o que pretendem pesquisar. Essas práticas interdisciplinares desenvolvidas ao longo da caminhada escolar ajudam em futuras decisões de uma vida adulta nos aspectos políticos, sociais, econômicos ou familiares. E o aluno autônomo que aprende a trabalhar em grupo desenvolve habilidades socioemocionais, o que também dará lugar ao adulto cidadão, consciente, reflexivo e crítico em relação ao seu tempo e espaço na sociedade.

A Pedagogia Histórica Contextualizada, que tem por base a Aprendizagem Baseada em Projetos e que se manifesta em procedimentos diversificados para pensar o espaço escolar e não escolar, utiliza-se também dos protocolos do Pop Up Museum para promover o protagonismo dos estudantes. Trata-se de um conceito de exposições artísticas que vem ganhando popularidade pela sua maneira rápida e agradável de apresentar-se ao público, pois geralmente sua temática envolve uma resposta a um evento ou problema. Kobelinski *et al.* (2022a) se referem ao Pop Up Museum como um tipo de museu temporário, onde as exposições ocorrem em ambientes informais e públicos, com o objetivo de informar, envolver e interagir com o público.

Assim, caro leitor, convido-o a refletir sobre essa *Pedagogia Histórica Contextualizada*, por meio da qual desenvolvemos práticas educativas para e com os

²⁶As metodologias ativas são estratégias de ensino que têm por objetivo incentivar os estudantes a tornarem-se responsáveis pela construção de conhecimento, o que significa aprenderem de forma autônoma e participativa, por meio de problemas e situações reais e realizando tarefas que os estimulem a pensar além, terem iniciativa e debaterem (Metodologias [...], 2022).

estudantes, a fim de tornar o processo ensino-aprendizagem mais dinâmico e coerente com as novas demandas de uma sociedade que precisa estar e se sentir incluída em seu tempo.

O tema das descobertas paleontológicas do município partiu da escolha dos próprios estudantes diante das lacunas deixadas pelos professores, pois estes não se aventuraram em abordar o tema mais profundamente, por considerar a temática irrelevante à sua disciplina. É por isso que reconheço essas práticas com meus alunos bem mais que desafios, na verdade, vejo-as como oportunidades de uma aprendizagem efetiva diante do difícil contexto temático proposto pelos estudantes e que poucos tiveram a sensibilidade de aceitá-lo e trazer respostas.

2.1.1 Conhecendo a superfície

Iniciamos essas atividades da mesma maneira que um paleontólogo, analisando a superfície do terreno e fazendo leituras preliminares que trazem referências sobre a temática das descobertas paleontológicas do município. Para tanto, utilizamos materiais como fontes escritas, visuais e orais, por exemplo: revistas, jornais, textos da internet, reportagens de televisão, entrevistas²⁷. Dispersos em grupos, cada um analisou um tipo de fonte para depois compartilhar com os demais grupos as informações levantadas. Em um grande círculo em sala de aula, com intervenções feitas pela professora, os estudantes relataram o que mais chamou a atenção em suas pesquisas. Os dados foram colocados no quadro e, com a ajuda de todos, conseguimos as primeiras informações para prosseguir.

A seguir, alguns fragmentos dessas conversas com Murilo Gelini, do 6º ano C:

Descobrimos que nossa cidade é conhecida não só no Brasil, mas em outros países. Cruzeiro do Oeste tem um rico sítio paleontológico, que chama atenção de pesquisadores de várias partes do mundo! Cruzeiro está famoso! É muito legal saber que nossa cidade é importante! (Gelini, 2022, informação verbal).

Enquanto mediadora desse processo de descoberta, perguntei aos estudantes se eles perceberam a ação humana em relação às descobertas dos fósseis. Para instigá-los a relacionar

²⁷Materiais utilizados em sala de aula como fontes para os estudantes de sexto ano do Colégio Cívico Militar de Cruzeiro do Oeste. Disponível em:

<https://conexaociencia.com.br/muito-alem-de-jurassic-park-a-descoberta-do-dinossauro-paranaense/>; <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45036029>; <https://veja.abril.com.br/ciencia/estudo-da-novos-detalhes-de-reptil-voador-que-viveu-no-brasil/>; <https://www.bemparana.com.br/publicacao/colunas/turismo-parana/turismo-cientifico-deve-impulsionar-cruzeiro-do-oeste-a-terra-do-dinossauro/>; <https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Reformas-e-turismo-cientifico-transformam-Cruzeiro-do-Oeste>; <https://www.youtube.com/watch?v=I6srlUFoRd8>; <https://www.dgabc.com.br/Noticia/3086016/vespersaurus-paranaensis-o-primeiro-dinossauro-encontrado-no-parana#>; <https://www.facebook.com/prefeituradecruzeirodoeste/videos/cruzeiro-do-oeste-not%C3%ADcia-jornal-hojecruzeiro-do-oeste-possui-o-t%C3%ADtulo-de-cidade/4581493535233262/>>. Acesso em: 11 abr. 2022.

isso com a disciplina de História, questioneei: onde o ser humano entraria nessa história, que a princípio não faz parte da história da humanidade, e sim do próprio planeta? Qual a relação que vocês poderiam fazer entre os fósseis dos dinossauros com a presença humana, já que ambos viveram em tempos tão diferentes?

Confesso que as perguntas silenciaram a sala! Eles não conseguiram fazer a relação entre os diferentes tempos passados. Diante disso, pedi para que continuassem contando o que mais conseguiram coletar de importante com a pesquisa. Aos poucos, então, foram relatando como foi empolgante ver a reportagem da Rede Globo, na qual reconheceram algumas pessoas da cidade, entre elas, um colega de sala, Paulo Lisik, um dos entrevistados. Alguns alunos surpreenderam-se ao ouvir os nomes dos descobridores desses fósseis, Alexandre e Gustavo Dobruski, pois disseram conhecer pessoas com esse sobrenome, inclusive um colega do treino de futebol. Perguntei a eles se essa não poderia ser a relação que estávamos procurando, entre os dinossauros e os humanos, mesmo assim, a maioria dos alunos ainda não conseguia perceber isso. Dois estudantes, enfim, entenderam e contribuíram com os colegas: “Sim! Se eles não tivessem encontrado os fósseis nada disso estaria acontecendo” (Clemente, 2022, informação verbal). “Precisou de um humano para poder descobrir tudo isso e tornar nossa cidade conhecida” (Porfírio, 2022, informação verbal).

Ao serem indagados sobre o Sítio Paleontológico e o Museu de Paleontologia de Cruzeiro do Oeste, alguns alunos relataram não conhecê-los, muito menos sabiam quem eram as pessoas que trabalhavam nesses lugares. Ao fim da roda de conversa, os estudantes já dispunham de relevantes informações sobre a origem dos fósseis, a conservação e a preservação deles, e uma das equipes de alunos até encontrou na *Revista Veja* – uma das fontes utilizada por eles – o nome de uma das pessoas responsáveis pelo Museu, a saber, Neurides de Oliveira Martins. Isso tudo nos levou à discussão seguinte, sobre o importante papel do museu para o enriquecimento do conhecimento.

2.2 O museu paleontológico como espaço não formal de educação

Hoje é essencial que a escola busque a formação de sujeitos ativos, reflexivos e emancipados, de forma que contribuam para o fortalecimento da cidadania. Entretanto, na busca por uma educação mais significativa, que respeite às experiências de outros indivíduos, que abra janelas para o mundo circundante dos indivíduos (Gohn, 2020), é preciso considerar a questão dos espaços onde ocorre a aprendizagem.

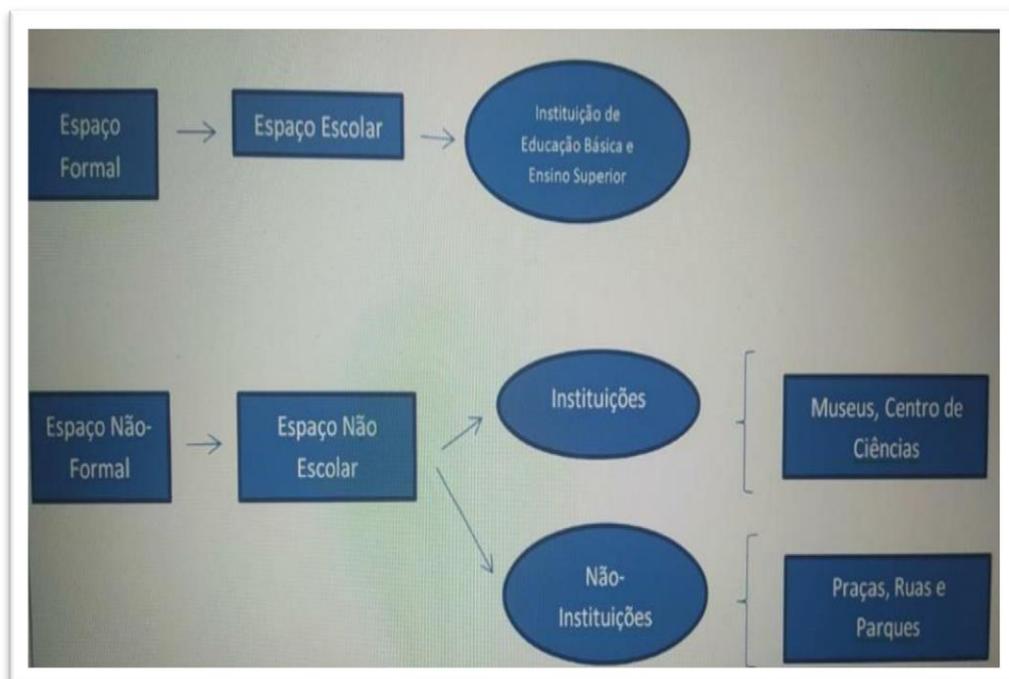
Esses espaços vão além dos muros da escola, dos ambientes formais, das regras, dos padrões de comportamentos e dos conteúdos previamente selecionados por currículos. Assim,

percebo que o ambiente escolar não é o único a contribuir para essa nova perspectiva de educação, pois a aprendizagem também pode acontecer em locais fora da escola e sem a intenção de substituir ou competir com a educação formal.

Museus e escolas são espaços sociais que possuem histórias, linguagens, propostas educativas e pedagógicas próprias. Socialmente são espaços que se interpenetram e se complementam mutuamente e ambos são imprescindíveis para formação do cidadão cientificamente alfabetizado (Marandino, 2001, p. 98).

Os espaços educativos não formais desempenham sim um papel fundamental no processo de aprendizagem, servindo para complementá-lo. E eles podem ser divididos em duas categorias, segundo Jacobucci (2008, p. 57): “os espaços institucionalizados e os espaços não institucionalizados” (Figura 15).

Figura 15 – Sugestões de definições para espaço formal e não-formal de educação



Fonte: Jacobucci (2008).

Observando a imagem acima, podemos classificar os museus como instituições não formais de educação e, como tal, aliados às práticas propostas em sala de aula para o desenvolvimento crítico e participativo do cidadão na sociedade. E nesse sentido, seguindo os passos da História Pública – mais bem compreendida nos espaços museais devido à mediação para a produção de conhecimento – a *Pedagogia Histórica Contextualizada* também

reconhece a importância desses espaços tanto para promover uma interação entre a comunidade, quanto para o processo de ensino-aprendizagem significativo dos estudantes.

A interação com ambientes fora da sala de aula, como museus, espaços públicos e instituições culturais, proporciona uma gama de recursos e experiências que enriquecem o aprendizado histórico. Isso porque esses espaços oferecem oportunidades únicas para os alunos explorarem artefatos autênticos, contextos reais e diferentes perspectivas, o que promove uma compreensão mais profunda e uma conexão direta com o passado. Assim, a integração desses espaços educativos amplia as possibilidades de aprendizagem, engajando os estudantes de maneira efetiva e estimulando sua participação ativa no processo educacional.

É importante dizer que a visita em museus está prevista nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 2006 e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2019 como ferramenta para práticas docentes em História. Esses documentos propõem o estudo de patrimônios históricos e culturais como fonte de conhecimento para a aprendizagem escolar no Ensino Fundamental. Conforme a definição feita pelo próprio Comitê Internacional de Museus (Icom [...], 2022), os museus são espaços “a serviço da comunidade, que investiga, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial [...] proporcionam experiências de educação, fruição, reflexão e partilha do conhecimento”. Assim, os museus se tornam importantes espaços de reflexões sobre a cultura e a educação dos cidadãos, contribuindo para a construção do respeito e da cidadania.

Dentro dessa perspectiva, Almeida e Vasconcelos (2002) afirmam que a exposição museal é um documento histórico que requer entendimento e, portanto, a mediação de um professor para estimular a construção de significados. Logo, o uso didático de museus não deve se limitar a um simples passeio ou apreciação, é preciso ir além disso para favorecer a construção de conhecimento e auxiliar os alunos no processo de reflexão crítica sobre o ambiente em que vivem. Da mesma forma, Ramos (2004) indica que, embora os museus possam ser explorados de várias maneiras, eles não devem ser considerados extensões da sala de aula, pois a dimensão didática só pode ser alcançada por meio da mediação docente, cuja experiência abordaremos aqui.

2.2.1 Reconhecendo o terreno

Ao final da primeira atividade, os alunos ficaram empolgados em conhecer o museu e a pesquisadora Neurides Martins, profissional formada em História e que atua ali como diretora de pesquisa. Para que essa visita acontecesse, primeiramente foi necessário planejamento e muito diálogo entre a equipe do museu, a professora e os estudantes. Pensar

esses espaços demanda uma complexa organização docente para que, ao final, as propostas pedagógicas despertem em seus estudantes a curiosidade pela descoberta e pelas possibilidades, desconstruindo, assim, a imagem de um local engessado e “reservado apenas para guardar velharias” (Caetano, 2012, p. 1).

Pereira (2010) argumenta que a visita ao museu precisa fazer sentido aos estudantes e, para que isso aconteça, é necessário, ainda em sala de aula, que o professor lance questões para desenvolver o pensamento crítico dos alunos e haver interação e diálogo entre todos. Assim, antes de acontecer a visita, propus uma conversa em sala envolvendo as descobertas que já tínhamos realizado em grupo por meio de pesquisas em fontes escritas e audiovisuais. Ainda, visitei antecipadamente o local para conversar com a equipe do museu e falar do trabalho que estávamos realizando em sala de aula, bem como da curiosidade e da empolgação dos alunos referente ao tema do museu. Também pedi para atenderem aos estudantes de forma diferenciada, a fim de que eles se sentissem livres para conversar antes mesmo da visita aos fósseis.

Entre os dias 12 e 13 de abril de 2022, os alunos das turmas de sexto ano A, B e C fizeram sua primeira visita acompanhada ao Museu de Paleontologia. O objetivo dessa visita foi perceber como essas crianças se relacionam com o espaço museológico: o que pensam sobre ele, quais são os seus anseios em relação à temática dos achados paleontológicos recorrente em suas vidas, como essas descobertas mexem com suas fantasias e expectativas e, por fim, como se sentem em relação a todo esse *frisson* que envolve a cidade.

Apesar de termos tido dias extremamente chuvosos durante a semana da visita, os estudantes foram à escola para participar da aula no museu e mostraram-se muito entusiasmados. Ao chegarem no local, foram recepcionados em uma sala onde receberam informações sobre a história do museu, seus achados e todo o processo de estudo dos fósseis no município. A diretora do museu, Vanda Bueno, juntamente com os monitores, apresentou ao grupo a pesquisadora Neurides Martins, que explicou seu papel dentro da instituição, o dia a dia de trabalho e sua contribuição para a História Local.

As turmas mostraram-se muito interessadas, também porque, nessa idade, vale lembrar, os estudantes costumam apresentar curiosidade e paixão por essa temática. Eles participaram ativamente com perguntas e a conversa entre os alunos e a equipe do museu rendeu bons frutos, como o despertar do interesse pela ciência que envolve o estudo dos fósseis (Figura 16). E de volta à sala de aula, ao compartilhar suas experiências sobre a visita, os alunos relataram informações e sentimentos incríveis, comprovando, assim, que a relação escola-museu despertou a curiosidade, o interesse e a socialização entre os estudantes.

Figura 16 – Visita ao Museu de Paleontologia de Cruzeiro do Oeste



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

2.2.2 Reproduzir o que os olhos viram e os ouvidos escutam

Após a visita-passeio, é essencial uma retomada do conteúdo para saber as impressões dos estudantes, o que foi aprendido e se houve dificuldade na assimilação das informações. Desse modo, em sala de aula, conversamos sobre o que gostaram e sobre os pontos altos da visita. E o desafio, dessa vez, foi retratar o que os olhos viram e os ouvidos escutam durante a visita ao museu e tudo o que foi entendido e descoberto, afinal, segundo Siman (2003), o

papel do professor não se esgota com a visita, é preciso criar condições para que os estudantes possam expressar o que perceberam e trocar informações após essa experiência.

Durante a visita, cada aluno enxerga determinadas coisas que, muitas vezes, outros não percebem, por isso a importância dessa conversa depois, para que haja troca de conhecimentos e percepções. E cabe ao professor provocar, articular e mediar esses questionamentos, isto é, dividir o protagonismo com os alunos nesses momentos de trocas.

Aqui, apresento os resultados dessas interações: são registros feitos de forma lúdica por meio de desenhos (Figura 17); e também pela escrita, como relatou a estudante do 6º ano C, Isadora Vieira (2022, informação verbal): “as pessoas vão ao museu porque têm curiosidade sobre os dinossauros e querem aprender melhor sobre eles e podem saber sobre um pedacinho da nossa história”.

Figura 17 – Desenhos dos estudantes: Filipe Senas (6ºA) (esquerda acima), Murilo Ribeiro (6º C) (direita acima), Murilo Capellari (6º C) (esquerda abaixo), Murilo Ribeiro (6º C) (direita abaixo)



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Conversando com os estudantes sobre o que eles pensam ser o espaço museal e sobre a sua importância para a sociedade, destaquei alguns relatos que demonstram como o museu é

um espaço de aprendizado e conexão com o passado, e como ele desperta o interesse dos alunos e enriquece a compreensão de processos complexos:

Encontramos dentro do museu, fósseis e pessoas à disposição para nos ensinar (Murilo Capellari, aluno do 6º ano C, 2022, informação verbal).

Para mim, o museu é um local onde contém muitas histórias, é um lugar onde tem vários vestígios da nossa história, que é muito importante para nós (Isadora Vieira, aluna do 6º ano C, 2022, informação verbal).

Aprendi muitas coisas na visita, mas o que eu mais gostei de aprender foi a trajetória dos pesquisadores até achar os fósseis aqui em Cruzeiro do Oeste (Eloá Fernandes, aluna do 6º ano C, 2022, informação verbal).

Para mim, os museus servem para guardar coisas antigas e valiosas, mostrar para as pessoas o passado e para aprender sobre a nossa história (Marcela Clemente, aluna do 6º ano C, 2022, informação verbal).

Os museus servem para informar pessoas um pouco mais novas, mas também para quem quiser aprender, idosos e adultos também podem aprender (Paulo Lisik, aluno do 6º ano C, 2022, informação verbal).

O museu de Cruzeiro do Oeste serve para preservar o passado da história da nossa cidade (Eduardo Roque, aluno do 6º ano C, 2022, informação verbal).

Eu acho que o museu serve para a gente saber como era a vida antes da gente nascer. Às vezes, as pessoas vão ao museu com a escola fazer um passeio e acabam aprendendo muito (Bruna Gomes, aluna do 6º ano B, 2022, informação verbal).

O que mais me chamou atenção foi como diferenciar fósseis adultos e fósseis filhotes, pelo simples fato dos filhotes andarem em grupos e os adultos andarem separados (Erika Ribeiro, aluna do 6º ano A, 2022, informação verbal).

Com essa atividade, os estudantes puderam sanar algumas dúvidas e curiosidades e, quando foram para a observação das peças, tiveram uma melhor compreensão do porquê e de como elas foram parar ali. Segundo os estudantes, a visita ao museu rendeu mais interesse quando a pesquisadora explicou como ocorreu o processo de fossilização²⁸ há milhões de anos nas terras que hoje fazem parte da nossa cidade, e como é realizado o trabalho de escavação e conservação das peças.

Como sugerimos a partir da *Pedagogia Histórica Contextualizada*, o protagonismo dos estudantes deve estar presente em vários momentos do processo de ensino-aprendizagem. Neste trabalho, por exemplo, isso fica bem evidente desde a escolha da temática da pesquisa, nas ações desenvolvidas (desafios) e até mesmo nos depoimentos dos alunos. É indispensável

²⁸De modo geral, a fossilização exige a combinação de três principais requisitos ligados ao organismo e ao ambiente onde ele se encontra após a morte: 1) a existência de partes esqueléticas mineralizadas (ossos, conchas, troncos etc.); 2) a rápida proteção, comumente por sedimentos como lama e areia; 3) a permanência prolongada em uma região onde sedimentos estejam sendo acumulados e transformados em rocha, normalmente em áreas subsidentes chamadas bacias sedimentares (Anelli *et al.*, 2020).

nós professores promovermos esse protagonismo, a fim de facilitar a difícil tarefa de aproximação entre a vida real do aluno e os conteúdos de sala de aula, sejam eles presentes ou não nos currículos escolares.

Assim, é possível perceber que a *Pedagogia Histórica Contextualizada* cumpre seu papel de promover o protagonismo do alunado ao sustentar-se na interdisciplinaridade, na Aprendizagem Baseada em Projetos e nas teorias freireanas – que buscam uma educação emancipadora. Conseguimos enxergar, em alguns momentos, uma maturação dos estudantes em relação ao processo de ensino-aprendizagem, quando, por exemplo, os estudantes se apropriam das ideias de pesquisa e de investigação, e também quando, dentro da sala de aula, trabalham em processos colaborativos, de ajuda mútua para compreender o mundo ao redor.

2.2.3 Com a mão na massa

De acordo com Roca (2019), alguns tipos de intervenções após a visita ao museu são essenciais para que os estudantes expressem o seu aprendizado, ou seja, o objeto deve ser interrogado a partir de ações com ele: seja brincando com ele, manipulando-o ou transformando-o por meio de desenhos e fantasia, por exemplo, para que se crie uma memória do que foi descoberto.

Dessa forma, aproveitando a curiosidade e o interesse dos estudantes acerca da formação dos fósseis, eu os conduzi a uma atividade de simulação do processo de fossilização em sala de aula. Por meio de uma atividade lúdica, eles fizeram moldes em gesso com massa de modelar, confeccionando representações de fósseis (Figura 18). Para isso, os alunos foram divididos em grupos que ocuparam bancadas distintas com materiais necessários: água, pó para gesso, massinha de modelar, miniaturas de dinossauros e pequenas plantas.

Com essa atividade, os alunos experienciaram todo o processo de fossilização e entenderam quais as condições necessárias para ocorrer esse fenômeno. Essa atividade foi pensada, também, como uma experiência de troca de ideias, divisão de tarefas e aceitação de sugestões, para os alunos valorizarem e respeitarem o trabalho coletivo. Afinal, esses são alguns dos pressupostos para formação e promoção de cidadãos conscientes, princípios que se contrapõem ao ciclo da individualidade enaltecido nos tempos contemporâneos.

Figura 18 – Coletividade e mão na massa



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

A relação entre escola e museu junto com as ações educativas promovidas²⁹ pelos museus tem o potencial de transformar as atitudes dos alunos quanto à forma como percebem os objetos e as interações entre as pessoas. Eles deixam de ser meros observadores passivos e se tornam agentes ativos no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, essa abordagem contribui para a compreensão e o reconhecimento consciente da identidade cultural, conforme destacado por Freire (2003), promovendo uma “alfabetização cultural” e possibilitando ao indivíduo uma maior compreensão da realidade que vive.

2.2.4 O museu vai à escola

A animação da visita ao museu foi tão grande que organizamos junto com os alunos uma exposição no colégio no estilo Pop Up Museum, para que os estudantes de sexto ano

²⁹O documento de Diretrizes para elaboração do Programa Educativo e Cultural dos Museus da Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais define ações educativas como: elementos fundamentais no processo de comunicação que, juntamente com a preservação e a investigação, formam o pilar de sustentação de todo museu, qualquer que seja sua tipologia. Entendidas como formas de mediação entre o sujeito e o bem cultural, as ações educativas facilitam sua apreensão pelo público, gerando respeito e valorização pelo patrimônio cultural (Nascimento; Tolentino; Chagas, 2006).

pudessem compartilhar com os demais alunos da escola a experiência da visita ao museu (Figura 19). Eles expuseram fotografias da visita, compartilharam relatos sobre suas impressões e apresentaram réplicas dos fósseis em gesso, permitindo uma experiência ainda mais imersiva e interativa. Como resultado dessa abordagem multifacetada, percebemos que os estudantes tiveram uma compreensão mais profunda dos fósseis e da importância do museu como um espaço de aprendizado e preservação do patrimônio cultural. Isso demonstra a importância da interdisciplinaridade para o processo de uma educação livre, em que os alunos podem questionar, investigar e perceber os resultados.

Figura 19 – Exposição realizada pelos estudantes na escola



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Com essa atividade, os alunos tiveram a oportunidade de compreender o funcionamento do museu, além de conhecer as principais ferramentas utilizadas na escavação e preparação dos fósseis. Para enriquecer ainda mais a experiência, obtive junto ao museu algumas dessas ferramentas e pequenos fósseis para serem levados à escola. Dessa forma, os estudantes não apenas puderam visualizar as peças, mas também tiveram a oportunidade de tocá-las e senti-las, explorando-as com o auxílio de lupa e microscópio.

Dinamizando ainda mais a atividade, a equipe do museu (Neurides Martins e Vanda Bueno), a prefeita municipal (Helena Bertoco) e a secretária de turismo (Francielle Carvalho) foram prestigiar a exposição e ouvir os estudantes (Figura 20). Isso gerou grande repercussão em um jornal local e na página de divulgação da Prefeitura Municipal, deixando os estudantes ainda mais entusiasmados (Anexos D e E).

Figura 20 – Exposição recebe a visita da prefeita municipal e da equipe do Museu de Paleontologia de Cruzeiro do Oeste



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

A produção de conhecimento e a organização de um espaço museal combinado com a exposição pública e a repercussão nacional e internacional despertaram ainda mais o interesse dos alunos pelo tema, que inclusive levarem questionamentos para a sala de aula. Isso mostra o quanto as descobertas paleontológicas não podem ser deixadas no passado, até porque elas fazem parte da história e do patrimônio do povo cruzeiroestano.

Todo esse patrimônio da cidade era desconhecido do público, uma vez que o município não dispunha de infraestrutura para armazenar os fósseis encontrados e conduzir pesquisas com eles. Somente em agosto de 2019 é que o prefeito Valter Pereira da Rocha propôs a criação do Museu de Paleontologia de Cruzeiro do Oeste, com objetivo de valorizar a riqueza paleontológica do município:

Estimular o resgate da memória histórica da descoberta do sítio paleontológico de Cruzeiro do Oeste, através da coleta, classificação e organização de documentos de diversas naturezas, bem como fazer o registro de depoimentos orais de significação histórica, visando ampliar o conhecimento da História desse patrimônio municipal (Cruzeiro [...], 2019).

Hoje, o Museu de Paleontologia de Cruzeiro do Oeste possui um acervo permanente, que consiste em uma coleção com mais de 600 peças de fósseis de pterossauros e dinossauros. Destaca-se, entre elas, o mais completo e bem preservado dinossauro do país, pertencente à família dos terópodes, com 40% do esqueleto encontrado, e ele é considerado o primeiro do estado do Paraná (Figura 21).

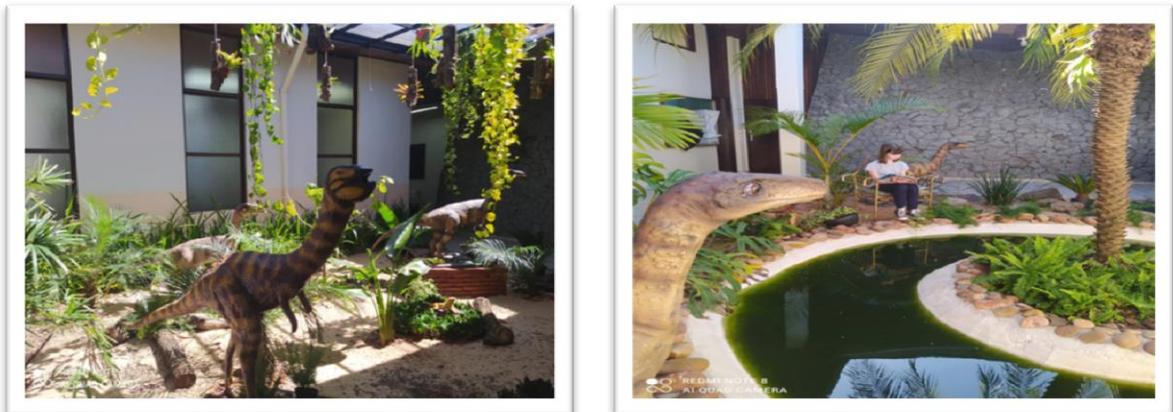
Figura 21 – O mais completo e bem preservado dinossauro do país, pertencente à família dos terópodes



Fonte: Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Todos esses achados foram descobertos no Sítio Paleontológico de Cruzeiro do Oeste e a maior parte deles foi estudada, analisada e pesquisada pelo próprio laboratório de paleontologia. A estrutura do museu compreende um auditório, sala de exposições permanentes e temporárias, setor de administração e direção, laboratório de pesquisa e espaços temáticos externos (Figura 22).

Figura 22 – Espaço externo do Museu de Paleontologia de Cruzeiro do Oeste



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

O Museu de Paleontologia de Cruzeiro do Oeste está estrategicamente localizado no centro da cidade. O edifício que atualmente abriga o museu foi inaugurado em 1972 e já

desempenhou uma função crucial na sociedade cruzeiroestana, pois, inicialmente, abrigava o primeiro Fórum do município, atendendo toda a região por mais de quatro décadas. Ao longo dos anos, o espaço, com seus impressionantes 2,5 mil metros quadrados de área, testemunhou julgamentos notórios que moldaram a História Pública tanto da cidade quanto do estado do Paraná (Figura 23).

Figura 23 – Fachada do Museu de Paleontologia de Cruzeiro do Oeste



Fonte: Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Atualmente, além do Museu de Paleontologia, o edifício também abriga o Museu Histórico de Cruzeiro do Oeste, proporcionando aos estudantes outra importante fonte de conhecimento e questionamento em relação ao passado e à História Local. Dessa forma, o próprio edifício que acomoda o museu tornou-se um monumento histórico, carregando uma importância simbólica para a população. Tanto seu passado quanto seu atual acervo temático são uma fonte inesgotável de aprendizado para os visitantes, transformando-o em um valioso recurso expositivo e informativo.

E por falar em museu, quando nos referimos a ele, principalmente em relação às pesquisas para o ensino de História, é a imagem de um museu histórico que costuma vir à nossa mente. Mas e quando a pesquisa toma como fonte outro tipo de museu? Como explicar que, embora Cruzeiro do Oeste conte com um museu histórico, o museu paleontológico foi o escolhido para este trabalho? Por que preferir um museu que, na primeira impressão, pode soar como algo distante da História? Confesso, caro leitor, que esse pode ser o “calcanhar de

Aquiles” desta pesquisa. Mas, por tudo que já foi apresentado até aqui (em relação à minha proposição) e pela dinâmica que a temática tomou, esse foi o caminho que escolhi percorrer. Talvez, em outro momento, eu possa fazer uma associação entre os dois museus do município, enfatizando o histórico.

O conjunto arquitetônico junto com a própria exposição permanente dos museus da cidade forma o que podemos chamar de documento monumento. Seguindo a linha de Le Goff (2003), por documento, entendemos aquilo que é selecionado pelo historiador para escrever a História; e por monumento, o que é escolhido pela sociedade para validar os registros de memórias. Ou seja, os documentos são monumentos construídos por gerações anteriores e deixados como herança para as futuras gerações como forma de manifestar e perpetuar o poder e a cultura.

Foucault (1995), ao propor converter o documento em monumento, possibilitou uma nova forma de se fazer história, utilizando novos objetos de estudo dela, que não só documentos escritos ditos oficiais. Assim, foi possível abandonar a história eurocêntrica e debater a História Local, que faz parte do cotidiano das pessoas, aumentando o olhar da História para a vida social, o que antes era de competência da Antropologia. É por isso que Foucault (1995) nos adverte que o historiador deve fazer tal qual o arqueólogo: assim como este cava a superfície para encontrar no subsolo seus objetos, o historiador precisa ir a fundo na realidade para fazer uma história significativa e que atenda aos interesses da comunidade.

É muito significativo para a cultura e para o processo de ensino-aprendizagem quando o professor pode valer-se de uma fonte histórica tão rica quanto a de um museu. Essa fonte não é apenas para contemplação, nem um espaço exclusivo para pesquisadores (Canclini, 1997), mas um lugar de socialização, discussão e entendimento de uma sociedade, pois contribui para a formação de identidade. Ali, estudantes, professores e a própria comunidade podem vivenciar a História de forma mais próxima, analisando e questionando a sua função para a sociedade, descobrindo o real significado de sua existência, além de estabelecer relações entre passado, presente e futuro.

2.2.5 Sentir e pertencer

Um dos papéis sociais do museu é o despertar do sentimento de pertencimento, que ocorre, por exemplo, quando os estudantes se reconhecem nas exposições propostas pelo museu. Pensando nisso, entre os dias 16 e 22 de setembro de 2022, os alunos desta pesquisa foram inscritos por esta professora na XX Semana Nacional de Museus (SNN), com o tema:

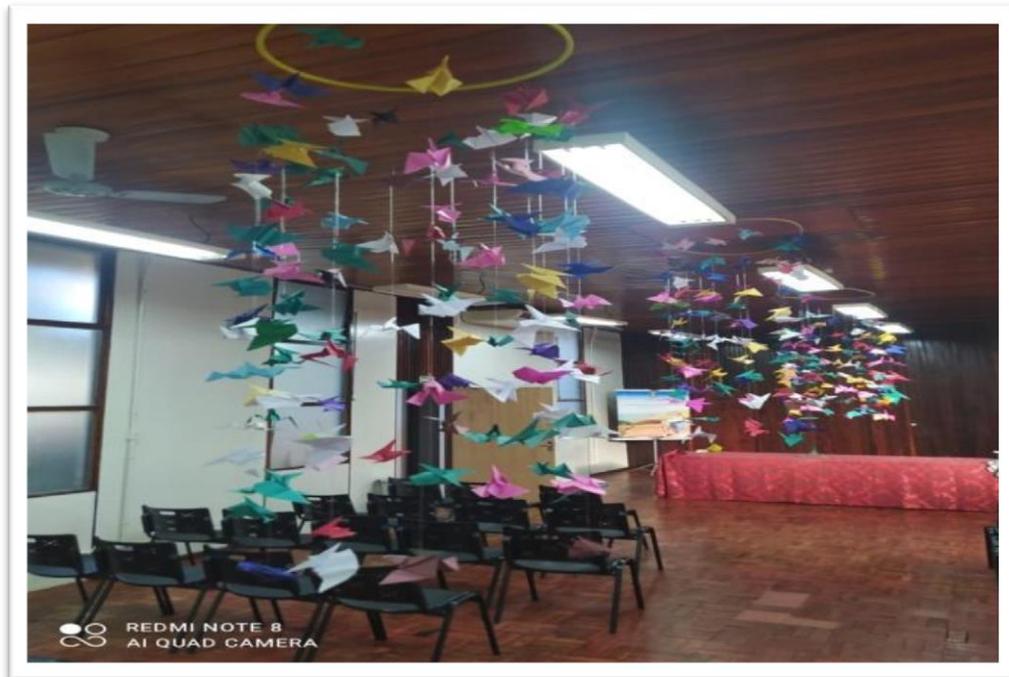
“O Poder dos Museus”³⁰ (Anexo F). A proposta dessa participação foi realmente integrar os estudantes à temática de como o museu pode ser uma fonte poderosa de valorização da identidade de um povo. E foi isso que aconteceu: o envolvimento dos alunos em atividades diretamente ligadas à instituição os fizeram se sentir parte de um movimento de valorização da cultura do município, criando ali um sentimento de pertencimento.

Durante a Semana, o Museu de Paleontologia de Cruzeiro do Oeste promoveu a visita de várias escolas de toda a região. Diante disso, discutimos, em sala de aula, como preparar o ambiente para melhor acolher esses visitantes, isto é, de que maneira tornar o “nosso museu” um ambiente de aprendizagem real, fugindo da conhecida explanação de conteúdos realizada por monitores. Assim, para quebrar essa tradição e também romper o gelo antes da tão esperada exposição, recebemos os visitantes com um pequeno vídeo (Kobelinski, 2022c) sobre o dia em que a nossa turma visitou o museu, contendo, inclusive, trechos de perguntas feitas pelos estudantes (Anexo G). De forma colaborativa e no estilo da proposta do Pop Up Museum, buscamos mostrar aos visitantes, de forma dinâmica, que ali é um lugar que vai além da contemplação e da curiosidade, pois permite trocas e muita aprendizagem.

E para deixar o ambiente mais descontraído e lúdico, propício à aprendizagem ativa, propusemos a exposição de origamis de pterossauros em papéis coloridos. Para isso, os estudantes foram desafiados a produzir centenas de pterossauros de papel em sala de aula, os quais foram posteriormente instalados na sala de recepção do museu em forma de móveis. (Figura 24).

³⁰O evento ocorreu de 16 a 22 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-acoes-obras-e-atividades/semana-nacional-de-museus/20-semana-nacional-de-museus>. Acesso em: 14 set. 2022.

Figura 24 – Instalação de origamis na sala de recepção do museu



Fonte: Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Esse trabalho, que demandou tempo e paciência para apresentar e executar as técnicas de dobradura, foi realizado em grupos, para que os alunos auxiliassem uns aos outros de maneira colaborativa e para que todos fizessem parte da exposição no museu (Figura 25).

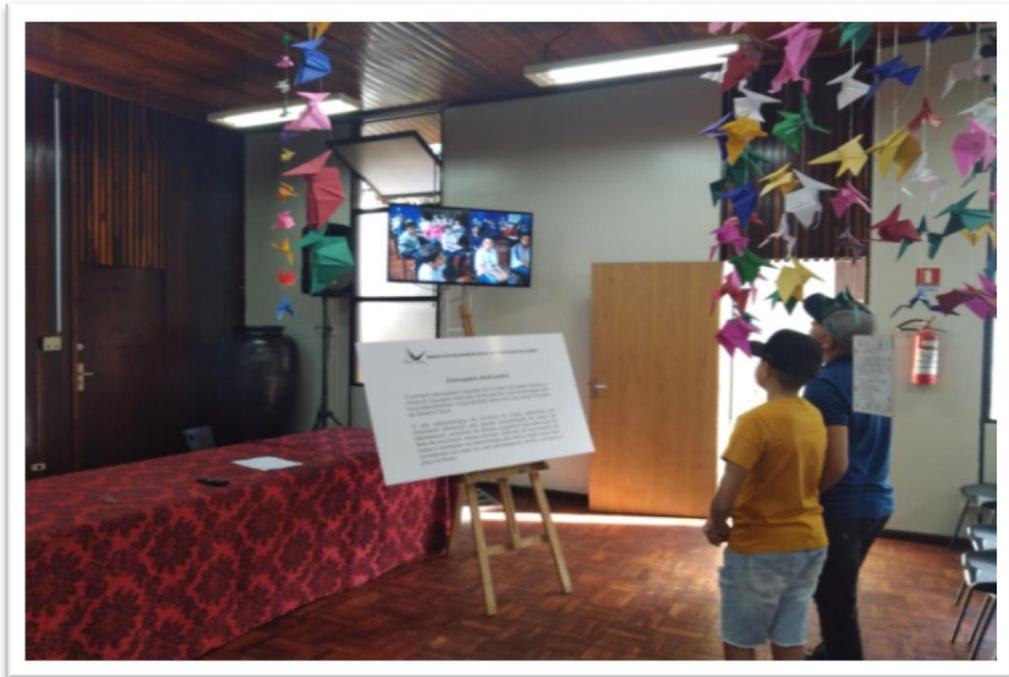
Figura 25 – Produção de origamis de pterossauros



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Durante esses dias, os estudantes puderam também convidar seus pais e/ou responsáveis a conhecer o museu e apreciar os trabalhos desenvolvidos durante as aulas de História (Figura 26).

Figura 26 – Visitação dos pais e/ou responsáveis e de estudantes da região



Fonte: Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Essa interação entre o saber profissional e a experiência do público pode ser entendida como uma curadoria pública, em que instituição e alunos facilitam a interrelação da exposição com o público. Dessa forma, como nos lembra Kobelinski (2023, p. 45), “é possível tornar os museus mais amigáveis com os visitantes e convertê-los em parceiros e criadores de conteúdos, bem como integrá-los em reflexões sobre exposições e coleções”.

2.3 Entrecruzamentos da História Local com a História Oral para a construção de uma História Pública

Pensando nas práticas educacionais propostas e desenvolvidas pela *Pedagogia Histórica Contextualizada*, que visa a um ensino diferenciado, podemos agregar a ela outra estratégia pedagógica, a História Local, pois ambas trazem, em seu cerne, a ideia de levar a realidade dos estudantes ao centro dos debates para aquisição de conhecimento. Dessa forma, elas se completam.

Nada mais concreto para a construção histórica do que entender-se e sentir-se como agentes participativos desse processo. É o que nos revela Kobelinski *et al.* (2022b, p. 95), quando afirma que “os sujeitos querem mais: desejam participar, selecionar, debater, criar, refletir e escolher, com a mediação de historiadores, as maneiras de se narrar histórias muitas vezes subalternizadas”.

Concordando com essa ideia, acredito que, para o ensino da História Local, seja necessária uma estratégia pedagógica a partir do cotidiano, por meio da qual os alunos possam interagir e apropriar-se do conhecimento histórico (Reges, 2021). Ao tratarmos a História Local privilegiando a inclusão de discursos, narrativas e memórias de uma comunidade, tais experiências se transformam em conhecimentos e, quando isso acontece, transformamos a História Local em História Pública (Kobelinski *et al.*, 2021).

Por muito tempo, o ensino de História em nosso país se voltava unicamente para as elites, privilegiando grandes nomes, personagens heróis, acontecimentos grandiosos e simbólicos, bem como fatos políticos, diplomáticos e militares, além de conferir valor somente aos documentos escritos oficiais. Tudo isso contribuía para que o estudo da História se tornasse abstrato para as crianças e os adolescentes, levando-os a uma percepção de disciplina difícil de entender e sem importância para suas vidas, por estar longe de suas realidades, como se fosse algo “morto”.

Felizmente, ao longo deste trabalho, observamos uma mudança significativa no que diz respeito ao cenário apresentado. O interesse por uma história mais próxima das vivências cotidianas, assim como a valorização das ações humanas e de acontecimentos econômicos, sociais e culturais passou a ter destaque. E podemos perceber esse movimento pela própria iniciativa dos estudantes em desejar e buscar saber cada vez mais informações sobre esse passado histórico e paleontológico do município.

Como ressalta Schmidt (2007), o interesse pela História Local não é algo recente, mas discutido há muitos anos. Em 1930, já era possível observar esse interesse com as reformas curriculares. Em 1971, o Parecer 853 do Conselho Federal de Educação reconheceu a História Local como recurso didático importante. E, em 1990, ela também ganhou destaque nos Parâmetros Curriculares, consolidando seu lugar de relevância no ensino. Essa trajetória histórica evidencia a importância de valorizar e explorar a História Local como forma de enriquecer o processo educacional, permitindo que os alunos compreendam melhor seu entorno e sua identidade cultural.

2.3.1 Entrevista pública

Ao partir da prática escolar com os alunos de sexto ano, consigo perceber o quão importante é aproximar o ensino de História da realidade que os cercam, pois, dessa maneira, esse estudo passa a fazer sentido na vida de nossos estudantes. Isso acontece porque, quando o sujeito tem uma identificação com o lugar em que vive, tanto o interesse quanto o pensamento crítico são estimulados e favorecidos.

Com base nisso, propus uma atividade em grupos a fim de responder às inquietações de alguns estudantes sobre os trabalhos de escavação e conservação dos fósseis encontrados em nosso município (Figura 27). De forma participativa, os alunos formularam perguntas para uma entrevista com a pesquisadora e historiadora Neurides Martins, também diretora e responsável pelo Museu de Paleontologia de Cruzeiro do Oeste (Apêndice B).

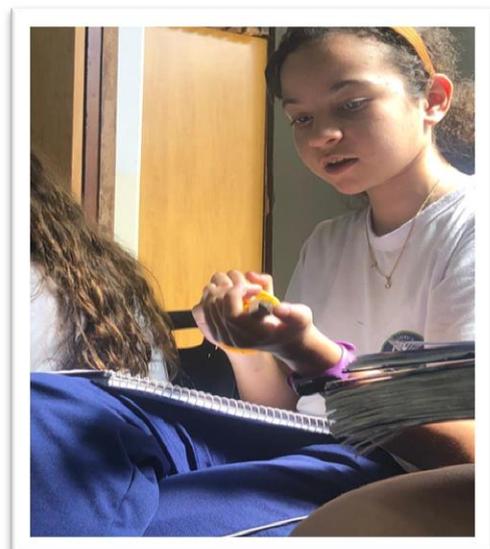
Figura 27 – Organização da entrevista



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

A atividade despertou bastante interesse e participação ativa dos estudantes, que inclusive filmaram, fotografaram e gravaram toda a entrevista. Além de obter informações sobre a descoberta dos primeiros achados feitas por Alexandre Gustavo Dobruski e João Gustavo Dobruski e sobre curiosidades científicas e técnicas acerca do trabalho dos paleontólogos, os alunos puderam observar e manusear alguns reagentes e instrumentos de trabalho da pesquisadora (Figura 28).

Figura 28 – Entrevista com a pesquisadora Neurides Martins



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Essa atividade, proposta pela *Pedagogia Histórica Contextualizada*, proporcionou novos conhecimentos e rendeu reportagens³¹ envolvendo a experiência dos alunos com o

³¹1) Redação de OBemdito. Projeto de paleontologia envolve alunos do 6º ano de Cruzeiro do Oeste. OBemdito, 2022. Disponível em: <https://obemdito.com.br/noticia/115966/projeto-de-paleontologia-envolve-alunos-do-6o-ano-de-cruzeiro-do-oeste>. Acesso em: 4 dez. 2022; 2) Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste. Projeto de paleontologia envolve alunos cruzeirodoestanos. Facebook, 2022. Disponível em: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid02c3g99XxRtf4V5BpxYLEXprDHT7WxyMcGNzr9w4as1R66xuVuY5Hc2N2YWbCoQ92X1&id=100066626438573&sfnsn=wiwspwa&mibextid=VhDh1V. Acesso em: 29 nov. 2022; 3) Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste. Valorização e Pertencimento. Facebook, 2023. Disponível em:

patrimônio e a comunidade local: uma para o jornal *OBemdito*, da cidade de Umuarama, município vizinho de Cruzeiro do Oeste; outra para o site do Museu Paleontológico de Cruzeiro do Oeste; e a terceira para o site do Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste.

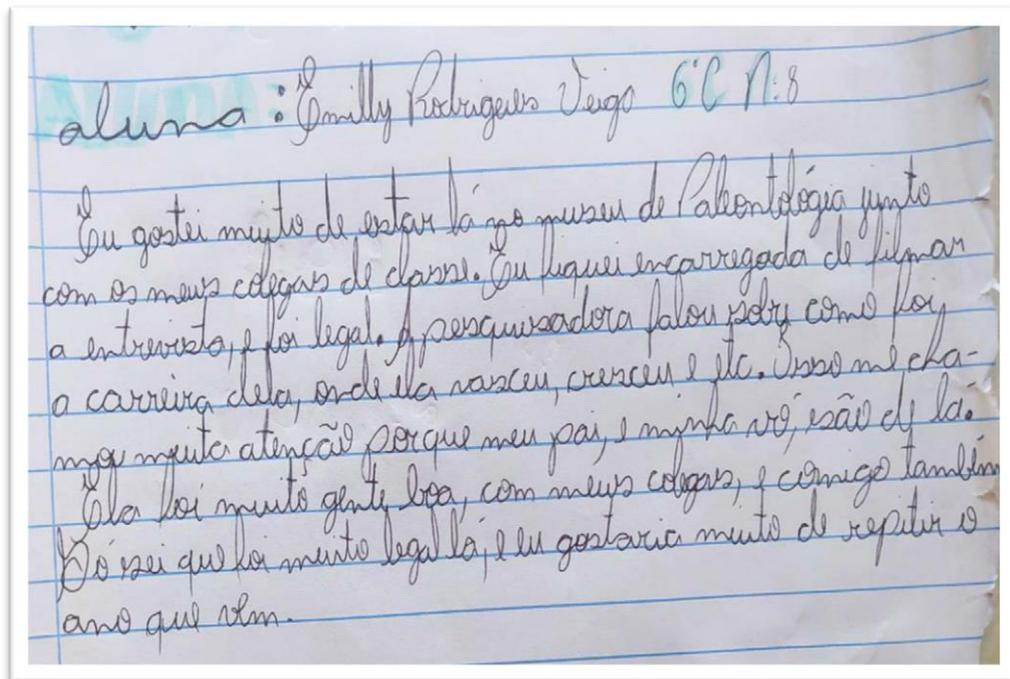
Foi uma experiência riquíssima mostrando a relevância da História Local para o seu público e envolvendo a interação de diversos segmentos da sociedade: educadores, estudantes, pais, profissionais da comunicação, representantes do poder público municipal e comunidade em geral. A repercussão das reportagens na comunidade nos faz acreditar que ela teve um efeito não só para a sociedade local, mas, sobretudo, para a própria academia, pois o presente trabalho ultrapassou os muros da instituição acadêmica e chegou ao grande público, ou seja, a História Local transformou-se em História Pública.

Práticas como essa proporcionam aos estudantes uma valiosa fonte de conhecimento, pois favorecem a problematização, o levantamento de hipóteses e a construção de argumentos, contribuindo, assim, para uma educação crítica. De acordo com Peres e Aride (2020), é dessa forma que se estabelece o protagonismo do aluno, não apenas resolvendo problemas, tomando decisões e articulando pensamentos críticos dentro do contexto educacional, mas também interagindo com a comunidade, isto é, com sujeitos da vida real que possam inspirar os estudantes por meio de conversas, testemunhos e exemplos.

Esse tipo de atividade aqui desenvolvido promove engajamento dos alunos e eles se sentem pertencentes à história do município, mostrando, dessa forma, que a História não trata apenas de personagens canônicos, distantes da nossa realidade, mas que ela acontece aqui, próxima de nós e que fazemos, sim, parte dela!

A seguir, vemos o relato da estudante Emily Veiga, expressando a surpresa em saber que a pesquisadora do museu conhecia sua família e o sentimento de alegria por contribuir de forma ativa para a realização da entrevista (Figura 29).

Figura 29 – Relato da estudante Emilly Veiga



Fonte: Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Observando tais experiências em sala de aula, proponho pensarmos em uma história mais próxima dos estudantes, considerando experiências, expectativas e necessidades. Assim como relata Schmidt (2012, p. 59): “o objetivo é fazer com que o conhecimento histórico seja ensinado de tal forma que dê ao aluno condições de participar do processo do fazer, do construir a História”.

E nada mais concreto para a construção histórica do que entender-se e sentir-se como agentes participativos desse processo. Para dar início a essa desafiante tarefa, acredito que a História Local possa auxiliar nesse sentido, uma vez que ela tem como função aproximar os alunos de sua identidade e levá-los a compreender as reais dimensões de tempo, espaço e historicidade, por meio da interação e da apropriação do conhecimento histórico.

A história não é apenas encontrada, lida ou discutida em livros ou em grandes obras de historiadores mundialmente renomados, universidades, simpósios, mas também em ruas, praças, campos, conversas, museus e quintais de qualquer localidade. O meio em que vivemos traz marcas de um passado rico de possibilidades educativas.

2.3.2 Escavando o passado

Dando continuidade às práticas educativas relacionando-as à *Pedagogia Histórica Contextualizada*, julguei interessante levar para a sala de aula algumas fontes que relatassem as descobertas paleontológicas em Cruzeiro do Oeste, como reportagens de revistas científicas e de telejornais locais e nacionais. O objetivo foi propiciar condições para que os alunos observassem diferentes fontes e, por meio da análise delas, tivessem contato com a história do primeiro morador do município a registrar a presença dos fósseis no município. Assim, partindo da proveitosa experiência com Neurides Martins, organizamos uma segunda entrevista (Figura 30) com o senhor João Augusto Dobruski, filho de Alexandre Dobruski.

Figura 30 – Organização da entrevista com o senhor Dobruski



Fonte: Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

O processo ocorreu como na primeira entrevista: os estudantes foram organizados em grupos para estruturarem as questões (Apêndice A) e dividirem as funções de filmagem, fotografia e gravação. O local escolhido para a atividade foi a praça central da cidade, um lugar cheio de histórias, memórias e simbolismos.

Em homenagem a essa nova fase da história do município, a praça foi adornada por réplicas das espécies de dinossauros e pterossauros ali encontradas, como o pterossauro *Caiuajara dobruskii*, encontrado por nosso entrevistado e seu pai. Aliás, como podemos observar no nome da espécie, ela recebeu o sobrenome Dobruski, fazendo referência a esses importantes personagens dessa história (Figura 31).

Figura 31 – Entrevista na Praça com o senhor Dobruski

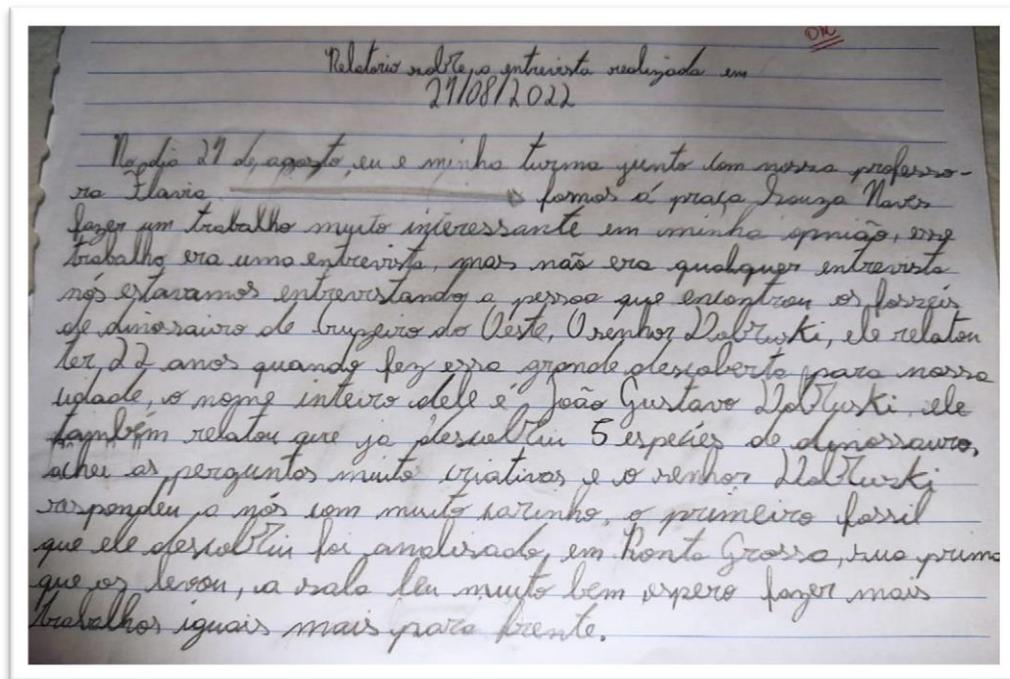


Fonte: Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

A História Oral mostrou-se uma importante metodologia interdisciplinar para os estudos propostos por esta pesquisa. Por meio de experiências e relatos, buscamos testemunhar fatos históricos relevantes à sociedade e mostrar que é possível a transmissão de histórias, valores e costumes ao longo das gerações por meio da oralidade, assim como acontecia nas antigas sociedades da África Ocidental, com os *griôs*, contadores de histórias. Essa é outra maneira de olhar o passado, partindo da memória, ou seja, das experiências e depoimentos de testemunhas vivas da história.

Com essa atividade, os estudantes puderam ouvir as memórias do nosso entrevistado e se emocionar com ele. Foi uma experiência fantástica! Já em sala de aula, solicitei para que os estudantes escrevessem suas considerações sobre a experiência de entrevistar o ilustre morador de Cruzeiro do Oeste (Figura 32).

Figura 32 - Relato do estudante Davi Tomaz sobre a experiência com o senhor Dobruski



Fonte: Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Mais uma vez, podemos perceber a contribuição da Pedagogia Pública³² para uma ciência cidadã, na qual a cultura popular e a vida cotidiana se entrelaçam, mostrando que a própria sociedade pode assumir uma responsabilidade educacional. É como ensina Biesta (2014, p. 17), “não podemos agir isoladamente”, é necessário um esforço coletivo para que as coisas aconteçam. Ou seja, é só sob a condição de pluralidade que a ação pedagógica se torna possível, pois essa ideia está comprometida com um mundo no qual todos têm a oportunidade de agir e aprender.

A *Pedagogia Histórica Contextualizada* apresenta essas características que nos leva a uma ciência cidadã. Pessoas comuns, fora do ambiente da academia, como o senhor Dobruski, ajudam no processo de pesquisa, pois geram dados e informações científicas baseadas em suas experiências de vida. Essa é uma das principais contribuições do público, a informação a partir do vivido, que, muitas vezes, não pode ser encontrada em outro lugar.

Essa aproximação entre sujeito e ciência extrapola os muros da academia e da escola e passa a ser parte da vida pública. Acredito, assim, que isso deve ser colocado em prática não somente em nossas salas de aulas, mas também em ambientes não escolares, como museus, para fortalecer a relação ciência-público (assunto que discutiremos no terceiro capítulo).

³²A Pedagogia Pública, segundo Biesta (2014), é uma pedagogia que vai muito além de instruir o cidadão. Ela tem a tendência de transformar problemas sociais e políticos em problemas de aprendizagem, para que isso se torne responsabilidade dos indivíduos, e não preocupação e responsabilidade do coletivo. Trata-se de uma pedagogia que resulta em modos de trabalhos educativos que produzem e promovem a pluralidade.

É conveniente lembrar que a memória³³ individual, conforme afirmou Pollack (1992), está intimamente ligada à memória coletiva. Quando alguém expõe um relato referente a um fato histórico, suas experiências individuais se misturam às experiências coletivas, logo, a memória contribui para a construção da identidade de um povo. Em uma época em que, segundo Bondia (2002), a experiência está em declínio e vivemos uma vida sem enraizamento e sem pertencimento, promover essas trocas de conhecimento e diálogo entre gerações é muito significativo e prazeroso para todos os envolvidos.

Para Bittencourt (2011, p. 50), a História Local geralmente se liga à história do cotidiano “ao fazer das pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelecer relações entre os grupos sociais de condições diversas que participaram desse entrecruzamento de histórias”. Partindo desse conceito, podemos admitir que a História Local pode ser empregada como importante estratégia pedagógica para a produção do conhecimento histórico, seja por meio de ações, narrativas ou de espaços, como praças, museus, ruas, monumentos. Em suma, a cultura de um povo e seu modo de vida podem ser fontes de aprendizagem.

Importante ressaltar que trabalhar com a História Local não significa enxergá-la como mais importante que as demais. Não podemos aceitar uma divisão entre história nacional e história regional, mas sim devemos entender que cada localidade tem suas especificidades, singularidades e histórias, que devem ser conhecidas, valorizadas e transmitidas, para que os educandos possam agregar novas leituras do mundo. Sobre isso, Schmidt ressalta:

Não se pode esquecer de que, no processo de globalização que se vive, é absolutamente indispensável que a formação da consciência histórica tenha marcos de referência relacional e identitários, os quais devem ser conhecidos e situados em relação às identidades locais, nacionais, latino-americanas e mundiais (Schmidt, 2005. p. 190).

Trabalhar com a História Local juntamente com a História Oral é muito além do que colher relatos históricos. É antes de tudo acolhimento, socialização, compartilhamento do vivido e aprendido, criando um ambiente onde os laços entre a escola e a comunidade se estreitam. A grande roda de entrevista é o momento mais rico de trocas, pois ali as crianças também aprendem a ouvir, a valorizar histórias de pessoas comuns e percebem que todos contribuímos para a história. De acordo com os estudos de Moura e Lima (2014), podemos classificar a roda de conversa como um método de participação coletiva, um “instrumento de partilha” que permite socializar os saberes de forma fácil e fluida.

³³Não é intenção deste trabalho, discutir questões profundas sobre memória.

Por meio de entrevistas e roda de conversas, podemos chegar ao conhecimento de fatos vividos no passado que as fontes históricas escritas não abarcam. Além disso, a entrevista pode ser “uma preposição do passado como algo que tem continuidade e cujo processo histórico não está acabado” (Meihy, 1996, p. 10). Como nos lembra Benjamin (1994), colocar diferentes gerações juntas para dialogar e trocar experiências é cada vez mais raro em nossa sociedade. Portanto, é fundamental o incentivo de atividades que trabalham com a oralidade, a fim de preservar a memória e criar vínculos.

2.3.3 *Produção de fonte escrita*

Diante de tudo o que havia sido proposto aos estudantes com base na *Pedagogia Histórica Contextualizada*, julguei necessário uma última atividade, algo relacionado com a História Oral. E a ideia foi transcrever pequenos trechos da entrevista com o nosso convidado senhor Dobruski, a fim de documentar essa experiência por meio da escrita e, assim, servir de fonte de conhecimento para as futuras gerações.

Em sala de aula, iniciamos com uma conversa sobre como o momento das entrevistas foi significativo para o nosso conhecimento e também sobre os processos que envolvem a História Oral, desde a preparação para a entrevista até a sua transcrição. Em seguida, os estudantes foram organizados em pequenos grupos e cada um deles recebeu um trecho da entrevista para ouvir e transcrever, respeitando o máximo possível do que foi dito.

Isso tudo foi um grande desafio! Já sabíamos que todo esse processo era moroso e dispendioso para os profissionais envolvidos com a História Oral, ainda mais em se tratando de crianças pré-adolescentes. Contudo, apesar de algumas reclamações no início, pela metodologia da transcrição, que envolve ouvir repetidamente os mesmos trechos da entrevista, a transcrição ocorreu de forma solidária, responsável e guiada pela satisfação de terem vivido aquela experiência e chegado ao fim do desafio.

CAPÍTULO 3

ALÉM DAS PAREDES DA SALA DE AULA

Aprender não é só ficar sentada durante horas ouvindo os professores falarem, falarem, falarem e a gente escrever, escrever, escrever! (Ana Julha Fonseca Nakagawa, 2022).

Figura 33 – Trabalho de muitas mãos



Fonte: Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora (2023).

Ao longo dessa pesquisa, foram apresentadas várias ações para desenvolver o protagonismo dos estudantes durante o processo de ensino/aprendizagem, ações essas que demandaram participação e colaboração interdisciplinar de várias mãos: pessoas da comunidade, professores, estudantes e profissionais ligados à área da paleontologia e da educação. São mãos que dividiram curiosidades, experiências, tradições e saberes e que juntas construíram um elo entre o passado, o presente e o futuro. É muito rico quando um projeto de pesquisa estabelece parcerias, principalmente quando elas são feitas com pessoas de instituições públicas e da própria comunidade em que vivemos.

Nesse último capítulo, serão apresentados uma análise entre essas parcerias, os resultados obtidos com os alunos e um projeto educativo embrionário que diz respeito a uma

Ciência Cidadã³⁴ e que pode ser aplicado tanto em sala de aula como em espaços públicos, para engajar e auxiliar professores, estudantes e comunidade frente a essa temática tão significativa. Ainda, procurei refletir sobre as seguintes questões: até que ponto as relações dialógicas presentes neste trabalho, de fato, aconteceram? Em que medida eu consegui realmente ouvir as ideias dos meus alunos sem impor um determinado modelo? E como essa pesquisa e os seus frutos foram e ainda podem ser feitos por diferentes e inúmeras mãos?

3.1 Escavando profundamente as práticas educacionais para a construção de uma *Pedagogia Histórica Contextualizada*

O presente trabalho apresentou inúmeros resultados positivos em relação aos objetivos propostos, por exemplo: supriu lacunas em sala de aula em relação ao complexo conteúdo (desejado pelos alunos) sobre os achados paleontológicos de Cruzeiro do Oeste e promoveu um amplo protagonismo não somente dos alunos, como também da pesquisadora e da comunidade. Isso tudo foi feito com base num conjunto de ações desenvolvidas dentro e fora da sala de aula e partindo da ideia de uma *Pedagogia Histórica Contextualizada*, que tem como propósito central fazer os estudantes assumirem um papel ativo no processo de aprendizagem, tornando-os protagonistas do seu próprio conhecimento histórico.

Foi possível constatar, ao longo de vários momentos, o engajamento ativo da maioria dos estudantes em todas as etapas do projeto: no planejamento das ações coletivas, nas suas execuções e nas suas avaliações. Por meio da mediação e da pesquisa, os estudantes discutiram os espaços públicos, promoveram diálogos neles, integraram-se a eles e passaram a exercer o papel de cidadãos ativos em sua comunidade.

É por isso que, em relação às ações pedagógicas abordadas ao longo deste trabalho, posso dizer que a contribuição genuína desta pesquisadora é a *Pedagogia Histórica Contextualizada*, que traz em seu bojo a ideia de protagonismo dos alunos e que, a partir de atividades e processos interativos dentro e fora de sala de aula, foi capaz de produzir os resultados que veremos a seguir. A *Pedagogia Histórica Contextualizada*, portanto, é o produto final deste trabalho e ela vem também para discutirmos e pensarmos outras ideias sobre os produtos tangíveis e intangíveis apresentados ao ProfHistória.

Essas questões que envolvem o ensino de História podem apresentar produtos diversificados, ora materiais, ora imateriais. Então, questiono-me, por que, na maioria das

³⁴De acordo com o Societize Consortium (2013, p. 6), Ciência Cidadã se refere ao “engajamento do público em geral em atividades de pesquisa científica, quando os cidadãos contribuem ativamente para a ciência, seja com seu esforço intelectual ou conhecimento circundante, seja com suas ferramentas e recursos”.

vezes, nós mestrandos do ProfHistória pensamos o produto apenas de cunho material? Por que nos preocupamos em apresentar algo físico ao fim do curso? Cheguei a esboçar a produção de uma história em quadrinhos para poder compor esse terceiro capítulo, ou seja, mais uma ação material entre tantas outras já desenvolvidas. Confesso que tive que refletir a respeito disso para compreender que nem sempre o produto precisa ter materialidade e que não havia necessidade de produzir algo além do que já havia sido feito com os estudantes.

Embora a *Pedagogia Histórica Contextualizada* não seja um produto materializado em seu sentido pleno, suas ações permanecem entre estudantes, professora e parte da comunidade que desejam sua continuidade. Foi pensando nisso que, ao final deste capítulo, apresentamos uma proposta de projeto comunitário para a administração pública municipal, intitulado “Ônibus-Museu: História e Paleontologia em movimento” (Apêndice C).

A partir das práticas educativas desenvolvidas ao longo de dois anos, constatei grandes oportunidades de uma aprendizagem efetiva valorizando a construção do conhecimento pelos estudantes. Assim, convido você, leitor, a avançar comigo nessa escavação em busca de um saber mais profundo e a contemplar os resultados aqui obtidos.

Em visita ao museu de Paleontologia, como visto, os estudantes participaram ativamente de uma conversa com a diretora do local. Durante a conversa, eles argumentaram e fizeram várias perguntas, apresentando um excelente nível de maturidade em relação à temática e sinalizando também que as pesquisas e os diálogos promovidos em sala de aula antes da visita foram internalizados e apropriados por eles.

A aluna Eloá Rodriguês é um exemplo disso, quando indagou de que forma os fósseis foram transportados para pesquisa na cidade de Mafra-SC e se houve um cuidado especial para preservação do patrimônio. Outro exemplo é o estudante Décio Barravieira (2022, informação verbal), que mostrou preocupação em relação ao destino do patrimônio: “A professora falou assim que não podemos vender esses fósseis, que é ilegal”. O estudante Murilo Zampieri (2022, informação verbal), por sua vez, interessou-se pela questão do reconhecimento dos achados e de publicações perante a comunidade científica: “A descoberta do *Keresdyakon vilsoni* já teve alguma publicação?”.

Os estudantes Gabriel Goulart e Murilo Ferrarezi trouxeram à tona a historicidade das escavações arqueológicas e paleontológicas e o fascinante ofício dos paleontólogos. Eles se mostraram interessados em saber sobre o trabalho realizado dentro do museu, no sítio paleontológico e sobre quem eram os participantes da descoberta do *Vespersaurus paranaensis*. E a estudante Glória Figueiredo, inspirada na leitura e discussão de um texto que fazia referências sobre a descoberta e conservação de um mamute mumificado há cerca de

trinta mil anos, no Canadá, questionou se seria possível encontrar dinossauros preservados pela ação do congelamento.

Outros exemplos de aprendizagem assimilada pelas pesquisas e trocas ocorridas em sala de aula são os estudantes Murilo Capellari e Lucas Coelho, ao promoverem um curioso diálogo com a pesquisadora e a diretora do museu sobre a possibilidade de serem encontrados ninhos com ovos de dinossauros no sítio paleontológico do município. Isso aconteceu em Dhar, na Índia, e em Uberaba-SP, aqui no Brasil: “E vocês, também querem encontrar ovos de dinossauros?”. “Você disse que seria possível, também, encontrar ovos fossilizados aqui, mas como que poderia ter ovo fossilizado, sendo que o ovo é uma coisa tão frágil?” (Capellari; Coelho, 2022, informação verbal).

Um exemplo que também merece destaque aconteceu durante a explicação de Neurides Martins. Enquanto a pesquisadora citava os nomes de todas as espécies encontradas no sítio paleontológico de Cruzeiro do Oeste, o estudante Murilo Zampieri pronunciava junto todos os nomes científicos dos animais: “Esse aqui já pode trabalhar junto, já sabe tudo, pode contratar”, comentou surpresa a diretora Vanda Bueno (2022, informação verbal). O estudante é um apaixonado por dinossauros e mostrou-se um excelente pesquisador: sempre trazia notícias para a turma, além de ler e assistir a tudo que encontrava sobre essa temática, sobretudo quando estava relacionada à sua cidade.

Apesar de mostrarem que já tinham uma bagagem de conhecimentos sobre a temática ali abordada, os alunos descobriram novas informações com as questões que levantaram: “Como se identifica a idade dos fósseis?” (Eloá Fernandes, 2022, informação verbal); “Os dinossauros encontrados aqui em Cruzeiro, foram encontrados só na região do sítio do senhor Dobruski?” (Ítalo Souza 2022, informação verbal); “Como é possível identificar marcas de brigas entre os dinossauros?” (Diego Conciani, 2022, informação verbal); “Tem possibilidade da ciência trazer de volta esses animais que já foram extintos?” (Marcela Clemente, 2022, informação verbal).

Isso comprova que, quando partimos de assuntos propostos pelos próprios alunos, assuntos desejados e que geram curiosidade, a chance de o protagonismo acontecer é muito grande, ainda mais quando esses temas fazem parte do meio onde vivem. Perante tais resultados, concluímos que os estudantes apresentam o desejo de ampliar seus conhecimentos e que a interdisciplinaridade oferece uma grande oportunidade para aperfeiçoá-los. Isso exemplifica o pensamento freiriano de que a mensuração da aprendizagem não se faz somente por “scores”, mas por uma aprendizagem que vai além dos elementos materiais.

A experiência do diálogo, tanto em sala de aula como no museu, mostrou-nos que há formas de oferecer momentos para o aluno pensar, estranhar, indignar-se, perguntar, investigar, surpreender-se e maravilhar-se também! Mas, para isso, é necessário suspender a pressa e dar tempo para a contemplação, o silêncio, a escuta, o diálogo com o outro, enfim, para a experiência (Larrosa, 2018). Isso cria oportunidades para que os alunos reflitam sobre o seu lugar no coletivo e se conectem com seus saberes, sua história e sua identidade.

Outra atividade proposta que possibilitou o protagonismo do alunado foi a ação pedagógica envolvendo a arte, ao estimularmos os estudantes a expressar seus conhecimentos por meio da produção de desenhos. A relação entre nós humanos com o desenho compreende um valioso meio de comunicação, pois nele podemos representar nosso cotidiano, nossas aprendizagens e nossos valores culturais e éticos de maneira que as palavras nem sempre são capazes sozinhas.

É como se a expressão livre fosse considerada uma tendência natural de comunicação. O aluno realiza seus desejos, exprime através de imagens o que seria impossível através de palavras. No fazer a arte de forma livre, a criança desenvolve-se, trabalhando seu lado emocional, motor, racional, gestual. Educa-se formando hábitos de trabalho, adaptando-se ao mundo de uma forma totalmente desejável (Cola, 2014, p. 26).

Stern (1974), um dos principais estudiosos em distinguir os elementos dos vocábulos plásticos das crianças, diz que as crianças interagem com o mundo a partir de sensações e que, por meio de materiais artísticos, é possível espelhar o mundo que ela vive, ou seja, o processo de produção da criança é a decodificação de suas experiências.

Segundo Rodrigues (2022), os desenhos produzidos pelos estudantes revelam o que os pequenos olhos atentos observam em réplicas que tentam reproduzir as descobertas científicas dos pesquisadores. Além disso, é possível observar, nesses desenhos, como a narrativa e a memória de pesquisadores e de pessoas da comunidade também influenciam a imaginação dos estudantes no processo de criação.

Na avaliação de Bender (2014), a Pedagogia Baseada em Projetos permite que os estudantes mais inibidos possam interagir com o grupo, principalmente quando o professor reforça as habilidades de cada um. Isso dá oportunidade para que o seu protagonismo apareça, ou seja, para que a formação de sujeitos mais ativos e participativos seja viabilizada.

No dia a dia da sala de aula, o desenho também pode servir como um importante meio de comunicação. Por exemplo, o aluno Murilo Ribeiro, que apresentava dificuldade em expressar seus saberes pela escrita, conseguiu transmitir seu conhecimento acumulado por

meio do desenho, demonstrando quais as espécies de fósseis foram encontradas no município, a saber: *Vespersaurus paranaensis*, *Gueragama sulamericana*, *Caiuajara dobruskii*, *Keresdyakon vilsoni* e *Berthassaura leopoldinae* (Figura 34). São saberes que foram compartilhados com os estudantes pelas pesquisas realizadas em sala de aula e pela pesquisadora Neurides Martins durante a visita ao museu e em entrevista pública.

Figura 34 – Desenho como meio de comunicação



Fonte: Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora (2023).

Aqui, a arte surge no contexto de reflexão sobre um passado mais alargado, referente à história natural. Mas, por trás desse desenho, também há um contexto mais recente, que diz respeito à história do homem no continente americano, mais especificamente à importância do ofício do arqueólogo e do paleontólogo para encontrar fósseis.

E por falar em arte, ela se fez presente também durante a produção da representação dos pterossauros em forma de origami, atividade que reforçou o trabalho coletivo. Além disso, os estudantes organizaram a recepção ao público durante a Semana Nacional dos Museus, projetando, organizando e decorando a sala principal de atendimento aos visitantes para recebê-los de forma acolhedora e estabelecer com eles uma relação de proximidade.

Dessa forma, essa atividade permitiu mostrar a outros professores o importante papel da *Pedagogia Histórica Contextualizada* para o desenvolvimento da cidadania e do sentimento de pertencimento junto aos estudantes, que se envolveram de forma ativa com a comunidade, integrando-se a ela e colaborando ativamente com o trabalho desenvolvido pela

equipe do Museu de Paleontologia. A *Pedagogia Histórica Contextualizada* promoveu uma curadoria pública, isto é, uma interação entre os estudantes e o espaço público de maneira que visitantes/contempladores contribuíssem para a difusão do conhecimento por meio de suas experiências e saberes (Figura 35).

Figura 35 – Organização e recepção da Semana Nacional do Museu



Fonte: Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Seguindo com a análise dos resultados alcançados, destacamos uma outra atividade lúdica, que faz referência aos processos utilizados pelos paleontólogos em sua rotina de trabalho: a representação de fósseis por meio de moldes em gesso (Figura 36). Tal atividade, além de promover o desenvolvimento sensório-motor, é um exemplo de produto didático feito

pelos próprios estudantes e que pode ser reproduzido em outras turmas e escolas, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da autonomia e do protagonismo dos alunos envolvidos nesse processo.

Figura 36 – Produto desenvolvido pelos estudantes para outros estudantes



Fonte: Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Nada mais significativo para a concretização da aprendizagem do que ver alunos compartilhando com outros suas descobertas e passando a exercer o papel de curadores de um saber. Curadores no sentido de organizar, selecionar, disponibilizar e socializar informações obtidas no decorrer do processo de ensino-aprendizagem para conduzir outros colegas ao caminho da pesquisa.

Aqui os estudantes levaram informações à comunidade do Colégio Cívico Militar Cruzeiro do Oeste, aos pais e ao poder público da cidade por meio de uma exposição temática (Figura 37). Isso mostra o potencial desta pesquisa em promover o protagonismo dos alunos, o que contribui para a sua autoestima e valorização, encorajando-os a se expressarem, a enfrentarem futuros desafios, a pensarem independentemente e a serem autônomos e responsáveis por suas escolhas e decisões.

Arendt (1987) nos fala que o ser humano se relaciona de três formas: comendo as coisas, usando as coisas e admirando as coisas. Logo, pensamos: a escola não se come, nem se usa, mas se admira, isto é, podemos nos maravilhar estudando algo, que também é um importante papel da escola na relação com o humano. Por meio das ações relatadas nesta

pesquisa, foi possível atingir esse propósito, maravilhando os estudantes a ponto de eles quererem estudar cada vez mais a temática proposta e descobrirem possibilidades que extrapolam os muros da escola.

Figura 37 – Exposição: Um monte de ossos? Inspiração e protagonismo

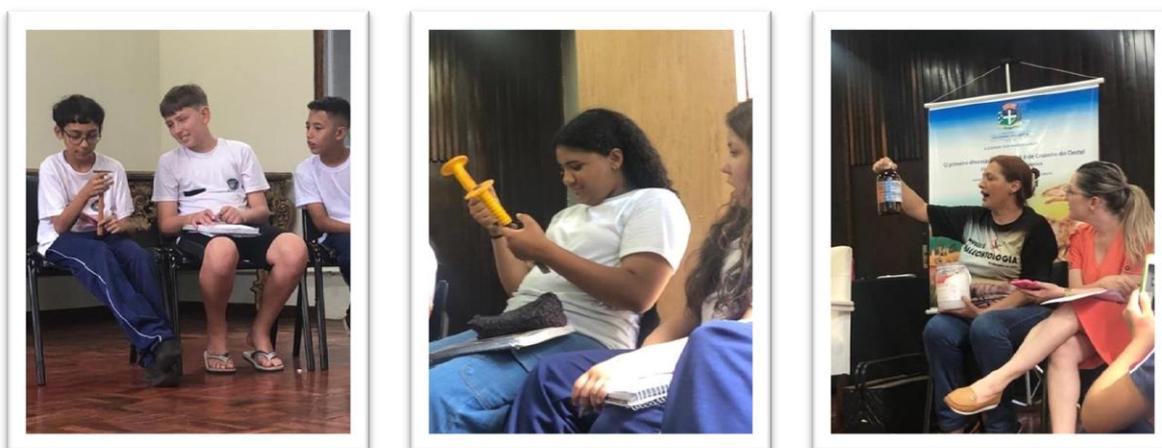


Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Um dos pontos altos desta pesquisa foram as entrevistas públicas. Elas foram pensadas, organizadas e realizadas em coletividade, incentivando o trabalho em equipe, a trocas de informações, o respeito às diferenças e favorecendo também a construção de uma sociedade mais consciente, flexível e preparada para os embates e as resoluções de problemas.

A experiência que os estudantes tiveram ao entrevistar a pesquisadora Neurides Martins foi fruto da curiosidade deles em saber como acontece o trabalho de pesquisadores ligados à área da paleontologia. E além de participar ativamente de todo o processo (organização do roteiro, filmagens, fotografias e gravações), os alunos também conheceram mais de perto o trabalho dos paleontólogos: puderam observar e até manusear alguns instrumentos e reagentes utilizados por eles, contribuindo para o aumento do conhecimento dos estudantes (Figura 38).

Figura 38 – Instrumentos e reagentes utilizados pela paleontologia – curiosidade e conhecimento



Fonte: Imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Em entrevista com o senhor Dobruski, os estudantes reafirmaram seu papel como protagonistas no processo de ensino-aprendizagem, pois contribuíram também para a divulgação dessa história. Com essa atividade, o grupo teve a oportunidade de vivenciar a meticulosa tarefa do historiador que atua com a História Oral. Em grupos, os alunos transcreveram segmentos da entrevista de modo a produzir uma narrativa coesa sobre a trajetória dos achados paleontológicos de Cruzeiro do Oeste pela família Dobruski. E sob a orientação desta professora, criaram um documento escrito para ampliar o acesso a essas valiosas informações.

Esse material, além de promover a cultura local, enriquece o currículo escolar, pois pode ser utilizado tanto em escolas municipais quanto estaduais, auxiliando os educadores a explorar esse relevante capítulo histórico. A transcrição completa segue abaixo:

Entrevista: João Augusto Dobruski

Entrevistadora – Como o senhor encontrou os primeiros sinais de fósseis em nossa cidade?

Dobruski – Então, é uma história até que interessante! Nós acabamos encontrando os fósseis, mas não estávamos procurando por eles, não! Encontramos por acaso.

Eu não sei se alguns de vocês conhecem o sítio, onde estão os fósseis? Era uma “decidona” muito forte, perto da nossa propriedade, nossa antiga propriedade. E ali, onde estão os fósseis, a pedra [rocha] é muito dura, e a “patrola” [fazendo referência às máquinas utilizadas pela prefeitura para melhorar a estrada, observação minha], não conseguia abaular a estrada. Entendeu? É uma estradinha que, quando a “patrola” descia abaulando, chegando onde hoje tem os fósseis, a máquina não conseguia cortar a pedra [rocha] e a água vinha pela sarjeta dos dois lados e ali se espalhava por cima daquela pedra. Aquela pedra ficava molhada, lisa, muito dura e o animal [se referindo ao cavalo] escorregava muito para subir naquela pedra. Até aconteceu um episódio: o animal escorregou, quando estava subindo, puxando a carroça, escorregou as patas dianteiras, puxou tanto, coitadinha, bateu com a boca nas pedras e quebrou os dentes. Isso aconteceu quando estávamos indo para a cidade entregar leite. Voltei para casa e falei para o pai que tinha acontecido isso, isso e aquilo com o animal e que não dava para continuar assim, pois poderia acontecer outras vezes. Combinamos nós dois de irmos lá e abrir uma “valetinha” dos dois lados da estrada, para a água escoar e a pedra enxugar. Duas horas da tarde, pegamos uma picareta cada um e fomos para lá, ele de um lado e eu de outro. Cortamos a pedra, muito dura, uma piçarra, e começamos a encontrar os ossos dentro da pedra, meu pai pegou um pedaço e logo disse que seriam fósseis: “O osso está dentro da pedra! Isso não é coisa do nosso tempo, é coisa muito antiga!”. E ficamos ali, debulhando aquelas pedras, procurando os ossos. E tinham muitos, muitos, muitos ossos! Passados uns dias, deu uma chuva muito forte e a enxurrada lavou aquela sujeira que tinha em cima da pedra e aí, no meio da estrada, aquilo ficou “branqueando” de ossos, toda aquela pedra, cheia de ossos. Voltei pra casa e falei pro pai. Olha, coisa louca, muitos ossos, muitos ossos estão lá expostos no meio da estrada, incrustado na pedra, sabe. Aquilo não era coisa de gente. Osso, se você enterrar na terra, assim por cima, ele apodrece! Aquele era um que passou pelo processo de fossilização, é uma coisa completamente diferente, natureza, né! A natureza que fez, porque era deserto, as chuvas eram esporádicas [falando de como era o local há milhões de anos], não era coisa natural igual hoje, que chove todo mês pelo menos. Depois voltamos lá e o pai admirou-se, lá nas pedras todas cheias de ossos, “branqueando” os ossos na beira da estrada. A gente começou a comentar com as pessoas, todos os vizinhos e as pessoas da cidade. Eu ia levar o leite e comentava com as pessoas a respeito deste achado, mas era motivo de gozação, que você nem faz ideia, menina! A gente falava dos ossos e a primeira pergunta que as pessoas faziam: “O que aconteceu, você já andou bebendo hoje? Você já tomou umas? Ou você bateu a cabeça?”. Mas era motivo de gozação, a gente desanimava de falar desse achado. Comentava sempre com os professores, inclusive daqui, eu acho que nenhum de vocês conheceram. Você deve ter conhecido o João da Luz [professor que lecionava a disciplina de História naquela época]? Ele foi o que mais se interessou, até inclusive desceu até lá na nossa casa para ver o local e os fósseis. O João Gastaldim, que ainda está vivo, era um que fazia faculdade e, muitas vezes, quando ele se apertava com os problemas na faculdade, ele ia lá, e meu pai, que nunca sentou num banco de escola, ajudava ele. Eu comentei isso com a professora e diretora do Colégio Estadual, que era a Dona Diva Goulart, mas ela também ouvia mais ou menos, não dava muita importância; ela achava que eu também tinha batido a cabeça, né [risos]! A finada Dona Maria José, esposa do doutor Dênis, que também era professora do Colégio Estadual, era minha freguesa de leite também, vendi leite para eles por muitos anos. Falei muitas vezes, também, com a esposa do doutor Dirceu Frederico, que era também professora do Colégio Estadual Cruzeiro do Oeste – nem sei se está viva hoje, o doutor Dirceu já é falecido. Essa história é muito antiga e muita gente já faleceu! Em 76, eu já era casado e já tinha o meu “fiotão” [filho], mais velho, Evaldo. Uns primos meus lá de Ponta Grossa vieram nos fazer uma visita, chegaram em casa, mas ainda não estavam sabendo [se referindo aos até então, supostos fósseis], porque a comunicação era muito difícil, só por carta, era muito difícil comunicar. O finado pai contou a novidade sobre a história dos fósseis e minha prima Helena, mulher do meu primo Dionísio Dobruski, tinha trazido uma máquina fotográfica, que, naquele tempo, as câmeras era tudo preto e branco. Você já é do tempo das coloridas, mas, naquela época, era tudo

preto e branco! Estava toda alegre com a sua câmera que tirava fotos coloridas, inclusive tenho algumas fotos aqui [mostrando em seus arquivos do celular], tenho aqui aquela foto que ela tirou do meu pai, colorida, tá aqui no meu celular, depois eu vou mostrar para vocês. E nós falando dos fósseis, ela disse: vamos lá tio, ah primo, eu também quero ver onde é o local e fomos. O pai já pegou uma alavanca, o “facãozão” dele na cinta e fomos lá para o sítio dos dinossauros. A prima tirou a foto dele arrancando o primeiro bloco de fóssil, ela levou para a Universidade de Ponta Grossa, para a UEPG de Ponta Grossa, acho que ela também estudava lá na época. Fizeram as pesquisas e constou que eram realmente fósseis, já datados com mais de oitenta milhões de anos, só que a gente foi receber a resposta depois de uns seis meses mais ou menos, porque a comunicação nossa não tinha telefone, não tinha nada naquele tempo, tinha telefone de linha, mas ainda não era todo mundo que tinha! Mandaram uma carta dizendo que realmente eram fósseis, mas a gente queria saber mais, se são fósseis, de quê? Que bicho era? A gente sabia que os ossos não eram de um dono só, dava para perceber a diferença de um osso para outro! Então, ficou aquele “invólucro” lá na gaveta da universidade, durante muitos anos, uns quarenta anos, até 2012, se não me falhe a memória! Foi agora, em 2012, que o paleontólogo Paulo Manzing estava escrevendo um livro [Museus & Fósseis da Região Sul do Brasil], começou com os fósseis de Santa Maria no Rio Grande do Sul, já estava no décimo primeiro capítulo do livro, mas ele não estava satisfeito com aquilo, ele queria arrumar mais alguma coisa, para o livro não terminar com capítulo ímpar. Andou por Mafra, andou por um lugar, por outro e acabou chegando em Ponta Grossa. Pediu para as pessoas lá da universidade se não tinham alguma coisa que ele pudesse anexar ao livro, então eles falaram: “Vai ali, nas gavetas do arquivo, dá uma olhada, quem sabe!”. E ele foi passando, abrindo gaveta, abrindo gaveta e de repente, puxou a gaveta e encontrou aquele “invólucro” escrito “Fósseis de Cruzeiro do Oeste”. Ali ele já se interessou, era sobre fósseis que ele estava escrevendo. Desenrolou o pacote, quando ele bateu os olhos, ele já viu que eram fósseis de pterossauros, um réptil voador, esse menino [apontando para o monumento do pterossauro, localizado na praça, onde estava ocorrendo a entrevista], que é meu parente agora, o Caiuajara dobruskii, ficou até meu parente, feio pra caramba [risos], quase igual a mim [risos]. Aí ele ficou interessado, por ser fósseis e por ser de pterossauros, ele já conhecia muito os pterossauros do Ceará, do Araripe. Ele pegou o mapa e foi conferir Cruzeiro do Oeste, nunca tinha ouvido falar em Cruzeiro do Oeste, ele foi conferir e sabia que os pterossauros é uma espécie de réptil que sempre viveu na região litorânea e, quando ele olhou e viu que Cruzeiro do Oeste estava a setecentos quilômetros do litoral, ele falou: “O que é isso? Está errado esse negócio?” Formaram uma equipe de paleontólogos da Universidade do Contestado de Mafra, se organizaram e vieram para cá, para Cruzeiro. Tiveram a ideia de trazer um pedacinho de pedra, daquela pedra lá, porque eles vieram que caçar uma agulha no palheiro. Pegaram aquele pedacinho de pedra para tentar localizar em que local do município tinha aquele tipo de pedra, aquele tipo de piçarra, para ver se conseguia encontrar alguma coisa, alguma pista. Ele veio, procurou na prefeitura, no setor de Departamento de Obras, por sorte dele e nossa, o meu filho mais novo, o Emerson, trabalhava nesse departamento. Eu sempre comentava com eles [se referindo a seus dois filhos], sobre esses fósseis, apesar de que eles ouviam como os outros, ouviam por um ouvido e soltavam por outro. Eu comentava com eles sobre esses fósseis, às vezes, a gente descia lá para o sítio, inclusive, uns trinta dias antes desse episódio, eu tinha ido para o sítio junto com o Evaldo e o meu netinho Evaristo, ele tinha comprado um Jeep [se referindo ao filho Evaldo], e me chamou para rever a velha morada [antiga casa da família, no sítio]. Andamos por lá e, na volta, passando pelo local onde estão os fósseis, falei pra eles que ali tem um tesouro enterrado e ninguém liga pra isso! Ele continuou dirigindo e nem deu bola, acho que nem ouviu direito! Ele falava que era besteira! Mas..., voltando aos paleontólogos, eles foram para a prefeitura e disseram que estavam ali, a fim de um tesouro que existe em Cruzeiro do Oeste, quando falam em “tesouro”, logicamente todo mundo se regala, tesouro interessa a todo mundo, não é isso! Aí o Emerson, lá no cantinho dele, se levantou e veio para perto e ficou escutando a conversa; meu filho disse que conhecia essa história e sabia de alguém que poderia ajudar, levaram eles na Volvo

[local onde o senhor Dobruski, na ocasião, estava trabalhando], era mais ou menos umas duas da tarde, por aí assim, três, na parte da tarde; eu estava lá trabalhando, de repente, encostou aquela Doblo [carro usada pelos paleontólogos], cheio de velhos e “mulherada”. Perguntou: “Quem é o senhor João?” Ai eu me apresentei. O Paulo Manzig perguntou onde ele podia colocar seu computador para mostrar um negócio para mim. Levei-o na sala dos motoristas, ele instalou o computador, abriu e mostrou a foto dos fósseis, filmou o bloco que estava em Ponta Grossa e perguntou se eu conhecia. Meu Deus do Céu! Me deu um arrepio, claro que eu conhecia! Falei que eram os fósseis que extraímos, eu e o finado pai. Perguntou se eu tinha certeza, disse que eram os fósseis aqui de Cruzeiro do Oeste. Do jeito que eu estava ali [se referindo ao uniforme da empresa que trabalhava], saí do serviço e levei os paleontólogos até o barranco [local onde se encontravam os fósseis], assim..., visíveis, aflorados, tiraram aquela sujeirinha de cima e choraram na hora que viram aquilo! “Não dá para acreditar numa coisa dessas, isso não existe lugar nenhum do mundo, que coisa louca!” Se abraçaram, choraram, fizeram uma festa, tiraram até uma foto do local – eu tenho até aqui essa foto (Figura 39). Perguntaram se eu tinha alguma prova do meu pai tirando isso aqui [se referindo ao bloco de rocha com fragmentos de fósseis, levados para Ponta Grossa]. Fui à casa da minha irmã, peguei a foto e mostrei [foto tirada pela prima Helena no ano de 1976], estava escrito no verso “26 de junho de 76”. E assim foi o começo da história. Ele fez toda a pesquisa e já incluiu no décimo segundo capítulo de seu livro (Figura 40). Depois teve o lançamento do livro em Mafra, eles me chamaram, foi maravilhoso, teve gente do mundo inteiro, foi muito bonito a festa do lançamento do Caiuajara dobruskii! Depois, fizeram muitas pesquisas, retiraram toneladas de rochas, levaram para Mafra e espalharam fósseis para todos os lados [se referindo aos fósseis que foram levados à Mafra, Rio de Janeiro e São Paulo, pois, na época, Cruzeiro do Oeste não tinha local adequado para abrigar e pesquisar tais achados], inclusive um deles foi para o Rio de Janeiro, o dinossauro *Berthasaura leopoldinae*. Depois veio a pandemia [se referindo às escavações, pesquisas e visitas ao museu], deu uma travada muito feia, infelizmente, mas agora voltou tudo de novo, motivo de muita alegria, está todo mundo se interessando e é um “prazerão” muito grande, saber que crianças, principalmente, estão interessadas em ouvir e saber. Isso para nós de Cruzeiro do Oeste é uma coisa muito boa, isso vai ser motivo para desenvolvimento da nossa região, se Cruzeiro desenvolver o turismo, vai ser bom para a região toda!

Figura 39 – Equipe de paleontólogos fazendo as primeiras observações no local onde foram encontrados os fósseis



Fonte: Acervo pessoal de João Gustavo Dobruski (2012).

Figura 40 – Livro *Museus & Fósseis da Região Sul do Brasil* e o 12º Capítulo “Um Pterossauro na Gaveta”



Fonte: Manzig e Weinschütz (2012).

Ao analisar o depoimento do senhor Dobruski, primeiramente, sinto uma satisfação imensa em poder servirmos, junto com meus estudantes, de ponte para a difusão do conhecimento e dessa rica experiência para a nossa comunidade e para outras e em outros tempos. Ao mesmo tempo, reflito sobre o importante compromisso que temos, enquanto intelectuais e educadores, em ouvir as vozes de todos os envolvidos nessa história, de maneira que reitero a necessidade de entrevistar também, em um outro momento, outros importantes personagens dessa história, como os pesquisadores Paulo Manzig (paleontólogo que revelou ao mundo os primeiros fósseis encontrados em Cruzeiro do Oeste) e Antônio Liccardo (professor da Universidade Estadual de Ponto Grossa), para que ambos contem suas versões sobre o reconhecimento e a publicação dos referidos fósseis.

Diante disso, reconheço a História Oral como um instrumento valioso para produzir interpretações sobre processos históricos que dizem respeito a um passado que só é possível conhecer por meio de sujeitos que testemunharam tais fatos. Contudo, temos que ter em mente que a entrevista em si não pode ser tomada como verdade absoluta, pois, no momento que ela ocorre, o entrevistado, diante de suas lembranças carregadas de emoções, pode comprometer a veracidade dos fatos. Ainda sobre a entrevista, ela assume o caráter de documento após passar pelo processo de transcrição, que torna possível uma análise mais crítica sobre a narrativa pelo pesquisador, para se aproximar o máximo possível da “verdade histórica que se busca dentro do projeto de pesquisa” (Santos, 2000, p. 7).

Essas ricas experiências que os estudantes tiveram com a entrevista e sua transcrição, mostraram como o ensino de História favorece o exercício da cidadania e a assimilação de conhecimentos teóricos. Elas privilegiam também o diálogo e a troca de experiências entre diferentes gerações, que são importantes para a formação e a identificação dos estudantes

como sujeitos que integram e auxiliam a construção de sua história. A história vai além dos livros, das mídias, das reportagens, dos aplausos e dos holofotes, ela é construída por todos nós no dia a dia.

Esta pesquisa, portanto, remete-nos à origem da escola grega, a *scholé*³⁵, cuja função se fez presente mesmo em uma sociedade desigual e cuja aprendizagem derrubou fronteiras, tornando-os todos iguais diante do processo de aprendizagem. Neste trabalho, consideramos todos aprendizes e colaboradores na construção de um conhecimento que os tornaram formadores de opiniões, demonstrando, mais uma vez, o protagonismo dos estudantes perante a educação escolar e cidadã. Esse impacto pode ser observado em reportagens produzidas no município, que destacaram as ações desta professora e seus estudantes (Anexos D, E e H).

Essas reportagens deram origem a discussões significativas na comunidade, incentivando o envolvimento de alguns moradores com as questões geradas por esta pesquisa, estimulando reflexões e reforçando a consciência deles sobre o patrimônio da cidade e a relevância da pesquisa para a formação dos estudantes. Vejamos alguns dos comentários:

Com certeza um diferencial! Parabéns professora Flávia Pires de Almeida pelo excelente trabalho que vem desenvolvendo em nosso Município (Francielle Carvalho, secretária de Desenvolvimento Econômico, Turismo, Ciência e Tecnologia do Município de Cruzeiro do Oeste).

Parabéns a professora Flávia e alunos. Trabalho de excelência, pois possibilitou aos alunos complementar a teoria com o concreto, visitando o museu, conversando, entrevistando... além de enaltecer o nome do Colégio e da cidade dos dinossauros Cruzeiro do Oeste. Para os alunos, ficará para sempre registrado em suas memórias um aprendizado e uma grande satisfação em fazer parte da pesquisa de mestrado da professora. O Colégio Estadual CCM fica orgulhoso pelo trabalho maravilhoso! (Rosângela Mano, diretora do Colégio Cívico Militar Cruzeiro do Oeste).

Como é interessante esse trabalho da professora Flávia, juntou o conhecimento popular e o científico referente à descoberta dos dinossauros em nosso município de Cruzeiro do Oeste. Parabênizo o Colégio Estadual Cívico Militar por apoiar a professora no desenvolvimento de sua pesquisa. Sempre criando bons cidadãos (Ivone Waternam, professora aposentada).

Parabéns pelo belíssimo trabalho, transformando nossos estudantes em protagonistas da escola, você é uma excelente professora (Cleidinéia Lima, professora de Ciências).

Trabalhos como esses são muito significativos para os alunos e contribuem imensamente para o processo de ensino-aprendizagem. São experiências que eles dificilmente irão esquecer (Danielli Zioldo, professora de Língua Inglesa).

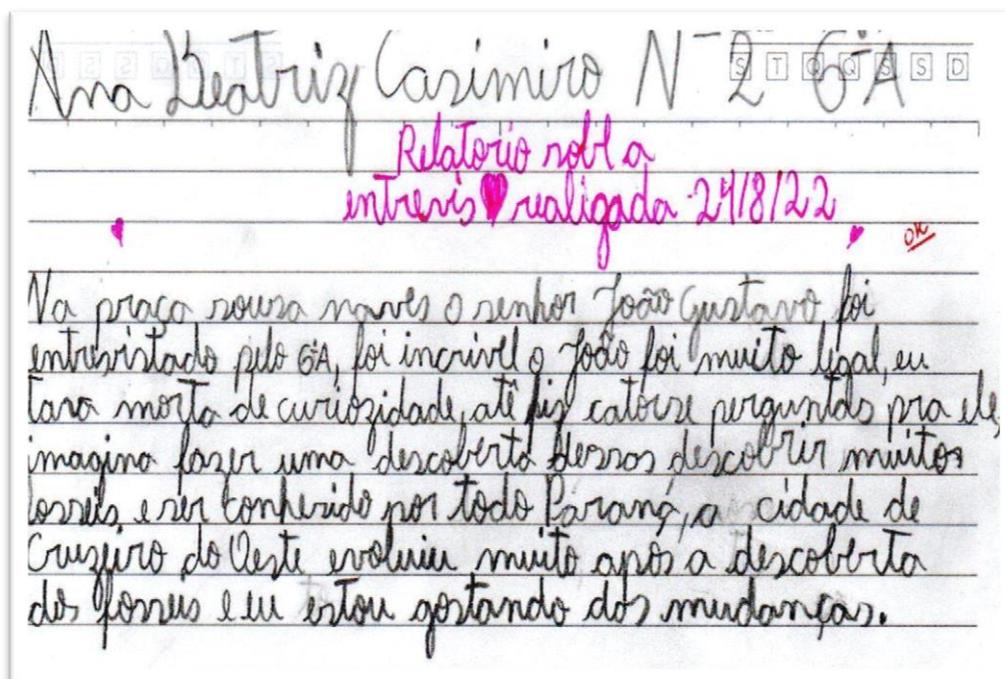
³⁵A escola definida do grego *scholé* literalmente era identificada como tempo livre. Numa época em que homens abastados (os cidadãos gregos) se encontravam para desligar-se dos problemas cotidianos, a escola era um espaço onde podiam desfrutar do tempo livre do trabalho, da família e das preocupações, ou seja, era um refúgio e também um privilégio para poucos (Larrosa, 2018).

Esta dissertação, que, a princípio, seria apenas para dar suporte a professores e estudantes que se angustiavam perante a curiosa temática, superou-se, pois, por meio dela, os estudantes desenvolveram uma mentalidade que valorizou o exercício da cidadania, levaram a pesquisa para fora do universo escolar e alcançaram pessoas da sociedade local. Dessa forma, este trabalho assegurou momentos de formação tanto para a pesquisadora como para seus alunos, que puderam refletir sobre o cotidiano, interferir positivamente no seu meio e influenciar a socialização de seus membros. Isso se coaduna à visão de Fonseca (2003), cuja proposta do ensino de História valoriza a problematização, a análise e a crítica da realidade para transformar professores e alunos em produtores de história e sujeitos do cotidiano.

Pude notar, nas palavras da estudante Ana Casimiro (Figura 41), motivação, curiosidade e interesse ao participar da realização da entrevista com o senhor Dobruski, pois ela se percebeu ali como uma agente importante para a efetivação da história da sua comunidade, que faz parte da sua vivência também:

Na Praça Souza Naves, o senhor João Augusto foi entrevistado pelo 6º A, foi incrível [...] eu estava morta de curiosidade até fiz quatorze perguntas pra ele! Imagina fazer uma descoberta dessa e ser conhecido em todo o Paraná, a cidade de Cruzeiro do Oeste evoluiu muito após as descobertas e eu estou gostando das mudanças (Ana Casimiro, aluna do 6º A).

Figura 41 – Relato da estudante Ana Casimiro



Fonte: Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

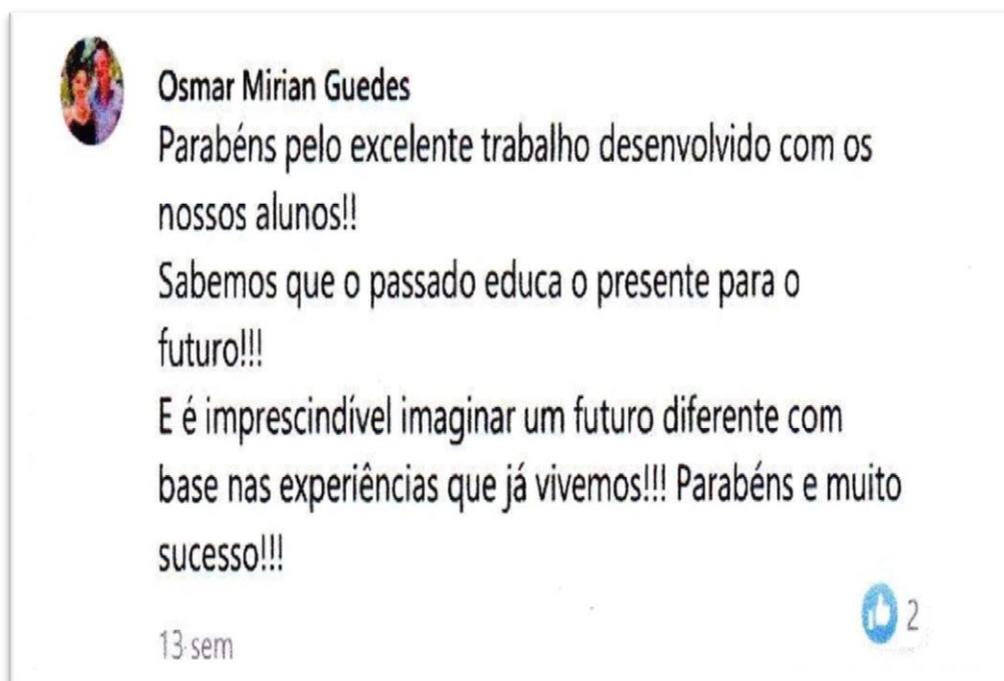
Não podemos negar a importância da escola para a vida humana, seja ela como local de experiências, como troca de saberes ou mesmo como mecanismo de relações interpessoais. Sabemos que o ambiente escolar é o espaço formal de educação, onde crianças e jovens tem o direito de frequentar e o Estado tem o dever de prover isso a eles. Porém, a escola não é a única detentora do ensino e da aprendizagem, esse processo pode acontecer em outros contextos além desse espaço físico.

A pesquisa realizada com os estudantes das turmas de sexto ano do Colégio Cívico Militar de Cruzeiro do Oeste possibilitou vários cenários para que a aprendizagem ocorresse, mostrando que a educação pode ser flexível e permitindo um movimento com novas conexões de ambientes e de pessoas. As trocas e as experiências entre os estudantes (menores de idade), a professora, idosos, mulheres, autoridades e comunidade contribuíram para a formação de cidadãos mais conscientes de seus papéis na sociedade e para conexões que serão levadas para a vida, reafirmando aqui o papel de todos que ocupam a educação, que é fazer escola dentro e fora das escolas.

A seguir, podemos observar considerações feitas por pessoas da própria comunidade em relação ao trabalho desenvolvido juntos aos estudantes do Colégio Cívico Militar de Cruzeiro do Oeste, e também como essas trocas de experiências servem para a construção de seres humanos conscientes de seu papel dentro da sociedade. (Figura 42):

Parabéns pelo excelente trabalho desenvolvido com os nossos alunos! Sabemos que o passado educa o presente para o futuro! E é imprescindível imaginar um futuro diferente com base nas experiências que já vivemos! (Osmar e Mirian Guedes, bancário aposentado e professora de Língua Portuguesa, moradores de Cruzeiro do Oeste).

Figura 42 – Opinião pública sobre a importância da pesquisa



Fonte: Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora, obtida do Facebook da Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste (2023).

Paulo Freire (1993) enfatiza que a educação deve ser problematizadora e libertadora de modo a romper com as amarras do passado, que proibia o povo brasileiro de falar e de argumentar, formando uma população acomodada, submissa e, na maioria das vezes, excluída das decisões da comunidade. Diante disso, a *Pedagogia Histórica Contextualizada* propõe uma nova concepção de educação, incentivando e promovendo ações de escuta e de fala dentro e fora da sala de aula, favorecendo a formação de sujeitos que assumam o papel de partícipes do processo e promovendo interações sociais.

Dessa maneira, os objetivos deste trabalho em promover o protagonismo dos estudantes pela via da interdisciplinaridade ultrapassou os muros da escola, levando os alunos ao encontro de diferentes vivências e experiências e favorecendo o laço de pertencimento, proteção e cuidado de uma comunidade.

Nas palavras do senhor João Augusto Dobruski, em um depoimento cheio de emoção, pude ter a certeza de que o trabalho docente não é constituído apenas pela estrutura física da escola, mas também pela humanização e aproximação, o que implica reinventar a escola, driblando os inúmeros obstáculos que nos é colocado:

Nossa professora, boa tarde, eu cheguei a ficar arrepiado de tanta emoção! Meu Deus! É muito gratificante saber que alguém, agora, dá tanto valor a essa história que ficou dormindo por tanto tempo. Como é importante, como

é gratificante poder saber disso, a gente que já está no fim da linha, eu tinha muito medo que acontecesse o meu fim sem que isso, que se passou e está se passando, acontecesse. Porque eu sou um dos únicos herdeiros desta história, que sabe contar ela, como se diz de “cabo a rabo”. Acompanhei de corpo presente essa história, se isso não teria acontecido como aconteceu, essa história morria! Porque eu vi toda essa história, eu vi, eu acompanhei tudo, mas eu sou o único, ainda, que está sobrando para contar essa história. Por isso, fico muito agradecido, quando me valorizam tanto assim, eu acho que nem mereço tanto, mas, fico muito feliz. Deus ajude a senhora sempre, para que cada vez mais, fazer mais pessoas conhecerem essa história, o que precisar de mim, dentro do meu conhecimento e da minha capacidade, eu estarei sempre pronto para ajudar! (Dobruski, 2023, informação verbal).

Ao refletir sobre esse depoimento, posso concluir que o presente trabalho também exerceu uma relevante função para a construção da consciência histórica, que, segundo Rüsen (2011), é o modo como elaboramos as interpretações do passado, a saber: damos sentido a elas por meio de narrativas e as utilizamos na vida prática.

A narrativa descreve os eventos ao longo do tempo, destacando as mudanças ocorridas e desempenhando o papel de preencher lacunas de orientação sobre determinados tópicos. Dessa forma, ela pode ser empregada em sala de aula para auxiliar professores e estudantes na construção do conhecimento, pois, ao narrar, o indivíduo confere um significado histórico à sua trajetória, estabelecendo sua identidade. Portanto, a consciência histórica não deve ser vista apenas como um conhecimento básico do passado, mas sim como uma ferramenta para compreender e guiar o presente.

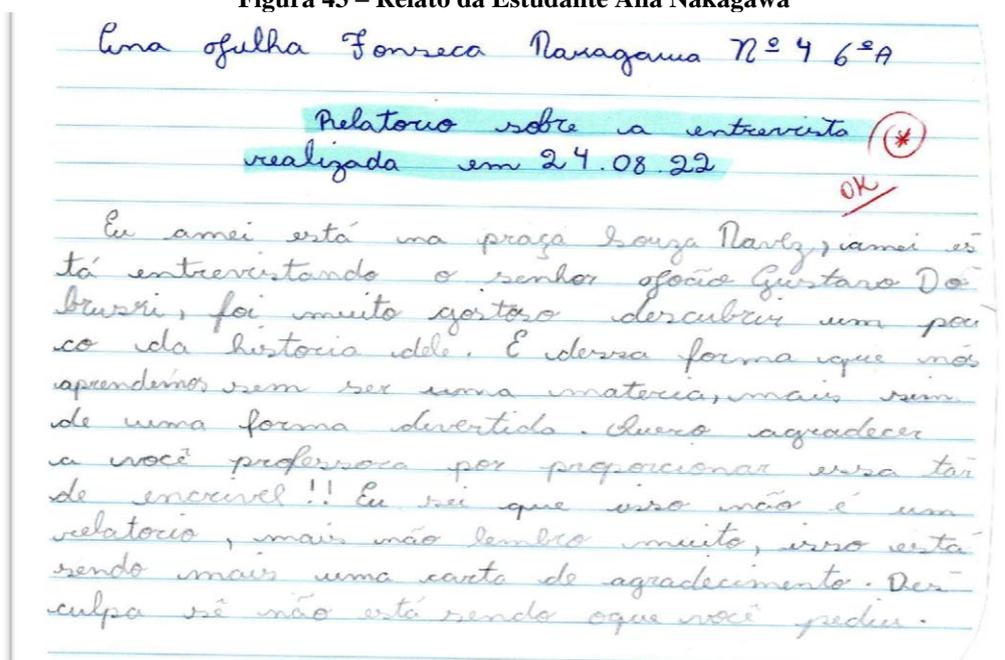
A realização das várias atividades deste trabalho proporcionaram momentos em que foi possível parar, analisar, pensar, questionar, repensar, tocar, sentir e emocionar-se com a educação para além da escola. Testemunhar a ciência aberta, que coletivamente produz frutos por meio de um trabalho interdisciplinar envolvendo escola, universidade e comunidade, só confirma o objetivo da linha de pesquisa deste trabalho, “Saberes Históricos nos Espaços Escolares”, que visa reforçar o exercício do ensino de História nas escolas como fonte de produção de conhecimento historicamente constituído.

É fundamental ressaltar aqui a relevância da relação entre ensino, pesquisa e extensão, princípios imprescindíveis para a formação de estudantes críticos e conscientes de seus papéis. Trata-se de uma relação que procura criar uma simbiose, isto é, um benefício mútuo entre a comunidade e as instituições de educação: enquanto elas levam os saberes desenvolvidos dentro de seus espaços à comunidade, esta retribui-lhes compartilhando os conhecimentos dos quais são detentoras, atuando, assim, em prol da educação.

Podemos perceber essa vantajosa relação nas palavras da estudante Ana Nakagawa (Figura 43), que deixa claro a sua satisfação em estar em um ambiente público (praça) e aprender com as experiências passadas por meio da conversa com o senhor Dobruski:

Eu amei estar na Praça Souza Naves, amei entrevistar o senhor João Augusto Dobruski, foi muito gostoso descobrir um pouco da história dele. É dessa forma que nós aprendemos, sem ser matéria, mas sim de uma forma divertida. Quero agradecer a você, professora, por proporcionar essa tarde incrível! [...] (Ana Nakagawa, aluna do 6º A).

Figura 43 – Relato da Estudante Ana Nakagawa



Fonte: Imagem do arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

De acordo com Masschelein e Simons (2013), aprender é diferente de estudar, pois aprender está relacionado a competir e estudar a descobrir e entender algo sobre determinado assunto. Durante o desenvolvimento desta pesquisa, a *Pedagogia Histórica Contextualizada* foi eficaz no sentido de tornar a escola um espaço de estudo, de trocas, de descobertas, onde todos puderam contribuir para o saber do outro e, com o subsídio da própria sociedade, formar uma ideia mais consistente sobre a temática.

Em Svensson (2012), as ambiguidades da obra de Paulo Freire em *Pedagogia do oprimido* (2002) são criticadas. E essas ambiguidades também aparecem em meu trabalho, pois, quando falo em protagonismo, também consigo perceber antagonismos. Por exemplo, o desejo de desenvolver o protagonismo entre os estudantes, com certeza, é a máxima entre nós professores, que lutamos por uma sociedade mais igualitária e democrática, porém, sabemos que, apesar de nossos esforços, é ilusão acreditar que esse protagonismo alcançará a todos.

Infelizmente, nem todos os estudantes irão se sentir parte integradora do processo de ensino-aprendizagem, por vários motivos sociais, econômicos e até mesmo culturais.

É necessário pensarmos nossas práticas, nossas condutas e mesmo nossos discursos, para que eles não reforcem alguns erros que acontecem em nossa sociedade, ou seja, para não “reencarnarmos mecanismos sociais que promovam certos grupos e marginalizam outros” (Svensson, 2012, p. 31). Ao escolhermos quais vozes devem ser ouvidas em sala de aula, automaticamente excluímos outras, reproduzindo o que acontece em nossa sociedade. Por isso que trabalhar em prol de uma educação que promova a liberdade e o protagonismo perante os desafios de uma sociedade que nos impõe padrões e ideologias o tempo todo, não é fácil. Romper com esse ciclo é uma tarefa árdua, pois a maioria de nós educadores nos formamos dentro de um sistema social e educacional que selecionava quais vozes seriam escutadas e quais deveriam ser silenciadas, ou seja, fomos criados e formados mais para ouvir e reproduzir, em vez de falar e discutir.

Portanto, é de suma importância, antes da aplicação de um projeto de pesquisa em sala de aula, pesquisarmos a realidade dos estudantes por meio de uma equipe multidisciplinar, para descobrirmos as temáticas que podem realmente ser “codificadas” e assegurarmos a participação de todos. Bender (2014) nos encoraja a identificarmos situações que possam ajudar na vivência dos estudantes, isto é, mesmo que elas não contemplem os currículos formais, precisamos ouvir nossos estudantes e acreditar no seu potencial.

Diante disso, questiono-me: será que, ao longo dessa pesquisa, foram proporcionados momentos verdadeiramente possíveis para que a voz de meus estudantes ecoasse? Será que os métodos utilizados foram adequados? Será que eles sofreram interferências ideológicas? De fato, o desenvolvimento deste trabalho foi um grande desafio para essa pesquisadora e educadora. Isso porque reconhecer agentes problematizadores fora da academia e do cenário político-ideológico e propor uma história que não mais atende a um público passivo, mas sim a um público politizado, exigiu um grande movimento de valorização.

Rovai (2020) aponta para a importância do uso do passado e do presente em espaços públicos, mas que estes não devem ser usados para o convencimento sobre verdades, isto é, para a valorização de histórias e nomes como forma de manipulação ideológica e política. A produção de conhecimento histórico não pode ser vista como espaço de disputas para legitimar posições políticas e sociais ou mesmo para construir representações sobre grupos; mas como um espaço de questionamentos, visando à participação coletiva e democrática. É assim que o ensino de História para fora da sala de aula promove reflexão da sociedade,

quando há diálogo com diversos sujeitos para mostrar como outras histórias são produzidas e como elas contribuem para a articulação de uma ciência mais plural.

O impacto da *Pedagogia Histórica Contextualizada* não se limitou apenas à atuação da autora e à transformação de seus alunos, mas também às reações que geraram em terceiros. Por exemplo, o Sr. Cláudio Gomes, policial aposentado (já mencionado na introdução desta dissertação), ao perceber o efeito das atividades realizadas com os alunos, reconheceu a necessidade de corrigir seu posicionamento e se retratar em relação à história dos achados paleontológicos da região. Anos atrás, ele havia criado uma música que contestava a autenticidade dessas descobertas científicas; agora, por meio de uma nova composição, ele as reconheceu publicamente:

Este fato aconteceu, aqui em nossa cidade
 Alguns achavam que é mentira, outros acham ser verdade
 Eu mesmo não acredito, falo com sinceridade
 E tem gente que conteste
 Aqui em Cruzeiro do Oeste, os comentários invadem

No sítio de um senhor, rotina do dia a dia
 Encontraram algo estranho, muitas dúvidas ali surgia
 Ossos de animais diferentes, que por ali não existia
 Levaram para o restauro, supostamente de dinossauros
 A notícia se expandia

Diante da sociedade, surgiram várias ideias
 Era um zum zum pelas ruas, igual abelhas na colmeia
 Muitos falavam de mais, igual discurso em plateia
 Comentários se espalharam, que os ossos que encontraram
 Seriam de vaca velha

Levando para análise, pra comprovação dos fatos
 Cada dia que passava, surgiam novos boatos
 Em Junho de 2019, o exame foi exato
 Noticiaram aos cruzeirenses, Vespersauro paranaensis
 Viveram, neste lugar pacato

No sítio Paleontológico, aqui da nossa cidade
 Existem outras espécies, que no mundo é raridade
 As dúvidas dos moradores, causavam ansiedade
 Os fósseis destes animais, estão no Museu Municipal
 Pra comprovar a verdade.
 (Gomes, 2023, informação verbal)

Assim, vejo que a *Pedagogia Histórica Contextualizada* não se limita ao ambiente da sala de aula, ela reverbera para além dos muros da escola. Dessa forma, tal como reafirma a Pedagogia Comunitária, abordagem que valoriza a identidade dos alunos e promove relações dialógicas, tanto alunos quanto a comunidade têm a liberdade de colaborar e, juntos, edificar uma sociedade mais democrática.

Ao longo dessa pesquisa, evidenciou-se que a escola é um espaço que transforma o conhecimento em saber e que essa transformação pode acontecer de forma ainda mais significativa para além de suas estruturas físicas. De acordo com Thompson (1981), a produção de conhecimento e saber se faz no caminho, por isso é importante ir onde a vida acontece. E é exatamente isso que a *Pedagogia Histórica Contextualizada* propõe, ela nos estimula a pensar esses espaços de interação, levando os alunos até os espaços públicos e a pensar sobre eles, como foi visto aqui por meio das escritas, exposições, confecções de materiais, conversas e entrevistas.

Caminhar pela cidade, ouvindo suas vozes, sentindo seus cheiros, contemplando seus espaços, suas histórias e experiências é uma boa maneira de conectar os estudantes a outros saberes, os quais, somados aos saberes escolares, contribuem para o seu protagonismo no processo de ensino-aprendizagem e na construção de uma história que terá continuidade com eles próprios. A cidade é um espaço educativo e amplo que nos permite diferentes experiências, tal como afirma Certeau (2009): ela nos faz pensar sobre os saberes provenientes das práticas cotidianas, que têm no sujeito o produtor de histórias.

3.2 Lançando as sementes da *Pedagogia Histórica Contextualizada*

Outro projeto que vem mexendo com o entusiasmo da administração municipal de Cruzeiro do Oeste, assim como de toda a população e de municípios da região – Alto Piquiri, Formosa do Oeste, Mariluz e Tuneiras do Oeste – é a criação do primeiro geoparque do estado do Paraná. Em agosto de 2023, o município apresentou, ao Serviço Geológico do Brasil, a seguinte proposta: a criação do Geoparque Caiuá³⁶ (Figura 44) e sua inserção futura na Rede Global de Geoparques, sob a chancela da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) (Anexo B).

³⁶O Lançamento do Projeto Aspirante do Geoparque Caiuá aconteceu em 25 de agosto de 2023, durante os festejos do 71º aniversário do município de Cruzeiro do Oeste.

Figura 44 - Lançamento do Projeto Geoparque Caiuá em agosto de 2023³⁷



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste (2023).

Segundo a definição da própria Unesco, criadora do conceito, geoparque é um território com limites bem definidos e com área suficientemente grande para servir de apoio ao desenvolvimento socioeconômico local. Além de sua significância geológica, o geoparque deve também apresentar valores ecológicos, arqueológicos, históricos ou culturais inseridos em um processo de desenvolvimento sustentável que fomente projetos de educação e de valorização do patrimônio cultural que considerem a população local (Brilha, 2005).

Esse projeto está alicerçado na geoconservação, na geodiversidade e no geoturismo. A geoconservação está atrelada a projetos de educação, os quais visam à sensibilização, à tomada de consciência e ao desenvolvimento do pertencimento dos cidadãos, principalmente dos estudantes do município, perante os patrimônios (sítio e museu paleontológicos). Essa é a mesma linha de pesquisa do presente trabalho, que desenvolveu ações voltadas à conscientização de preservação e valorização dos espaços museais, colaborando para a geoconservação de nossos espaços, para que eles não sejam apenas um ponto de passagem de turistas, mas também uma forma de transformação social.

A partir do desenvolvimento desses tipos de valores, a população passará a enxergar a importância de preservar o patrimônio e o valor dele para a história dos cidadãos e do município. Assim, reforço as palavras do pesquisador Paulo Manzig:

³⁷Na foto, vemos a prefeita de Cruzeiro do Oeste, Helena Rodrigues Bertoco, e o representante do município de Mariluz, Fernando Xavier, ambos representando os municípios que fazem parte do projeto Geoparque Caiuá.

É preciso assegurar que este patrimônio permaneça na região e que a descoberta desse sítio paleontológico reflita em contribuições efetivas para Cruzeiro do Oeste, sobretudo nas áreas de educação e geoconservação, e que proporcione a médio prazo capacitação de pessoal novo na paleontologia e áreas afins (Manzig, 2012, p. 231).

Diante do exposto, finalizo esta dissertação acreditando que o protagonismo dos estudantes também acontece além das paredes da sala de aula e que os espaços públicos são lugares de experiência social onde a cultura se manifesta. E que a busca por uma aprendizagem significativa não pode ser baseada apenas em discursos ou em “fantásticas” iniciativas tecnológicas propostas pelos governos. Sendo assim, é preciso aproximar o ensino de História do público, pois este traz consigo vivências cujo compartilhamento é um componente importante para a apropriação do conhecimento e do saber histórico vivo.

E um modo de fazer isso é por meio da relação entre História Pública, História Oral e Arqueologia Pública, que é algo que os historiadores vêm desenvolvendo. Os espaços históricos (museu histórico), arqueológicos e paleontológicos também são oportunidades de trocas importantes com a comunidade, mas é preciso desenvolver um trabalho de valorização e preservação desse conjunto de recursos naturais, culturais e históricos que formam o patrimônio do município.

Essa ideia vai justamente ao encontro das intenções da Unesco no que diz respeito à aprovação e ao reconhecimento dos Geoparques, pois elas objetivam unir o patrimônio geológico com as características históricas, culturais e locais da região. Assim, é fundamental que o município de Cruzeiro do Oeste promova ações e projetos que viabilizem a geoconservação junto à sua comunidade, como a valorização de um ensino democrático, inclusivo e multidisciplinar, e também de seus produtos finais.

Por exemplo, a presente pesquisa tem como produto final a *Pedagogia Histórica Contextualizada*, e desse produto ainda surgiu mais um projeto vinculante com a cidade: um museu itinerante estruturado sobre um ônibus devidamente equipado, para atuar com estudantes de escolas públicas e particulares das cidades que farão parte do circuito turístico do Geoparque Caiuá. Nesse projeto, poderão ser incluídos ainda eventos culturais, exposições e feiras, isto é, ações extramuros que levam a ciência e a cultura a diversos públicos e lugares, divulgando o trabalho pedagógico do ensino de História a partir da *Pedagogia Histórica Contextualizada*, da pedagogia comunitária e da preservação patrimonial.

Por meio de um projeto comunitário de educação patrimonial com ênfase na *Pedagogia Histórica Contextualizada*, será possível desenvolver uma integração maior com as perspectivas da cidade, da história e do patrimônio cultural, histórico, arqueológico e

natural. Isso significa colocar uma pedagogia pública a serviço da sociedade e da preservação e conservação do patrimônio do município de Cruzeiro do Oeste, incluindo seu patrimônio histórico que ainda precisa ser desenvolvido e incorporado à presente proposta. Assim, o produto não se limita apenas à pesquisa como uma mera exigência formal, ele transcende isso ao plantar novas sementes com potencial de germinar e beneficiar toda a comunidade.

É importante frisar que um projeto comunitário para a cidade deve ser interdisciplinar, abrangente e contar com a contribuição de várias áreas do conhecimento e de diferentes atores. Ele precisa ser construído coletivamente, de forma voluntária e centrado em relações dialógicas, necessitando, portanto, de auxílio de professores, estudantes, administração municipal, equipe do Museu Paleontológico e comunidade em geral.

Trata-se de um programa dedicado a todas as idades, no qual o público poderá apropriar-se do conhecimento interagindo com acervos, atividades, oficinas, vídeos, depoimentos, obras de artes, livros, sites e tecnologia. E tal como ocorreu com esta pesquisa, a proposta é que se estenda da sala de aula à comunidade, da universidade ao público, contando com o suporte da administração pública.

Por isso, não é a intenção desta pesquisadora desenvolvê-lo neste momento, mas ele terá continuidade a posteriori. A ideia aqui é despertar a curiosidade, o sentimento de pertencimento, o gosto pela pesquisa e a conscientização em relação ao patrimônio e ao meio ambiente, enfocando o protagonismo dos estudantes, dos professores e da comunidade.

Essa abordagem representa uma contribuição crítica significativa, pois proporciona um caminho para aprofundar e expandir temas de interesse público. Instigar a comunidade na busca por conhecimento e compreensão de uma história que faz parte do patrimônio da cultura local, ampliando a visão que se tem em relação à valorização e à preservação dos aspectos culturais de nossa comunidade, mostra que a história realmente é feita em nosso dia a dia e que precisamos olhá-la com criticidade e respeito, para que outras gerações possam conhecê-la e fazer parte dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao dar início a esta pesquisa, enfrentei diversos desafios. Alguns professores chegaram a me desencorajar, incluindo a banca examinadora do ProfHistória. Durante a entrevista de seleção, eles sugeriram que eu reconsiderasse meu objeto de pesquisa e focasse em temas mais contemporâneos, em vez de abordar um assunto que, segundo eles, estava distante do ensino de História. Contudo, com o suporte atencioso e perspicaz do meu orientador, Michel Kobelinski, que aceitou o desafio e reconheceu a curiosidade e a necessidade dos estudantes do sexto ano, conseguimos abordar o tema de forma colaborativa. Essa abordagem envolveu a comunidade escolar, o Museu de Paleontologia de Cruzeiro do Oeste, o governo municipal e a comunidade em geral.

Apresentar uma temática interdisciplinar para trabalhar na escola com crianças entre dez e onze anos também não foi fácil. A própria escola achou complicado envolver outras disciplinas para compreensão dos estudantes. E, ainda, o trabalho envolveu uma logística complexa, pois, para implementar a *Pedagogia Histórica Contextualizada* aqui apresentada, foi preciso lidar com saídas a espaços públicos, uso de ônibus, deslocamento dos estudantes, confecção e distribuição de convites aos convidados, manejo de aparelhos de som (como caixas de som, microfones, gravadores), montagem das exposições no domingo e até lidar com as intempéries, como chuvas, que geravam cancelamentos de datas dos eventos. Além disso, o próprio currículo escolar e o sistema de educação estadual, em alguns momentos, dificultaram a abordagem dessa pedagogia, sendo necessário encontrar “brechas” para tornar a pesquisa possível.

Mas, apesar de todos os percalços, hoje percebo que a temática proposta para essa pesquisa foi, sem dúvida, assertiva e muito significativa para minha formação enquanto professora e pesquisadora, assim como para os estudantes e para a sociedade da qual fazemos parte. Sair da zona de conforto e propor estímulos para promover o protagonismo dos estudantes em seu processo de aprendizagem foi uma grande realização profissional. E ver os sorrisos, as descobertas, as indagações e as conclusões dos alunos diante de tudo que foi apresentado, sentido e vivido por eles a cada etapa da pesquisa foi muito satisfatório!

Numa época em que nossos estudantes estão imersos em um universo repleto de facilidades tecnológicas, com acesso rápido às informações, muitas vezes superficiais ou mesmo duvidosas, muitos consideram a escola desconectada de seu mundo e da sua vida cotidiana. Logo, trazer para a sala de aula assuntos que estão presentes no dia a dia desses

alunos pode ser uma maneira de promover a construção do conhecimento histórico, além de eles se enxergarem como cidadãos fundamentais à construção da sociedade.

A *Pedagogia Contextualizada Histórica*, por meio da abordagem de uma História Local em nossa prática escolar, abre caminhos para isso, visto que questões além do currículo formal se tornam objetos de uma aprendizagem significativa. Em consonância com os ideais defendidos por Paulo Freire, essa pedagogia busca, na realidade dos estudantes, elementos e incentivo para que a educação aconteça, pautando-se no diálogo e na prática acima da teoria. Ou seja, ela incentiva buscar situações e vivências no dia a dia dos educandos que promovam uma educação emancipatória, interdisciplinar e democrática, levando em consideração a cultura, as experiências, as necessidades e a voz dos estudantes, que costumam ser silenciados por um modelo de educação opressor.

Essa pedagogia também abre caminhos para uma nova relação entre a educação, a comunidade e a preservação do patrimônio paleontológico, histórico e cultural. Ela contribui tanto para a sensibilização e o fortalecimento da identidade cultural, ao aproximar o saber histórico do cotidiano; quanto para a transformação da realidade local, ao estimular o turismo, o comércio local, a geração de emprego e os investimentos em infraestrutura.

Isso inclusive pode ser observado dentro da administração municipal de Cruzeiro do Oeste. Tanto os órgãos públicos municipais como estaduais promoveram inúmeros eventos com o objetivo de colocar o município na rota dos destinos turísticos do estado do Paraná. E a *Pedagogia Histórica Contextualizada* teve influência sobre isso ao contribuir para a divulgação da rica cultura do município, que, por meio de suas exposições e curadorias públicas, estimulou a participação dos estudantes e da comunidade e promoveu o desenvolvimento do pensamento reflexivo e do sentimento de pertencimento dessa população.

Por fim, sei que a *Pedagogia Histórica Contextualizada* está longe de ser perfeita e, com toda certeza, ao longo dos tempos e das necessidades, ela precisa ser aperfeiçoada. Mas nitidamente, pela experiência obtida, posso concluir também que ela é um ponto de partida em direção à maneira de educar que respeita, que ouve, que acolhe e leva em consideração as necessidades dos estudantes, reconhecendo-os como produtores de conhecimento e valorizando suas experiências como importantes componentes para a cidadania.

Tendo em vista isso tudo, encorajo os demais professores de história da minha cidade e de outras também a enfrentarem os desafios impostos pelo sistema de ensino, pelos nossos estudantes e até pela própria comunidade. Convido-os a fazer diferente, a experienciar, e a não se omitir por pensar que “isso não faz parte da minha matéria” ou porque “não tenho formação para isso”. Cabe a nós, professores, viabilizarmos essas mudanças diante das novas

demandas sociais. Por isso, também acredito que a História Local é primordial para a formação de sujeitos conscientes e democráticos, que se posicionam diante de questões sociais, ressignificando o olhar de nossos estudantes.

Somos professores e o nosso papel é mediar e instigar os estudantes a buscar o conhecimento, não só por meio da pesquisa científica, das fontes históricas, da interdisciplinaridade, mas também pelo diálogo e pela troca de experiências entre estudantes e a comunidade. Precisamos trabalhar para que o ensino de História se aproxime do grande público e, assim, torne possível um aprendizado histórico que realmente faça sentido para a vida dos estudantes e reverbere na sociedade. Assim a educação acontecerá!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Por que visitar museus? *In*: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 128-142.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ALVES, Luís *et al.* A República e a Educação – princípios e realidades. **[Re]Encontros com a República**. 2010. Disponível em: <https://www.slideshare.net/armi2006/a-repblica-e-a-educacao-principios-e-realidades>. Acesso em: 21 dez. 2023.

ANELLI, L. E. *et al.* **Paleontologia**: guia de aulas práticas, uma introdução ao estudo dos fósseis. 8. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Geociências, 2020. Disponível em: <https://didatico.igc.usp.br/fosseis/processos-de-fossilizacao/>. Acesso em: 28 maio 2023.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

BENDER, Willian. **Aprendizagem baseada em projetos**: educação diferenciada para o século XXI. Porto Alegre: Penso, 2014.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Sobre o conceito de História. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 48-61.

BIESTA, Gert. Tornar a pedagogia pública. Para o público, ou para o interesse ou no interesse da publicidade? *In*: BURDIK, Jake; SANDLIN, Jennifer; O'MALLEY, Michael. **Problematizing public pedagogy**. New York: Routledge, 2014. p. 42-63.

BITTENCOURT, Circe Maria. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2023.

BOULOS, Alfredo Júnior. **História Sociedade & Cidadania**: 6º ano: Ensino Fundamental – anos finais. 4. ed. São Paulo: FTD, 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDB nº. 9394/96. Brasília: MEC/SEF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História, Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRILHA, José. **Patrimônio geológico e geoconservação: a conservação da natureza na sua vertente geológica**. Braga: Palimage, 2005.

CAETANO, José Carlos Gonçalves. O museu histórico como um espaço de ensino e aprendizagem para a história: o museu Ernesto Bertoldi como proposta. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE MUSEOLOGIA*, 2012, Maringá. **Anais [...]**. Maringá: Eduem, 2012. p. 1-102.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. v. 1. Petrópolis: Vozes, 2009.

COLA, César Pereira. **Ensaio sobre o desenho infantil**. 3. ed. Vitória: EDUFES, 2014.

COSTA, Antônio Carlos Gomes; VIEIRA, Maria Adenil. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

CRUZEIRO DO OESTE. **Projeto de Lei Municipal de 20 de fevereiro de 2019**. Dispõe sobre a criação do Museu de Paleontologia de Cruzeiro do Oeste e dá outras providências. Cruzeiro do Oeste: Câmara Municipal, 2019. Disponível em: <https://www.cmcruzeirodoeste.pr.gov.br/documento/lei-ordinaria-7-2019-2019>. Acesso em: 21 dez. 2023.

DALÍ, Salvador. **Burning Giraffe**. Fundació Gala-Salvador Dalí, Figueres, 2007. Disponível em: <https://www.salvador-dali.org/en/artwork/catalogue-raisonne-paintings/1937/412/burning-giraffe>. Acesso em: 10 jan. 2023.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 1998.

FARIA, Felipe. O despontar de um paradigma na Paleontologia: filosofia e história da biologia. **Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia**, São Paulo, v. 1, p. 125-136, 2006. Disponível em: <https://www.abfhib.org/FHB/FHB-01/FHB-v01-07-Frederico-Felipe-Faria.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2023.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 18. ed. Campinas: Papirus, 2012.

FEBVRE, Lucien. Profissões de fé à partida. *In: FEBVRE, Lucien. Combates pela história*. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 89-96.

FERREIRA, Mayara de Farias; SONAGLIO, Kerlei Eniele. Perspectivas multi, pluri, inter e transdisciplinares no turismo. **Revista Iberoamericana de Turismo - RITUR**, Penedo, v. 3, n. 1, p. 71-85, 2013. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/806>. Acesso em: 22 jan. 2023.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 59-79.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. São Paulo. Contexto, 2010.

_____; OLIVEIRA, Nanci Vieira; TAMANINI, Elizabete. Arqueologia Pública no Brasil e as novas fronteiras. **Práxis Archaeologica**, v. 3, p. 131-138, 2008.

_____; ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika Marion. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 3-3, 2015. DOI: 10.20396/rap.v1i1.8635816. Acesso em: 26 maio 2023.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FRISCH, Michael. A História Pública não é uma via de mão única. *In*: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (org.). **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 57-69.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal: direitos e aprendizagens dos cidadãos(ãs) em tempos do coronavírus. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 7, n. 7, p. 9-20, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3259>. Acesso em: 20 mar. 2023

GOMES, Júlia Araújo; AGUIAR, Regina Coeli Castelo Branco. Psicanálise e surrealismo: uma leitura nas obras de Salvador Dalí como triunfo do real. **Cadernos de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 2, n. 3, p. 231-256, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/2632/1734>. Acesso em: 30 mar. 2023.

GRUPO com professores da UEPG descobre registro rupestre inédito de araucárias. **UEPG**. 7 fev. 2023. Disponível em: <https://www.uepg.br/gupe-araucarias/>. Acesso em: 21 dez. 2023.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cruzeiro do Oeste: população**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/cruzeiro-do-oeste/panorama>. Acesso em: 7 ago. 2023.

ICOM aprova nova definição de museu. **ICOM**. 25 ago. 2022. Disponível em: <https://www.icom.org.br/?p=2756#:~:text=%E2%80%9CUm%20museu%20%C3%A9%20uma%20institui%C3%A7%C3%A3o,a%20diversidade%20e%20a%20sustentabilidade>. Acesso em: 2 jun. 2023.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 2 jun. 2023.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica. **Revista da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Uberlândia**, Uberlândia, v. 7, n. 1, p. 55-56, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20390>. Acesso em: 12 jun. 2023.

KOBELINSNKI, Michel. Conservar y compartir conocimientos y experiencias en los espacios públicos. *In*: HIDALGO, María Elena Bedoya; POSADA, Jimena Perry; FERRO, Manuel Salge. **Comunidades digitais, museos e Historia Pública**: experiencias en torno a América Latina. Quito: USFQ Press; Bogotá: Editorial Universidad Externado de Colombia, 2023. p. 31-46.

_____. **Exposição virtual**: história, público & performances. 16ª Primavera dos Museus – IBRAM. Facebook, 2022c. Disponível em: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid05UsL7cbyGECX6BdPugg6VmSukhgwCWwK93ZjmK2Rg8ad9sZ8LuYGGbQgE2kxM2GVl&id=100041618409699&sfnsn=wiwspwa&mibextid=RUBZ1f. Acesso em: 13 set. 2022.

_____. *et al.* Como fazer História Local se tornar pública, e para quem? *In*: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; RODRIGUES, Rogério Rosa (org.). **História Pública em movimento**. São Paulo: Letra e Voz, 2021. p. 89-102.

_____. *et al.* O Pop Up Museus Brasil e a formação de públicos. *In*: FÖETSCH, Alcimara Aparecida (org.). **Extensão universitária na Unespar de União da Vitória**: ações, registros e perspectivas. 1. ed. Curitiba: CRV, 2022a. p. 153-164. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Michel-Kobelinski/publication/359167726_O_Pop_Up_Museus_Brasil_e_a_formacao_de_publicos/links/622b50e597401151d2106613/O-Pop-Up-Museus-Brasil-e-a-formacao-de-publicos.pdf?origin=publication_detail&_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmXpY2F0aW9uIiwicGFnZSI6InB1YmXpY2F0aW9uRG93bmxvYWQiLCJwcmV2aW91c1BhZ2U0iJfZGlyZWN0In19. Acesso em: 2 abr. 2023.

_____. *et al.* Pop Up Museus Brasil: experiências para e com o público. *In*: FÖETSCH, Alcimara Aparecida (org.). **Extensão universitária na Unespar de União da Vitória**: ações, registros e perspectivas. 1. ed. Curitiba: CRV, 2022b. p. 165-176. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Michel-Kobelinski/publication/359168942_POP_UP_MUSEUS_BRASIL_experiencias_para_e_com_o_publico/links/622b53b797401151d2106ec1/POP-UP-MUSEUS-BRASIL-experiencias-para-e-com-o-publico.pdf?origin=publication_detail&_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmXpY2F0aW9uIiwicGFnZSI6InB1YmXpY2F0aW9uRG93bmxvYWQiLCJwcmV2aW91c1BhZ2U0iJfZGlyZWN0In19. Acesso em: 2 abr. 2023.

LANGER, Johnni. **Arqueologia do irreal**: as cidades imaginárias do Brasil. 2016. 170 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/32816>. Acesso em: 2 jun. 2023.

LANGER, Max Cardoso *et al.* A new desert-dwelling dinosaur (Theropoda, Noosaurinae) from the Cretaceous of south Brazil. **Scientific Reports**, v. 9, 9379, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41598-019-45306-9>. Acesso em: 21 dez. 2023.

LARROSA, Jorge. Da inatualidade de uma arte grega. *In*: LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício do professor. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 261-303.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. *In*: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LEPETIT, Bernard. Por uma nova história urbana. *In*: SALGUEIRO, Heliana Angotti. **Arquitetura, geografia, história**: usos da escala. São Paulo: Edusp, 2011. p. 31-43.

LICCARDO, Antônio. **Geopatrimônio Tibagi Paraná**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2020.

_____; SANTOS, Christopher Vinícius. O Museu de Ciências Naturais da UEPG. *In*: LICCARDO, Antônio. **O museu de ciências naturais**: geodiversidade e biodiversidade. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2022. p. 9-13. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1hSG1WnFPzt7umOJ9oF7RzSsDaodO44SU/view>. Acesso em: 11 nov. 2023.

_____; GUIMARÃES, Gilson Burigo; PIEKARZ, Gil Francisco. **Patrimônio paleontológico e geoconservação no Paraná**. 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/87482077-Patrimonio-paleontologico-e-geoconservacao-no-parana.html>. Acesso em 21 dez. 2023.

LUCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar**: fundamentos teórico-metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2001.

MAGALHÃES, Aloísio. **E triunfo?** A questão dos bens culturais no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Roberto Marinho, 1997.

MANZIG, Paulo César; WEINSCHÜTZ, Luiz Carlos. **Museus & fósseis da região sul do Brasil**. 1. ed. Marechal Cândido Rondon: Germânica, 2012.

MARANDINO, Martha. Interfaces na relação museu-escola. **Cad. Cat. Ens. Fís.**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 85-100, abr. 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/6692/6159>. Acesso em: 3 abr. 2023.

MARCHESOTTI, Ana Paula Almeida. **Peter Wilhelm Lund (1801-1880)**: o naturalista, sua rede de relações e sua obra, no seu tempo. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais. UFMG: Belo Horizonte, 2005.

MARTINS, Neurides de Oliveira; POMARI, Luciana Regina. Historiografia dos fósseis de Pterossauros em Cruzeiro do Oeste. **Revista Pontes**, Paranaíba, v. 4, p. 110-128, abr. 2019. Disponível em: revistapontes.com.br/2019/04/30/historiografia-da-descoberta-dos-fosseis-de-

[pterossauros-em-cruzeiro-do-oeste-pr-fatos-e-relatos-dos-habitantes-da-regiao-e-sua-experiencia-atraves-da-oralidade/](#). Acesso em: 23 mar. 2023.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MATEUS, Gustavo Madeira Simão. **Patrimônio paleontológico: o que é e quais as coleções públicas portuguesas**. 2020. Tese (Doutorado em Estudos do Patrimônio) – Faculdade de Letras do Porto, Porto, 2020. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/127906>. Acesso em: 20 fev. 2023

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **(Re)Introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã/USP, 1996.

MEIRA, Ana Paula Gonçalves de; LICCARDO, Antonio; PIMENTEL, Carla Silvia. O Museu de Ciências Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa e seu potencial educativo para o ensino da Geodiversidade. **Terrae Didática**, Campinas, v. 19, p.1-11, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/td/article/view/8673163>. Acesso em: 11 nov. 2023.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A reinvenção da roda: roda de conversa – um instrumento metodológico possível. **Revista Tema em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 98-106, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338/11399>. Acesso em: 28 jan. 2023.

NASCIMENTO, Silvania Sousa do; TOLENTINO, Átila; CHAGAS, Mário (coord.). **Caderno de Diretrizes Museológicas**. 2. ed. Brasília: Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Departamento de Museus e Centros Culturais, 2006. Disponível em: http://www.sistemademuseus.mg.gov.br/wp-content/uploads/2019/04/Caderno_Diretrizes_I-Completo.pdf. Acesso em: 21 dez. 2023.

OLIVEIRA, Daniel Felipe da Costa. **Valorização e conservação de sítios arqueológicos: Oportunidade de recriação de cenários remotos – “Parc de la Pré-Histoire de Casablanca”**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Paisagismo) – Universidade do Porto, Porto, 2013. Disponível em: <https://goo.gl/GUjaTZ>. Acesso em: 18 jun. 2023.

PEREIRA, Júnia Sales; CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. Sentidos dos tempos na relação museu/escola. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 30, n. 82, p. 383-396, set./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/nbrLPNSNtTz4nq7NrgQ36PM/?format=pdf>. Acesso em: 14 mar. 2023.

PERES, Aline Neves; ARIDE, Paulo Henrique Rocha. Participação social e protagonismo: possibilidades a partir das diretrizes curriculares para a educação profissional e técnica de nível médio. **Revista Sítio Novo**, Palmas, v. 4, n. 4, p. 269-270, out./dez. 2020. Disponível em: <https://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/727>. Acesso em: 10 jan. 2023.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em:

<http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 5 maio 2023.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: O museu no ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004.

REGES, Luciana Meire. Gomes. Por uma História Local: relatos de experiências na formação do docente em História. **Saeculum Revista de História**, João v. 6, n. 45, p. 305-315, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/343>. Acesso em: 17 fev. 2023.

ROCA, Andrea. Os usos do patrimônio e dos museus no ensino de História. **Anais do Museu Histórico Nacional - História, Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 51, p. 79-95, 2019. Disponível em: <https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/article/view/144>. Acesso em: 19 mar. 2023.

RODRIGUES, Rogério Rosa. Quem narra um conto, aumenta um ponto: responsabilidade social e escrita colaborativa a partir de desenhos infanto-juvenis da Guerra do Contestado. **Revista NUPEN**, Campo Mourão, v. 14, n. 33, p. 64-82, set./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/4814>. Acesso em: 13 jan. 2023.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. História Pública: um desafio democrático aos historiadores. In: REIS, Tiago Siqueira *et al.* (orgs.). **Coleção História do Tempo Presente: volume 2**. Boa Vista: Ed. UFRR, 2020.

RÜSEN, Jörn. Aprendizado histórico. In: RÜSEN, J. *et al.* **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011. p. 41-49.

SANTHIAGO, Ricardo. Palavras no tempo e no espaço: a gravação e o texto de História Oral. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 46-61.

SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história. 2000. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Testemuhotrajetoriasdevidaehistoria.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2023.

SANTOS, André Luiz Capelo dos. **Paleomigrações na América: uma abordagem arqueogenética**. 2020. 146 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/38035/1/TESE%20Andr%c3%a9%20Luiz%20Campelo%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2023.

SANTOS, Maíra Wencel Ferreira; FRANÇA, Cyntia Simioni. Conhecimentos histórico-educacionais tecidos por relações dialógicas e colaborativas com as crianças na pandemia. **Revista NUPEN**, Campo Mourão, v. 14, n. 33, p. 83-102, set./dez. 2022.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. *In*: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 113-139.

_____. O ensino de História Local e os desafios da formação de consciência histórica. *In*: MONTEIRO, Ana Maria *et al.* (org.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad: Faperj, 2007. p. 187-198.

_____; GARCIA, Tânia Maria Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de História. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/bnBSVjTpFS7wbs9W659NMGC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 abr. 2023.

METODOLOGIAS ativas. **Escola digital** – Professor. 2022. Disponível em: https://professor.escoladigital.pr.gov.br/metodologias_ativas#:~:text=As%20metodologias%20ativas%20s%C3%A3o%20estrat%C3%A9gias,se%20respons%C3%A1veis%20pela%20constru%C3%A7%C3%A3o%20de. Acesso em: 5 mar. 2022.

SERINTER – SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS. **Agenda 2030: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável**. 2023. Disponível em: <http://internacional.df.gov.br/?p=9238>. Acesso em: 21 dez. 2023.

SILVA, Thais Gama. **Protagonismo na adolescência: a escola como espaço e lugar de desenvolvimento humano**. 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/jpe.v13i0.67496>. Acesso em: 18 jun. 2023.

SIMAN, Lana Mara de Castro. A temporalidade histórica como categoria central do pensamento histórico: desafios para o ensino e a aprendizagem. *In*: DE ROSSI, Vera Lucia Sambogi; ZAMBONI, Ernesta. **Quanto tempo o tempo tem!** Campinas: Alinea, 2003. p. 108-143.

SOCIENTIZE CONSORTIUM. **Green Paper on Citizen Science**. [S.l.]: European Commission, 2013. Disponível em: <http://ec.europa.eu/digital-agenda/en/news/green-paper-citizen-science-europe-towards-society-empowered-citizens-and-enhanced-research-0>. Acesso em: 12 nov. 2023.

STERN, Arno. **Uma nova compreensão da arte infantil**. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

SVENSSON, Fredrik. **Paulo Freire, Gayatri Spivak, and the (im)possibility of education: the methodological leap in pedagogy of the oppressed and “righting wrongs”**. Tradução Michel Kobelinski. Södertörn: Södertörn University, 2012.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

XAVIER, Érica da Silva. **Ensino e história: o uso das fontes como ferramentas na produção de conhecimento histórico**. *Antíteses*, Londrina, v. 3, n. 6, p. 1097-1112, jul./dez. 2007.

Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3632541.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2023.

ZADEH, Samira Rezaei. **Pottery Town: Where Clay And Charm Meet Artisanhip And Old Bangalore | LBB**. Pinterest: @sakinehrz. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/pottery-town-where-clay-and-charm-meet-artisanhip-and-old-bangalore--800514902532987389/>. Acesso em: 21 dez. 2023.

ZUCON, Maria Helena. **Introdução à Paleontologia**. São Cristovão: Universidade Federal de Sergipe, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista. Entrevistado: João Augusto Dobruski



UNESPAR

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP UNESPAR

Credenciada pelo Decreto Estadual nº 9.538, de 05/12/2013

Recredenciamento pelo Decreto nº 2.374, de 14/08/2019

CNPJ: 05012896/0001-42



ROTEIRO DE ENTREVISTA

Projeto: “ENIGMAS E EXPECTATIVAS: Escavando o passado paleontológico em Cruzeiro do Oeste com alunos das turmas de sexto ano do Colégio Cívico Militar”.

Entrevistado: João Augusto Dobruski.

Questões gerais

- Qual o nome completo do senhor? Onde nasceu?
- Qual a sua profissão?
- Como e quando a sua família veio para Cruzeiro do Oeste?
- Como era a relação entre o senhor e o senhor seu pai?
- Quantos anos tinham quando aconteceu as descobertas dos fósseis de nossa cidade?
- Quando e como encontraram os primeiros fósseis?
- A maioria das pessoas, na época em que foram descobertos os fósseis, acreditavam que eles eram apenas ossos de galinha. O que fez vocês pensarem que não?
- O que aconteceu logo após as descobertas?
- Qual o nome da pessoa que levou pela primeira vez os fósseis para estudo na Universidade Estadual de Ponta Grossa?
- Por que demorou tanto tempo para que o material enviado à universidade fosse analisado e identificado como fóssil?
- Qual foi a sensação ao descobrirem, depois de tanto tempo, que seu pai e você estavam certos? E que os fragmentos encontrados, de fato, eram fósseis?
- Qual foi a espécie identificada?

- O senhor percebeu alguma mudança em nossa cidade após a confirmação da presença de fósseis em nossas terras?
- O senhor se sente valorizado pela comunidade de nossa cidade? Por quê?
- Qual a maior alegria que toda essa história trouxe ao senhor?

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista. Entrevistada: Neurides de Oliveira Martins



UNESPAR

Universidade Estadual do Paraná

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP UNESPAR

Credenciada pelo Decreto Estadual nº 9.538, de 05/12/2013

Recredenciamento pelo Decreto nº 2.374, de 14/08/2019

CNPJ: 05012896/0001-42



ROTEIRO DE ENTREVISTA

Projeto: “ENIGMAS E EXPECTATIVAS: Escavando o passado paleontológico em Cruzeiro do Oeste com alunos das turmas de sexto ano do Colégio Cívico Militar”

Entrevistada: Neurides de Oliveira Martins

Questões gerais

- Há quanto tempo você mora em Cruzeiro do Oeste?
- Antes de trabalhar no museu, qual era a sua profissão?
- Qual a sua formação?
- Como começou o seu trabalho?
- Você ficou surpresa com a descoberta do fóssil do *Caiuajara dobruskii*? Por quê?
- Qual a descoberta que mais marcou a sua vida? Por quê?
- Conte-nos um pouquinho da história da fundação do Museu de Paleontologia de nossa cidade?
- Quantas espécies de dinossauro foram encontradas em nossa cidade? Quais os nomes?
- Há possibilidade de encontrar, em nosso sítio, répteis marinhos e ceratopsídeos?
- Você já encontrou espécies em outras localidades?
- Você acha que ainda encontrará outras espécies?
- Uma vez vi no jornal que, na China, foram encontrados ovos de dinossauros. Existe a possibilidade de encontrar ovos em Cruzeiro do Oeste?
- Neurides, conte-nos como a descoberta dos fósseis mudou a sua vida.
- Se você não estivesse envolvida com essas pesquisas, qual a profissão que seguiria?
- Neurides, como foi o início de sua carreira?

- Você tem algum assistente?
- Quais são os materiais fundamentais para o seu trabalho? Eles são muito caros?
- Em média, quantas pessoas são atendidas no museu por mês?
- É verdade que pesquisadores internacionais vêm até Cruzeiro do Oeste para realizar pesquisas? De onde eles vêm?
- Gostaria de saber se há possibilidade de termos um curso de paleontologia em nossa cidade?
- Se eu quiser ser um pesquisador como você, o que devo fazer?

APÊNDICE C – Projeto Ônibus-Museu: História e Paleontologia em movimento

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Em Cruzeiro do Oeste, Paraná, recentes descobertas paleontológicas, aliadas ao renascimento da “dinomania” da cultura pop dos anos 1990, têm capturado a imaginação da comunidade. O Colégio Cívico Militar, ao notar o entusiasmo dos alunos de sexto ano perante isso e perceber uma oportunidade rica e exclusiva para engajar sua comunidade na compreensão e valorização de seu patrimônio, conduziu uma pesquisa dentro do Programa ProfHistória para explorar a integração da Paleontologia ao currículo de História de forma relevante e contextual.

E diante dos resultados da pesquisa, propomos aos gestores o projeto intitulado “Ônibus-Museu: História e Paleontologia em Movimento”³⁸ para o município de Cruzeiro do Oeste, como uma resposta inovadora a essa oportunidade. O objetivo é ser um canal de difusão do conhecimento e despertar nas pessoas a curiosidade e o gosto pela pesquisa por meio do seu envolvimento com atividades lúdicas e inclusivas. Trata-se de um projeto dedicado a todas as idades e que promove a interação dos visitantes com a ciência e a cultura de maneira participativa e proveitosa, valorizando os saberes locais (as experiências) e os saberes científicos (as pesquisas).

A natureza interativa e participativa do Ônibus-Museu é sua força motriz. Ao proporcionar diversas oportunidades de engajamento entre alunos, professores e comunidade, o projeto se torna uma plataforma de aprendizado coletivo, acessível, contextualizado e significativo. Afinal, a proposta não se resume a uma experiência passiva de absorção de conhecimento, mas à interação e à construção de saberes, de modo que todos se tornam produtores ativos de conhecimento e protagonistas do seu próprio aprendizado.

Além disso, essa abordagem participativa serve como um catalisador para a construção de laços comunitários, promovendo um sentido mais profundo de colaboração por meio do conceito de autoridade compartilhada. Assim, o projeto se justifica não só por estabelecer conexões com as raízes culturais, históricas e científicas, mas também por contribuir para a construção da identidade e do sentimento de pertencimento de uma comunidade.

Outro ponto crucial é o reconhecimento e a valorização das memórias individuais e coletivas. A história não é apenas um registro de eventos passados, mas é moldada e

³⁸Como esse é um projeto aberto e provavelmente receberá mais contribuições e ganhará maior amplitude, ele será enviado ao Comitê de Ética para ser executado dentro da chancela da valorização dos participantes.

influenciada pelas narrativas e memórias que as pessoas carregam consigo. Ao coletar essas memórias, de forma responsável e ética, o Ônibus-Museu tem potencial de desempenhar um papel vital na preservação da herança cultural e histórica da região.

É por isso que a *Pedagogia Histórica Contextualizada* fundamenta esse projeto, pois ela reconhece a importância de situar o aprendizado no contexto da vida real dos alunos e da comunidade. E ao relacionar as descobertas paleontológicas à História Local e à cultura contemporânea, o projeto oferece uma maneira holística e integrada de compreender o passado e o presente.

Além dos benefícios educacionais e culturais, o projeto também tem o potencial de impulsionar o turismo local, ao trazer reconhecimento e valorização para o patrimônio de Cruzeiro do Oeste e de municípios vizinhos. Isso pode gerar impactos econômicos positivos nessa região, incentivando a economia local e regional.

2 PROBLEMATIZAÇÃO

O legado histórico e paleontológico de Cruzeiro do Oeste, Paraná, é inegavelmente uma riqueza científica e cultural. No entanto, é preciso garantir que esse legado seja preservado e utilizado como uma ferramenta educacional e cultural. Mas como tornar o patrimônio histórico e paleontológico relevante e envolvente para a comunidade? Como e com que meios valorizar e preservar o patrimônio com e através da comunidade? E, ainda, como levar esse conhecimento à comunidade, especialmente àquelas pessoas que podem ter dificuldade de acesso a museus tradicionais ou a instituições de ensino?

A preservação da memória pública é outro desafio. Como garantir que as narrativas e memórias locais não se percam com o passar do tempo? Como podemos integrar a História Local, as memórias da comunidade e a Paleontologia de uma forma que fortaleça a identidade e o pertencimento da população?

Uma outra problemática reside no equilíbrio entre educação, cultura e turismo. Compreendendo que o Ônibus-Museu tem potencial para impulsionar o turismo local, como garantir que esse turismo seja sustentável e respeitoso, sem que o projeto perca seu foco educacional e cultural? E como pode o projeto adaptar-se às necessidades em constantes mudanças da comunidade e responder aos desafios educacionais emergentes?

Por fim, como o projeto “Ônibus-Museu: História e Paleontologia em Movimento” pode efetivamente conectar a rica herança paleontológica de Cruzeiro do Oeste à sua comunidade, promovendo educação, preservação cultural e engajamento, ao mesmo tempo

em que enfrenta os desafios modernos da era digital, que trouxe novas tecnologias e formas de engajamento e aprendizado?

3 APORTE TEÓRICO

Por muito tempo, o ensino de História em nosso país procurou se valer de grandes nomes e de heróis fabricados por uma elite dominante, preocupando-se em mostrar os grandes feitos sobretudo políticos e militares. De um lado, havia a valorização de uma história vista de cima, do outro, a exclusão das histórias cotidianas, isto é, daquelas vivências diárias da maioria das pessoas.

Hoje sabemos que a história não é apenas encontrada e discutida em livros ou em célebres obras de historiadores renomados, em universidades ou em simpósios. Agora ruas, praças, museus, conversas e até mesmo quintais ganham vozes e se tornam importantes fontes para a compreensão de acontecimentos históricos. Assim, compreendemos que o meio em que vivemos traz marcas de um passado rico de possibilidades educativas para todos.

Segundo Bittencourt (2011), a história ganha sentido quando passa a valorizar o dia a dia das pessoas, quando sujeitos comuns participam do processo de crescimento e construção da identidade local, estabelecendo relações sociais, políticas e culturais. Levar em conta as bagagens e as vivências de uma comunidade, ou seja, preocupar-se com a inserção de seus membros no contexto histórico de valorização e promoção da cidadania é um dos anseios do ensino de História.

Schimidt (2009) nos lembra que os acontecimentos históricos devem ser repassados de forma que os sujeitos possam participar e atuar no “processo do fazer”, ou seja, é fundamental que haja uma participação ativa da comunidade. Para tanto, é preciso pensar em projetos que viabilizem uma participação interativa e colaborativa de pessoas que fazem parte de uma localidade, para que juntas possam construir um lugar mais democrático.

Tornar os sujeitos protagonistas do meio em que vivem, identificando-os como produtores de conhecimento e estimulando-os no envolvimento de ações que promovam o desenvolvimento de sua comunidade, fortalece os laços de pertencimento e forma uma identidade comunitária. A *Pedagogia Histórica Contextualizada*, apresentada e defendida na dissertação de mestrado desta pesquisadora, busca exatamente essas premissas. Por meio de ações de valorização e interação da comunidade, a pesquisa visa conciliar as ideias de dentro da academia e fora dela, pensando no protagonismo comunitário e trazendo em seu bojo reflexões acerca dos patrimônios históricos, arqueológicos e paleontológicos do município de Cruzeiro do Oeste.

Por meio da interação, a *Pedagogia Histórica Contextualizada* vincula o ensino e pesquisa da universidade com a extensão universitária, de maneira que torna possível trabalhar com a comunidade a partir de pontos de interação. Quando interagimos com ela e a mobilizamos, construímos um mecanismo de retroalimentação: ao formarmos a comunidade, fazemos as pessoas pensarem, refletirem e conseqüentemente produzirem conhecimento, e essa é a matéria-prima para pesquisarmos e produzirmos mais conhecimento. Assim, de forma colaborativa e cooperada, trazemos um bem comum em prol dos patrimônios da cidade.

De acordo com Lepetit (2011), a *Pedagogia Histórica Contextualizada* prioriza o trabalho feito por muitas mãos, envolvendo, portanto, diferentes saberes, mas sem que um se sobreponha a outro. Dessa maneira, o trabalho interdisciplinar pode ser visto como um mecanismo de estímulo à coletividade, pois permite que diferentes profissionais, como historiadores, geógrafos, pedagogos, arqueólogos, paleontólogos e museólogos, atuem juntamente com a comunidade para a construção de uma ciência cidadã. Isso possibilita ao indivíduo uma maior participação do mundo em que vive, tornando-o capaz de entender sua própria trajetória sociocultural e adquirir uma consciência civil, contribuindo para a construção da história.

4 HIPÓTESES

A implementação do “Ônibus-Museu: História e Paleontologia em Movimento” pode aumentar significativamente o nível de conhecimento e apreciação da herança paleontológica de Cruzeiro do Oeste entre os habitantes locais e visitantes, fortalecendo a identidade comunitária e incentivando o turismo educacional sustentável na região.

A integração de ferramentas digitais e interativas no Ônibus-Museu não apenas enriquecerá a experiência educacional oferecida, mas também atrairá um público mais jovem e conectado, promovendo uma maior interação e um engajamento com o conteúdo apresentado e a história paleontológica da região.

A abordagem da *Pedagogia Histórica Contextualizada* empregada no Ônibus-Museu permitirá uma conexão mais profunda e significativa entre os alunos e a História Local, transformando-os de simples receptores de informação para agentes ativos na construção e disseminação do conhecimento.

Por fim, o envolvimento direto da comunidade no processo de curadoria comunitária e compartilhamento de histórias orais no Ônibus-Museu irá não apenas preservar memórias valiosas, mas também promover um sentimento de pertencimento e responsabilidade compartilhada na manutenção e valorização do patrimônio paleontológico da região.

5 OBJETIVOS

5.1 Objetivo geral

Promover o desenvolvimento educacional, o engajamento comunitário e a preservação da memória por meio de um ônibus-museu itinerante centrado em História e Paleontologia:

- Desenvolvimento educacional: criar um ônibus-museu itinerante que ofereça uma experiência educativa interdisciplinar focada na História e na Paleontologia, utilizando a *Pedagogia Histórica Contextualizada* para alunos, professores e comunidade de Cruzeiro do Oeste e de cidades vizinhas;
- Engajamento comunitário: estimular o envolvimento ativo dos alunos e da comunidade no projeto, para tornarem-se não apenas consumidores, mas também produtores ativos de conhecimento relacionado à Paleontologia e à História Local;
- Preservação da memória: implementar um espaço dedicado à História Oral que preserve e valorize as memórias coletivas e individuais relacionadas à Paleontologia, “dinomania”, e outros aspectos culturais e históricos da região.

5.2 Objetivos específicos

- Promoção do turismo cultural: alavancar o Ônibus-Museu como uma ferramenta de promoção turística para Cruzeiro do Oeste, incentivando visitas de turistas interessados em Paleontologia e História;
- Formação de monitores juniores: capacitar alunos para atuar como monitores juniores, proporcionando-lhes oportunidades de aprendizado prático e de liderança;
- Fortalecimento da identidade local: reforçar o senso de identidade e pertencimento dos habitantes de Cruzeiro do Oeste em relação ao seu patrimônio paleontológico e histórico, por meio da curadoria comunitária e da integração de histórias locais no Ônibus-Museu;
- Disseminação do conhecimento: utilizar o Ônibus-Museu como plataforma para organização e participação em eventos, feiras de ciências, apresentações e workshops, disseminando conhecimento e promovendo a educação fora da sala de aula;
- Integração interdisciplinar: fomentar a colaboração entre professores de diferentes áreas do conhecimento, promovendo uma abordagem interdisciplinar de ensino em relação a temas de Paleontologia e História.

6 METODOLOGIA

O projeto “Ônibus-Museu: História e Paleontologia em Movimento” é um instrumento de difusão da cultura e da ciência que propicia o contato direto da população com suas próprias raízes, valorizando seus saberes e suas contribuições para o exercício da ciência e da cidadania. O conteúdo do Ônibus-Museu abordará três importantes eixos: a vida e sua diversidade, a promoção da cultura e memória e a intervenção do ser humano sobre o ambiente. Dessa forma, o projeto busca aproximar o público da pesquisa científica e da cultura local não apenas para ele apreciar, mas também para fazer parte deste projeto, que estará em constante construção.

O projeto tem como base teórica a *Pedagogia Histórica Contextualizada*, que busca integrar História e Paleontologia, valorizando a História Local, a História Oral e a História Pública. Com isso, ela promove uma educação interdisciplinar e imersiva que tanto estimula a preservação das memórias coletivas e individuais, incentivando a percepção da Paleontologia e História como parte integrante da narrativa local, quanto incentiva o protagonismo de estudantes, professores e comunidade, promovendo a participação ativa na valorização dos patrimônios cultural, artístico, arqueológico e paleontológico.

Para colocar esse projeto em operação, é necessário pensar uma logística completa: como as exposições serão montadas (a partir de seus eixos); quais materiais serão apresentados ao público; que tipos de oficinas serão ofertadas e para quem; quais locais serão destinados a palestras e mostras de vídeos; como o agendamento de horários para participação funcionará; e quem serão os mediadores para atuar junto ao público, se somente profissionais de diversas áreas, como história, geografia, biologia, arqueologia, paleontologia, entre outros, ou se também membros da própria comunidade. É preciso frisar que o envolvimento da gestão municipal constitui parte fundamental, pois são os recursos disponibilizados por ela que irão viabilizar a implementação desse projeto,

O Ônibus-Museu serve como espaço de incentivo à ciência e à pesquisa se puder contar com computadores conectados em rede para realização de cursos gratuitos de capacitação e de formação profissional. Também pode proporcionar momentos de aprendizagem lúdica e interativa por meio de jogos de realidade virtual sobre o patrimônio histórico-paleontológico do município e de toda a região, por exemplo, um *game* mostrando aspectos contextualizados da geografia, da história e da paleontologia.

Outra metodologia interativa e lúdica que pode fazer parte desse projeto são as aulas-oficinas com artistas plásticos e artesãos locais, para eles transmitirem seus conhecimentos à comunidade. Aliás, esse projeto deve servir como espaço de divulgação de trabalhos artísticos

realizados pela própria comunidade, por exemplo: esquete de teatro, música, poesia, entrevista, roda de conversas etc. Outro mecanismo metodológico para enriquecimento do projeto pode ser o trabalho de entrevistas com membros das comunidades e profissionais ligados a diferentes áreas de conhecimento, considerando aspectos memoriais e técnicas.

Enfim, com base na *Pedagogia Histórica Contextualizada*, o presente projeto se pauta em uma metodologia que traz a ciência, a interdisciplinaridade, os diferentes saberes, a curiosidade e as experiências cotidianas da comunidade na busca de uma ciência cidadã e que faça sentido a seus colaboradores e visitantes.

6.1 Componentes do Ônibus-Museu

Exposições interativas

Espaços dedicados à apresentação de réplicas de fósseis e à divulgação de informações contextuais, vinculando as descobertas paleontológicas ao cenário histórico-cultural local:

- Material audiovisual: projeções e documentários narrando a trajetória das descobertas paleontológicas locais e globais, com ênfase no contexto histórico.

Oficinas educativas

Estações de aprendizado prático sobre técnicas de escavação e identificação de fósseis:

- Alunos: participam ativamente das oficinas, aprendendo técnicas de escavação, identificando fósseis e atuando como monitores juniores para outros visitantes;
- Comunidade: ministram oficinas baseadas em experiências e conhecimentos locais e participam ativamente das atividades propostas.

Espaço de História Oral (projeto coletivo e comunitário)

Ambiente dedicado à partilha de vivências relacionadas à paleontologia e à “dinomania”, formando um rico repositório de memórias coletivas:

- Alunos: relatam vivências escolares relacionadas à paleontologia, como excursões, projetos e pesquisas;
- Comunidade: compartilham memórias da “dinomania”, experiências com o Museu Paleontológico e histórias familiares ligadas às descobertas paleontológicas.

Curadoria comunitária

- Alunos: ajudam na seleção e organização de materiais e conteúdo para as exposições (Pop Up Museum), assegurando que eles sejam relevantes e interessantes para sua faixa etária;

- Comunidade: contribuem com objetos pessoais, fotografias e outros itens de valor histórico e cultural para as exposições temporárias.

Pesquisas comunitárias

- Alunos: conduzem pesquisas sobre a História e a Paleontologia Local, explorando fontes primárias, como entrevistas e documentos antigos;
- Comunidade: auxiliam os alunos em suas investigações, fornecendo acesso a fontes primárias e compartilhando conhecimento local.

Eventos e divulgação

- Alunos: organizam e participam de eventos locais relacionados ao Ônibus-Museu, como feiras de ciências, apresentações e workshops;
- Comunidade: divulgam o Ônibus-Museu em canais comunitários, ajudando na organização de eventos e incentivando a participação dos vizinhos e amigos.

7 IMPACTOS ESPERADOS

- Enriquecimento do ensino de História ao abraçar temas paleontológicos e históricos de maneira contextualizada e relevante;
- Promoção do turismo cultural e histórico, valorizando o patrimônio local dos municípios envolvidos;
- Aprofundamento da conexão dos alunos com a história e o legado paleontológico de sua comunidade.

8 REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe Maria. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LEPETIT, Bernard. Por uma nova história urbana. *In*: SALGUEIRO, Heliana Angotti. **Arquitetura, geografia, história: usos da escala**. São Paulo: Edusp, 2011. p. 31-43.
- MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (org.). **Que História Pública queremos?** São Paulo: Letra e Voz, 2018.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares – Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, 1993.

- ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Publicizar sem simplificar: o historiador como mediador ético. *In: História Pública em debate: patrimônio, educação e mediações do passado.* São Paulo: Letra e Voz, 2018.

- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Consciência histórica e aprendizagem: teoria e pesquisa na perspectiva da educação histórica. *In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca. O ensino de História em questão: cultura histórica, usos do passado.* Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009.

ANEXOS

ANEXO A – Parecer consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
PARANÁ - UNESPAR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ENIGMAS E EXPECTATIVAS: Escavando o Passado Paleontológico em Cruzeiro do Oeste com Alunos dos Sextos Anos do Colégio Cívico Militar

Pesquisador: Michel Kobelinski

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 65433022.0.0000.9247

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.804.801

Apresentação do Projeto:

Foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2050819.pdf, de 14/11/2022): RESUMO, HIPÓTESE, METODOLOGIA, CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO.

A presente pesquisa, vinculada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Ensino de História – Prohístória -, linha de pesquisa “Saberes Históricos nos Espaços Escolares” visa aproximar os conteúdos da disciplina de história dos alunos dos sextos anos do Colégio Cívico Militar, localizado em Cruzeiro do Oeste - PR. A pesquisa e as atividades desenvolvidas para e com o alunado procura valorizar suas

vivências, expectativas e protagonismo em torno da aprendizagem, estudo e intervenção - escolar e pública - relacionadas a uma temática não convencional em história, a paleontologia. O fenômeno “dinomania” da Cultura Pop da década de 1990 foi reavivada neste município com as descobertas de fósseis de pterossauros (*Caiuajara dobruskii*), criação do Museu Paleontológico, divulgação científica (nacional e internacional) e incentivo ao turismo. A convivência da comunidade com informações, exposições e réplicas de animais extintos espalhadas por praças, parques e museu despertou o interesse da comunidade. Igualmente a curiosidade e o encantamento das crianças com essa temática nos permitiu levantar alguns questionamentos: Como trabalhar os conteúdos de paleontologia nas aulas de história? Como a História Oral e a História Pública podem contribuir para a formação intelectual e identitária desses alunos? Os

Endereço: Av: Gabriel Esperidião s/n sala 20
Bairro: Jardim Morumbi **CEP:** 87.703-000
UF: PR **Município:** PARANAVAI
Telefone: (44)99973-4064 **Fax:** (44)3141-4319 **E-mail:** cep@unespar.edu.br

ANEXO B – Carta de intenção do Projeto Geoparque Caiuá



MUNICÍPIO DE CRUZEIRO DO OESTE

Estado do Paraná
CNPJ 76.381.854/0001-27
Rua João Ormindo de Rezende, 686, CEP: 87.400-000
Telefone: (44)3676-8150 - www.cruzeirodoeste.pr.gov.br

Ofício nº 507/2023 – GP

Cruzeiro do Oeste/PR, 7 de agosto de 2023.

Ao Sr. Diretor-Presidente
CASSIANO DE SOUZA ALVES
Serviço Geológico do Brasil - SGB

Sr. Diretor-Presidente,

Cumprimentando-o cordialmente, vimos pelo presente solicitar a atenção deste Serviço Geológico Brasileiro – SGB no sentido de cooperação com pesquisas e levantamentos de geossítios de caracterização geológica da área pretendida para construção de um geoparque regional.

O Município de Cruzeiro do Oeste vislumbrou a possibilidade de integração com os Municípios de Tuneiras do Oeste, Mariluz, Formosa do Oeste e Alto Piquiri, levando-se em consideração aspectos como a Geodiversidade, Geoconservação e Geoturismo que interligam e fortalecem a região considerando o potencial de que em seu município existam geossítios.

O Geoparque Caiuá é um empreendimento de suma importância para a preservação, divulgação e valorização da rica herança geológica e cultural de nossa região, sendo que a identificação de geossítios é uma etapa crucial do projeto, pois nos permite reconhecer e delimitar áreas de relevância geológica e cultural, onde encontramos evidências únicas de processos geológicos, fósseis, formações rochosas e outros elementos que proporcionam um verdadeiro mergulho no passado. Através do mapeamento cuidadoso desses geossítios, podemos salvaguardar nosso patrimônio natural e cultural, garantindo que as futuras gerações tenham a oportunidade de apreciar e aprender com essas preciosidades.

A criação do Geoparque Caiuá trará inúmeros benefícios para toda a região. Dentre eles, destacam-se:

1. **Turismo Sustentável:** O Geoparque Caiuá atrairá visitantes interessados em conhecer e explorar as belezas naturais, científicas e históricas da região. Esses turistas trarão



MUNICÍPIO DE CRUZEIRO DO OESTE

Estado do Paraná

CNPJ 76.381.854/0001-27

Rua João Ormindo de Rezende, 686, CEP: 87.400-000

Telefone: (44)3676-8150 - www.cruzeirodoeste.pr.gov.br

desenvolvimento econômico, impulsionando o comércio local, a rede hoteleira e serviços turísticos.

2. **Conservação Ambiental:** A valorização dos geossítios e do patrimônio geológico local nos conscientizará sobre a importância de preservar o meio ambiente e contribuir para ações de sustentabilidade.
3. **Educação e Conscientização:** O Geoparque será uma valiosa ferramenta educacional, permitindo que escolas e instituições promovam a conscientização sobre geologia, história natural e cultura local.
4. **Fortalecimento de Parcerias:** A colaboração entre nossas prefeituras fortalecerá o trabalho conjunto em projetos futuros, ampliando as possibilidades de crescimento e desenvolvimento regional.

Cruzeiro do oeste possui um geossítio paleontológico que possibilitou a descoberta dos únicos pterossauros da região Sul do Brasil e dos únicos dinossauros do Estado do Paraná. Objetiva demonstrar o reconhecimento da preciosidade geológica/paleontológica que Cruzeiro do Oeste (PR) possui e que assim sendo, merece ser divulgado para o Mundo, a partir da criação de um geoparque e a inserção deste, na Rede Global de Geoparques, sob a chancela da UNESCO.

A partir da constituição de dois ou mais geossítios em Cruzeiro do Oeste e Região, abre-se a oportunidade para a formação de um elemento que é de desejo da nossa população, a criação de um Geoparque. A partir da criação do Geoparque, parte-se para uma próxima etapa, que é a vinculação deste à rede Global de Geoparque da UNESCO. Sobre este, é uma área geográfica designada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como um local de importância geológica internacional. Os Geoparques (ou Geoparks) são reconhecidos por seu valor científico, educacional e turístico, e seu objetivo principal é promover a conservação, a educação e o desenvolvimento sustentável nas regiões em que estão localizados.

Para ser reconhecido como um Geoparque da UNESCO, um local deve atender determinados critérios. Esses critérios incluem a presença de relevância geológica significativa, diversidade geológica, importância científica, educação pública e engajamento das comunidades locais, pré-requisitos estes, já cumpridos pelo geossítio paleontológico de Cruzeiro do Oeste.

**MUNICÍPIO DE CRUZEIRO DO OESTE**

Estado do Paraná

CNPJ 76.381.854/0001-27

Rua João Ormindo de Rezende, 686, CEP: 87.400-000
Telefone: (44)3676-8150 - www.cruzeirodoeste.pr.gov.br

A descoberta de geossítios nos Municípios que possivelmente integrarão o Geoparque, não impedirá atividades nas referidas áreas uma vez que não haverá criação de Unidades de Conservação.

Por fim, a transformação da região acima mencionada em um Geoparque Global da UNESCO trará benefícios científicos, educacionais, turísticos e econômicos para a região. Além disso, o Geoparque promoverá o desenvolvimento sustentável, estimulando o turismo responsável e envolvendo ainda mais as comunidades locais na conservação e valorização do patrimônio natural. A região se beneficiará economicamente e culturalmente, além de se tornar um ponto de referência internacional no estudo e na apreciação da história da Terra.

Sendo o que se apresenta para o momento, reiteramos nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,


MARIA HELENA BERTOÇO RODRIGUES

Prefeita Municipal

ANEXO C – Competências específicas de História para o Ensino Fundamental



COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE HISTÓRIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.
3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.
4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
5. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.
6. Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.
7. Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.

ANEXO D – Professora cria projeto de incentivo à pesquisa paleontológica

06/09/2023, 11:13

Em Cruzeiro, professora cria projeto de incentivo à pesquisa paleontológica

Quem somos | Seja um franqueado | Contato | Quarta-feira, 06 de Setembro de 2023 | Olá! Cadastre-se ou faça login

PORTAL DA CIDADE
CRUZEIRO DO OESTE

Outras cidades

Encontre no portal

HOME NOTÍCIAS GUIA COMERCIAL EVENTOS PAPO DE ESPECIALISTA EMPREGOS IMÓVEIS VEÍCULOS

elros
Ki Barato
GIGANTE DOS PREÇOS BAIXOS

Moda Feminina e Masculina - Infante Juvenil - Cama - Mesa e Banho -

Rua Peabiru, nº 590 | Centro | Cruzeiro do Oeste | Paraná | lojaelros@hotmail.com | (44) 99

EDUCAÇÃO

Em Cruzeiro, professora cria projeto de incentivo à pesquisa paleontológica

O projeto foi iniciado com uma visita dos alunos ao Museu Paleontológico de Cruzeiro do Oeste

Publicado em 17/05/2022 às 12:34
Atualizado em 17/05/2022 às 15:01



Professora Flavia com os alunos que realizaram as apresentações. (Foto: Portal da Cidade Cruzeiro do Oeste)

A professora Flavia Pires de Almeida realizou com os alunos do 6º ano A, B e C do Colégio Cívico Militar de Cruzeiro do Oeste uma exposição na área da paleontologia com o tema "Um monte de Ossos".

O trabalho desenvolvido faz parte do mestrado da professora no programa Proffhistoria da Universidade Estadual do Paraná referenciando a 20ª Semana dos Museus e o Pop Museu com intuito de transmitir conhecimento, trabalho em grupo e despertar a paixão dos estudantes pela pesquisa científica no meio paleontológico, valorizando a história e o futuro do município.

<https://cruzeirodoeste.portaldacidade.com/noticias/cidade/em-cruzeiro-professora-cria-projeto-de-incentivo-a-pesquisa-paleontologica-5505#>

1/9

06/09/2023, 11:13

Em Cruzeiro, professora cria projeto de incentivo à pesquisa paleontológica



O projeto foi iniciado com uma visita dos alunos ao Museu Paleontológico de Cruzeiro do Oeste, onde eles aprenderam sobre o funcionamento e trabalho realizado por paleontólogos e pesquisadores. Na sequência os alunos fizeram fósseis de gesso baseados em dinossauros de brinquedos com molde de massinha de modelar.

06/09/2023, 11:13

Em Cruzeiro, professora cria projeto de incentivo à pesquisa paleontológica



Também, lhes foram apresentados alguns materiais do cotidiano como pincéis de tinta, espátulas de unha e até instrumentos ortodônticos, que podem ser utilizados para pesquisa paleontológica.



Na tarde desta segunda-feira (16) o projeto foi finalizado com uma apresentação para todo o colégio cívico militar e convidados, onde os alunos apresentaram os materiais desenvolvidos em sala.

Durante o projeto, os alunos tiveram a oportunidade de expressar os sentimentos em relação a visita ao Museu Paleontológico.

06/09/2023, 11:13

Em Cruzeiro, professora cria projeto de incentivo à pesquisa paleontológica



Descoberta

O que mais me chamou atenção foi como diferenciar fósseis adultos e fósseis filhotes, pelo simples fato dos filhotes andarem em grupos e os adultos andarem separados.

Eloiã Zampiere Fernandes / Aluna do 6º ano C

"Eu amei o Museu, eu já tinha ido lá mas não achava a menor graça, pra mim era só ossos de milhões de anos atrás. Lá no Museu eu aprendi o que são fósseis e a importância deles para a nossa cidade, aprendi também que não são só fósseis velhos, mas que cada um deles tem uma história. Desta vez foi muito mais legal, porque a minha amiga Erika estava lá e nós olhamos fascinadas para tudo aquilo, foi um dia bem legal". Ana Beatriz Casemiro - estudante do 6º ano A

Estiveram prestigiando a apresentação a Prefeita Helena Bertoco, a Diretora do Museu Paleontológico Vanda Bueno acompanhada da Pesquisadora Neurides Martins e a Secretária de Desenvolvimento Econômico e Turismo.



O Portal da Cidade Cruzeiro do Oeste parabeniza a Coordenadora do projeto, Flavia Pires de Almeida e todos os responsáveis por essa apresentação super importante para o nosso município.

Fonte: Portal da Cidade Cruzeiro do Oeste

#Compartilhe
com seus amigos



Deixe seu comentário

ANEXO E – Reportagem: Um Monte de Ossos?

06/09/2023, 11:29

Exposição: Um... - Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste | Facebook



Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste está no Facebook. Para se conectar a Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste, entre no Facebook.

Entrar

ou

Participar



Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste

17 de maio de 2022 às 00:12 ·

Exposição: Um Monte de Ossos?

Os alunos do Colégio Cívico de Militar de Cruzeiro do Oeste realizaram nesta segunda-feira (16) uma exposição na área da paleontologia, coordenados pela professora Flávia Pires de Almeida que através da administração do colégio convidou a prefeita Helena Bertoco para prestigiar a exposição.

O trabalho desenvolvido faz parte do mestrado da professora no programa Prohitoria da Universidade Estadual do Paraná referenciando a 20ª Semana dos Museus e o Pop Museu com intuito de transmitir conhecimento, trabalho em grupo e despertar a paixão dos estudantes nas pesquisas científicas e no meio paleontológico, valorizando a história e o futuro do nosso município.

A exposição tinha como tema, "Um monte de Ossos?" e contou com a participação dos alunos do 6º ano A, B e C, onde apresentam desde os primeiros indícios até as ferramentas utilizadas nas escavações, confeccionaram também formas representando os fósseis, decoraram o espaço e agregaram todo conhecimento adquirido em sala em uma apresentação dinâmica para todo os alunos e equipe pedagógica do colégio. Além disso, os estudantes receberam o apoio da equipe do Museu de Paleontologia de Cruzeiro do Oeste.

"É gratificante poder ver o brilho nos olhos dos nossos jovens quando o assunto é dinossauro. O nosso município vem se destacando nas pesquisas e no turismo que a paleontologia está proporcionando e isso é muito importante para o desenvolvimento cultural e econômico na vida da nossa população e eu como gestora estou trabalhando em projetos de desenvolvimento sustentável da ONU, projetos de infraestrutura e de incentivo para impulsionar ainda mais o nosso município. Quero parabenizar a professora Flávia e os alunos pela dedicação e empenho para que essa exposição pudesse acontecer de forma tão organizada, contando a nossa história e representando ações de incentivo ao estudo, a valorização cultural histórica. Quero agradecer também a secretária de Desenvolvimento Econômico e Turismo, Francielle Carvalho, a pesquisadora Neurides Martins e a professora Vanda Bueno que nos acompanha esta tarde", disse a prefeita Helena Bertoco.



Mais 7

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid02dRQ5AFGomLEUBKJx8fIL6pk9QZBUj2NA6aVCSd4LIVevmzJ3vjGYYdDzFYDv9kel&id=19... 1/3

06/09/2023, 11:29

Exposição: Um... - Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste | Facebook



Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste está no Facebook. Para se conectar a Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste, entre no Facebook.

ou



Lourdes Cabrobó

Parabéns a todos os envolvidos!!!

1 ano [Denunciar](#)

Maria Lúcia Periotto

Parabéns aos coordenadoresve aos meninos

1 ano [Denunciar](#)

Flávia Pires de Almeida

Foi um prazer ter a presença de mulheres tão especiais prestigiando nossos estudantes.

1 ano [Denunciar](#)

mauro Fugimoto

Muito bom parabéns a todos

1 ano [Denunciar](#)

Cleidinea Becker Becker

Excelente professora... parabéns.

1 ano [Denunciar](#)

Elzimar Depaula

1 ano [Denunciar](#)

Renata Aparecida Almeida Zago

Minha irmã **Flávia Pires de Almeida** parabéns pelo lindo trabalho. Que Deus lhe capacite a cada dia.....1 ano [Denunciar](#)

Laudete Maria de Almeida

Parabéns professora Flávia valeu o esforço e dedicação. Belo trabalho que Deus te capacite cada vez mais.

1 ano [Denunciar](#)

Ver mais comentários...

ANEXO F – XX Semana Nacional de Museus (SNM): O Poder dos Museus

06/09/2023, 11:41 De 16 a 22 de maio... - Mestrado ProfHistória Unespar | Facebook

Mestrado ProfHistória Unespar está no Facebook. Para se conectar a Mestrado ProfHistória, entre no Facebook.

Entrar

ou

Participar

Mestrado ProfHistória Unespar está com Michel Kobelinski.
14 de abril de 2022 às 19:26 ·

De 16 a 22 de maio acontecerá a vigésima Semana Nacional de Museus (SNM), que traz o tema: O Poder dos Museus.

E de grande importância reconhecer o Poder dos Museus. Isso pode ser libertador!

O Poder dos Museus está presente em suas ações de pesquisa, preservação, conservação, educação, comunicação, ação cultural, gestão, inovação tecnológica, cumprimento de suas funções sociais e criação de repertórios para o futuro. Os museus são construtores de futuro e por isso são poderosos.

Organizada pelo Instituto Brasileiro de Museus, a 20ª SNM terá, mais uma vez, a participação do Programa de Pós-Graduação em História Pública e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História. A programação das nossas atividades, que serão online e presenciais, está disponível aqui:
<https://ppghp.unespar.edu.br/eventos/20a-semana-nacional-dos-museus/programacao-snm-2022.pdf>

Participe conosco!



8 compartilhamentos

 Laudete Maria de Almeida
Parabéns por toda essa dedicação minha filha ,Deus a frente
1 ano Denunciar

 Josinaldo Santhus
Show.
Parabéns a todos Michel Kobelinski
1 ano Denunciar

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid024PdoSHMQ9Cb4xCtuUgtfRHaxWmDPSiPQd4DN2VhfWkQJNtpA8PUUkM73ukjvTMk7i&id=... 1/1

ANEXO G – Exposição Virtual: História, Público & Performances

06/09/2023, 11:50 Exposição Virtual: História, Públicos... - Michel Kobelinski | Facebook

Michel Kobelinski está no Facebook. Para se conectar a Michel, entre no Facebook.

ou



Michel Kobelinski

13 de setembro de 2022 às 10:48 · Instagram ·

Exposição Virtual: História, Públicos & Performances. 16ª Primavera dos Museus - IBRAM. Visitação entre os dias 19 e 25 de setembro, com certificação para os visitantes. Aguardem o link, por favor!
#PrimaveraDosMuseus2022 #Outros200 #OutrasHistórias #museus #museusuniversitarios #museusbr #museusbrasileiros #primaveradasmusus #primaveradasmusus2022



4 compartilhamentos



Flávia Pires de Almeida
Prof. Coloca para compartilhar.

12 meses [Denunciar](#)



Michel Kobelinski respondeu · 1 resposta

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid05Usl7cbYGECX6BdfPugg6VmSUKngwCWwK93ZjmK2Rg8ad9sZ8LuYCG8QgE2kodM2GV&id... 1/1

ANEXO H – Reportagem publicada pela Prefeitura de Cruzeiro do Oeste

03/09/2023, 18:52 Valorização e... - Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste | Facebook

facebook Entrar

 **Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste**
30 de maio · 🌐

Valorização e Pertencimento

Não há nada mais significativo para a humanidade, do que se reconhecer como sujeitos que passaram pela vida, pela história e deixaram boas marcas, impressões. Fazer história e deixa-las para as futuras gerações, a tempo deixou de privilégio dos grandes nomes, dos importantes cargos; hoje por meio da História Local, as pessoas que fazem parte de nossa comunidade também ganham voz em suas narrativas - que não encontramos escritas em nenhum livro – e ganham importância para o processo de ensino-aprendizagem de nossas crianças e jovens.

Dar voz as pessoas de nossa comunidade para contar suas vivências, suas memórias, favorece a valorização da nossa gente, e os benefícios acontecem tanto para quem narra como para quem escuta. A troca de experiências aproxima gerações, cria um sentimento de importância de utilidade, trazer memórias e lembranças favorece o sentimento de pertencimento, de orgulho, de identidade cultural de um povo.

Os estudantes do Colégio Cívico Militar de Cruzeiro do Oeste, orientados pela professora Flávia Pires de Almeida, na disciplina de história, puderam vivenciar de perto essa experiência. Em uma aula nada convencional, foram para a praça principal da cidade, ouvir e aprender a história dos primeiros achados paleontológicos, os quais deram ao município o título de "Cidade dos Dinossauros"! E o professor, nesse dia, foi um dos membros da comunidade, o senhor João Gustavo Dobruski, morador da cidade que juntamente com o seu pai Alexandre Dobruski, foram os "descobridores" dos primeiros fósseis de pterossauros.

Foi um momento de muita troca, onde os alunos fizeram perguntas e o senhor Gustavo os relataram detalhes de uma rica história, contando: desde a chegada da família ao município, como era a sua vida, o seu trabalho, até a descoberta dos fósseis. Uma fantástica experiência, cheia de significados, onde a história foi transmitida pela oralidade, pela troca de olhares, vivenciando momentos de muita emoção.

Aproximar escola e comunidade na construção do conhecimento, além de ser uma excelente fonte de informação, gera o sentimento de orgulho de uma localidade, mostrando aos jovens, que o lugar do qual fazem parte, não está isolado do mundo, mas, que faz parte de um processo histórico.

Os estudantes do Colégio Estadual Cívico Militar, assim como a professora Flávia, vêm em público agradecer ao senhor João Augusto Dobruski, a oportunidade dessa rica experiência.

Texto: professora Flávia



<https://www.facebook.com/100066626438573/posts/pfbid028quhwgeLpz2XnxGka4JBLvKB0CDm2bqPJEm54nPK6K0tBX223spyc5NwEoexZsnW/...> 1/5

facebook

Entrar



40

16 11

Curtir

Comentar

Mais relevantes



Cristina Zulato Magalhães

Parabéns Flávia pelo excelente trabalho que vem desenvolvendo junto com seus alunos.

13 sem



Vanderléia Rigotto

Parabéns, pelo seu trabalho junto aos alunos, motivando e ensinando conceitos com exemplos tão próximos a nossa realidade e você conseguiu desenvolver esta tarefa com maestria e dedicação!!!!

13 sem



03/09/2023, 18:52

Valorização e... - Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste | Facebook

facebook

Entrar

**Rosângela Mano**

Parabéns a professora Flávia e alunos.
Trabalho de excelência pois, possibilitou aos alunos complementar a teoria com o concreto, visitando o museu, conversando, entrevistando... além de enaltecer o nome do Colégio e da cidade dos dinossauros Cruzeiro do Oeste.
Para os alunos ficará para sempre registrado em suas memórias um aprendizado e uma grande satisfação em fazer parte da pesquisa de mestrado da professora.
O Colégio Estadual CCM, fica orgulhoso pelo trabalho maravilhoso!!!
Sucesso!!! 🍌🍌🍌🍌

13 sem

**Renata Patricia**

Parabéns pelo trabalho tão lindo e de tanta dedicação e amor!

13 sem

**Ivone Watermann**

Como é interessante esse trabalho da professora Flávia, juntou o conhecimento popular e o Científico referente a descoberta dos dinossauros em nosso município de Cruzeiro do Oeste. Parabenizo ao Colégio Estadual Cívico Militar por apoiar a professora no desenvolvimento de sua pesquisa. Sempre criando bons cidadãos.

13 sem

**Arlete Calgaro**

Parabéns prof. Flávia, vc vem se destacando e provando que o ensino pode e deve ser de qualidade, continue assim, de forma excelente desempenhando seu papel de Mestre, com toda certeza fazendo a diferença. Parabéns. Bjsssssssss

13 sem

**Francielle Carvalho**

Com certeza um diferencial!!! Parabéns professora Flávia Pires de Almeida pelo excelente trabalho que vem desenvolvendo em nosso Município 🍌🍌

13 sem

**Laudete Maria de Almeida**

Isso é muito importante pô nosso município divulguem, somos a cidade dos dinossauros. Parabéns professora Flávia pelo empenho..

13 sem



03/09/2023, 18:52

Valorização e... - Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste | Facebook

facebook

Entrar

**Maria Ivone Queiroz**

Parabéns Flávia ,que bom vc com seu trabalho despertar o interesse dos alunos pois e de suma importância pra história de nossa cidade e faz os alunos perceberem que sem o PROFESSOR ,QUASE NADA SE APRENDE . obrigada por sua dedicação e trabalho árduo , Deus abençoe.

13 sem

**Shirlei Marangona**

Parabéns professora Flávia!

13 sem

**Cleidineia Lima**

Parabéns pelo belíssimo trabalho, transformando nossos estudantes em protagonista da escola, você é uma excelente professora.

13 sem

**Renata Aparecida Almeida Zago**

Parabéns pelo lindo trabalho que sempre fez como professora.

13 sem

**Melyne Movio**

Parabéns 🍌🍌

13 sem

**Edna Pereira Fernandes Ollmann**

Sucessos Flávia

13 sem

**Dany Zirolto**

Parabéns Flávia Pires de Almeida !

Trabalhos como esses são muito significativos para os alunos e contribuem imensamente para o processo de ensino-aprendizagem. São experiências que eles dificilmente irão esquecer.



13 sem

**Osmar Mirian Guedes**

Parabéns pelo excelente trabalho desenvolvido com os nossos alunos!!

Sabemos que o passado educa o presente para o futuro!!!

E é imprescindível imaginar um futuro diferente com base nas experiências que já vivemos!!! Parabéns e muito sucesso!!!

13 sem



2